

CIÊNCIAS HUMANAS

Diálogos para o Amanhã



Jader Silveira
Resiane Silveira
Orgs.


Editora
PROGRESSO

CIÊNCIAS HUMANAS

Diálogos para o Amanhã



Jader Silveira
Resiane Silveira
Orgs.


Editora
PROGRESSO

© 2024 – Editora Progresso

www.editoraprogresso.com.br

progressoeditorial@gmail.com

Organizadores

Jader Luís da Silveira

Resiane Paula da Silveira

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Progresso

Revisão: Respectiveos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Silvia Mara da Silva, Universidade Estadual de Maringá, UEM

Ma. Silvana Maria Aparecida Viana Santos, Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, FICS

Ma. Yanne Maira Silva, Universidade Federal de Uberlândia, UFU

Dr. Guilherme Esteves Galvão Lopes, Fundação Getúlio Vargas, FGV

Ma. Grazielle Gorete Portella da Fonseca, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC

Me. Tiago José da Silva Tabayara, Universidade Federal do Pará, UFPA

Ma. Sofia de Moraes Arnaldo, Universidade de Fortaleza, UNIFOR

Me. Denilson Marques dos Santos, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Ma. Larissa Cristina Cardoso dos Anjos, Universidade Federal do Amazonas, UFAM

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, SEEMG

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

| | |
|-------|--|
| | Silveira, Jader Luís da |
| S587c | Ciências Humanas: Diálogos para o Amanhã - Volume 1 / Jader Luís da Silveira, Resiane Paula da Silveira (organizadores). – Formiga (MG): Editora Progresso, 2024. 119 p. : il. |
| | Formato: PDF |
| | Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader |
| | Modo de acesso: World Wide Web |
| | Inclui bibliografia |
| | ISBN 978-65-83392-00-8 |
| | DOI: 10.5281/zenodo.14037263 |
| | 1. Ciências Humanas. 2. Ideias. 3. Diálogos. I. Silveira, Resiane Paula da. II. Título. |
| | CDD: 394 |
| | CDU: 301 |

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Progresso
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.editoraprogresso.com.br
progressoeditorial@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.editoraprogresso.com.br/2024/11/ciencias-humanas-dialogos-para-o-amanha.html>



AUTORES

**Fabiano Moraes do Amaral
Franklim Drumond de Almeida
Helenória de Albuquerque Mello
Hilderline Câmara de Oliveira
Idário Oliveira da Silva
Rodrigo Silva Teixeira
Sérgio Rodrigues de Souza**

APRESENTAÇÃO

Em uma era marcada pela interconexão global e por transformações sociais, econômicas e ambientais sem precedentes, as ciências humanas se destacam como baluartes de reflexão crítica e de compreensão profunda das dinâmicas que moldam o comportamento humano e as estruturas sociais. A obra *Ciências Humanas: Diálogos para o Amanhã* surge com o propósito de reunir pensadores, acadêmicos e estudiosos para um diálogo plural, em que se investigam questões essenciais sobre a condição humana, a complexidade das relações interpessoais e as perspectivas para o futuro da sociedade.

Este livro é um convite ao leitor para que explore uma multiplicidade de saberes e de pontos de vista, promovendo uma abordagem interdisciplinar que valoriza a integração entre áreas como a filosofia, a sociologia, a antropologia, a psicologia e a história. Ao adotar uma linguagem culta e analítica, a obra traz uma contribuição relevante para o campo das ciências humanas, proporcionando um espaço para reflexões que transcendem o mero relato dos fenômenos sociais e adentram o terreno da interpretação e da construção de sentidos. Os diálogos apresentados aqui refletem as preocupações contemporâneas com temas como identidade, diversidade, ética, poder e sustentabilidade, colocando em foco a importância das ciências humanas na compreensão dos desafios globais.

Os capítulos são construídos sobre a premissa de que o saber humano não se desenvolve de maneira isolada, mas sim em constante interação e evolução. Com essa visão, a obra não apenas promove o entendimento crítico dos dilemas do presente, mas também lança as bases para debates que poderão influenciar o desenvolvimento social e cultural das próximas gerações. A obra examina, de forma aprofundada, o papel das ciências humanas em momentos de crise e de mudança, reafirmando a relevância de uma perspectiva humanista para a construção de um futuro inclusivo, equitativo e democrático.

Esta coletânea se configura, portanto, como uma jornada intelectual e crítica, que desafia o leitor a repensar conceitos estabelecidos e a abrir-se para novas perspectivas. Em uma sociedade que, por vezes, valoriza excessivamente a objetividade das ciências exatas e das inovações tecnológicas, esta obra se ergue

como um manifesto sobre a importância do entendimento humano e da capacidade de diálogo como instrumentos de transformação.

Assim, com um compromisso inequívoco com a busca pelo conhecimento e pelo entendimento mútuo, o livro é um chamado para que todos os envolvidos na criação e na disseminação do saber humanístico continuem a desenvolver diálogos que alimentem o espírito crítico e promovam um engajamento ético com os desafios do porvir. Espera-se que a obra inspire uma nova geração de leitores a enxergar as ciências humanas não como um fim, mas como um meio para a construção de um amanhã mais humano, inclusivo e consciente.

SUMÁRIO

| | | |
|--|--|------------|
| Capítulo 1 | | |
| ENDOMARKETING EFICAZ: COMO A NEUROPSICOLOGIA REVOLUCIONA O AMBIENTE CORPORATIVO - ESTUDO DE CASO DE UMA EMPRESA DA SERRA GAÚCHA | | 09 |
| <i>Fabiano Moraes do Amaral</i> | | |
| <hr/> | | |
| Capítulo 2 | | |
| A DANÇA COMO UMA APROXIMAÇÃO AO ENTENDIMENTO DO CORPO ADOLESCENTE | | 20 |
| <i>Rodrigo Silva Teixeira</i> | | |
| <hr/> | | |
| Capítulo 3 | | |
| A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PODE VIR A TER EXISTÊNCIA AUTÔNOMA? | | 30 |
| <i>Sérgio Rodrigues de Souza</i> | | |
| <hr/> | | |
| Capítulo 4 | | |
| AS RELAÇÕES CAPITALISTAS NO CÁRCERE: PERCEPÇÕES SOBRE A REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIOECONÔMICAS | | 53 |
| <i>Helenória de Albuquerque Mello; Hilderline Câmara de Oliveira</i> | | |
| <hr/> | | |
| Capítulo 5 | | |
| A TECEDURA DO LOGOS NO FEDRO DE PLATÃO | | 74 |
| <i>Franklim Drumond de Almeida</i> | | |
| <hr/> | | |
| Capítulo 6 | | |
| O LUGAR DE FALA DE DOCENTES E DISCENTES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS | | 88 |
| <i>Idário Oliveira da Silva</i> | | |
| <hr/> | | |
| Capítulo 7 | | |
| FRACASSO ESCOLAR NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA | | 102 |
| <i>Sérgio Rodrigues de Souza</i> | | |



Capítulo 1
ENDOMARKETING EFICAZ: COMO A
NEUROPSICOLOGIA REVOLUCIONA O AMBIENTE
CORPORATIVO - ESTUDO DE CASO DE UMA
EMPRESA DA SERRA GAÚCHA
Fabiano Moraes do Amaral

ENDOMARKETING EFICAZ: COMO A NEUROPSICOLOGIA REVOLUCIONA O AMBIENTE CORPORATIVO - ESTUDO DE CASO DE UMA EMPRESA DA SERRA GAÚCHA

Fabiano Moraes do Amaral

Possui pós-graduação em Psicologia Organizacional e Neuropsicologia pela Faveni, com graduação em Administração pela UCS. Atualmente, é discente de Psicologia na Uniftec, dedicando-se à pesquisa acadêmica em Psicologia Organizacional Gênero e Sexualidade.

RESUMO

Este artigo tem como propósito examinar as consequências do endomarketing, da psicologia organizacional e da neuropsicologia na promoção do bem-estar e da produtividade no contexto ambiente de trabalho. A pesquisa foi realizada de maneira participativa em uma empresa localizada na Serra Gaúcha - RS e contou com uma rigorosa revisão bibliográfica.

A neuropsicologia constitui um campo de estudo dedicado à análise das interações entre o cérebro e as manifestações comportamentais humanas. O que é relevante para entender como os processos mentais e emocionais dos colaboradores podem ser influenciados positivamente no ambiente de trabalho.

Os resultados destacam que a implementação de estratégias de endomarketing, como uma comunicação interna efetiva, reconhecimento e recompensas, iniciativas para bem-estar estímulo ao trabalho em equipe, em conjunto com os princípios da psicologia organizacional e da neuropsicologia, como a compreensão das necessidades e motivações dos colaboradores e o cuidado com o bem-estar mental, colaboram para estabelecer um meio de trabalho saudável e estimulante.

Essas práticas resultam em maior satisfação dos funcionários, diminuição da frequência de faltas e da taxa de turnover, além de impactar positivamente a produtividade e a qualidade do trabalho. Portanto, conclui-se que o endomarketing, a psicologia organizacional e a neuropsicologia desempenham uma função crucial na fomentação do bem-estar e na otimização do desempenho laboral, trazendo vantagens tanto para os funcionários como para as organizações.

Ao considerar a neuropsicologia nesse contexto, é possível entender melhor como as ações e estratégias adotadas podem influenciar o cérebro e o funcionamento cognitivo dos colaboradores, resultando em melhorias significativas na sua saúde mental e no desempenho profissional. A inclusão da neuropsicologia na análise amplia o escopo da pesquisa e fortalece as conclusões sobre a importância do cuidado com o bem-estar psicológico dos funcionários no ambiente de trabalho.

Palavras-chave: Endomarketing. Psicologia Organizacional. Neuropsicologia, Bem-estar. Produtividade.

ABSTRACT

This article aims to examine the consequences of endomarketing, organizational psychology, and neuropsychology in promoting well-being and productivity in the workplace environment. The research was conducted in a participatory manner in a company located in Serra Gaúcha - RS and was supported by a thorough bibliographic review. Neuropsychology is a field of study dedicated to analyzing the interactions between the brain and human behavioral manifestations. This is relevant to understanding how employees' mental and emotional processes can be positively influenced in the work environment.

The results highlight that the implementation of endomarketing strategies, such as effective internal communication, recognition and rewards, well-being initiatives, and team-building stimulation, in conjunction with the principles of organizational psychology and neuropsychology, such as understanding employees' needs and motivations and caring for mental well-being, contribute to establishing a healthy and stimulating work environment.

These practices result in higher employee satisfaction, reduced absenteeism, and turnover rates, as well as positively impacting productivity and work quality. Therefore, it is concluded that endomarketing, organizational psychology, and neuropsychology play a crucial role in fostering well-being and optimizing work performance, bringing benefits to both employees and organizations.

By considering neuropsychology in this context, it is possible to better understand how the actions and strategies adopted can influence the brain and employees' cognitive functioning, resulting in significant improvements in their mental health and professional performance. The inclusion of neuropsychology in the analysis broadens the research scope and strengthens the conclusions about the importance of caring for employees' psychological well-being in the workplace.

Keywords: Organizational Psychology. Neuropsychology. Well-being. Productivity.

INTRODUÇÃO

No contexto empresarial atual, o bem-estar e a produtividade dos colaboradores constituem elementos indispensáveis para o êxito das organizações. Em um cenário dinâmico e competitivo, empresas que conseguem estabelecer um ambiente de trabalho que promova saúde e inspiração têm maior probabilidade de atrair, manter e engajar talentos, além de elevar a produtividade e reduzir despesas. Para fomentar o bem-estar e aumentar a eficiência no local de trabalho, as empresas podem tirar proveito de uma abordagem interdisciplinar que incorpore elementos do endomarketing, da psicologia organizacional e da neuropsicologia.

No ambiente empresarial contemporâneo, a saúde e a satisfação dos funcionários não são apenas preocupações secundárias, mas fatores cruciais para a eficácia e sustentabilidade das organizações. Colaboradores saudáveis, felizes e motivados são ativos inestimáveis que impulsionam o crescimento e a competitividade das empresas. A pesquisa e o desenvolvimento de estratégias para promover o bem-estar dos colaboradores são fundamentais para o sucesso a longo prazo das organizações.

O endomarketing, estratégia voltada para o público interno, visa estabelecer vínculos robustos entre a empresa e seus colaboradores. Além de engajar e motivar, o endomarketing reconhece os colaboradores como agentes-chave na promoção da marca e no sucesso organizacional. Essa abordagem, somada à análise da neuropsicologia, oferece novas perspectivas sobre como as estratégias internas podem impactar processos mentais e emocionais, amplificando seus efeitos benéficos na produtividade e no ambiente de trabalho.

Gronroos (2003) destaca a relevância do endomarketing ao afirmar que "abordagens direcionadas ao público interno desempenham um papel fundamental em fortificar a conexão entre a empresa e seus funcionários, estabelecendo laços duradouros e estimulantes". Nesse sentido, o endomarketing busca engajar e motivar os colaboradores, reconhecendo sua importância como embaixadores da marca e promotores do sucesso organizacional. Além disso, a inclusão da neuropsicologia na análise pode oferecer novas perspectivas sobre como as estratégias de endomarketing podem impactar o cérebro e o bem-estar mental dos colaboradores, potencializando ainda mais seus efeitos positivos na produtividade e no ambiente de trabalho.

Num cenário empresarial dinâmico e competitivo, o bem-estar dos colaboradores é de suma importância. Colaboradores que experimentam motivação, engajamento e satisfação tendem a demonstrar maior produtividade, criatividade e dedicação. Nesse contexto, o endomarketing e a psicologia organizacional, com o apoio da neuropsicologia, emergem como ferramentas eficazes para reforçar os vínculos entre a empresa e os funcionários. Isso se traduz em valorização profissional, alinhamento com valores corporativos e disseminação da cultura organizacional.

A psicologia organizacional, aliada à neuropsicologia, proporciona um entendimento profundo dos fatores psicológicos que moldam comportamentos no ambiente de trabalho. Analisando clima organizacional, motivação, liderança, trabalho em equipe e outros aspectos, torna-se possível identificar oportunidades de aprimoramento e implementar estratégias que fomentem o bem-estar e a produtividade. Considerar os aspectos neurocognitivos potencializa essas ações.

Este artigo apresentará um estudo de caso de uma empresa da Serra Gaúcha, reconhecida por sua inovação e responsabilidade ambiental. Serão examinadas suas práticas de endomarketing, psicologia organizacional e neuropsicologia, assim como os impactos observados no bem-estar e na produtividade dos colaboradores. Nesta análise, buscaremos avaliar como as estratégias de endomarketing, psicologia organizacional e neuropsicologia têm contribuído para o bem-estar e a produtividade dos seus colaboradores, além de identificar lições aprendidas, a fim de fornecer recomendações valiosas para outras organizações interessadas em cultivar um ambiente de trabalho saudável e motivador.

É de suma importância ressaltar que o propósito deste artigo é enriquecer tanto o entendimento teórico quanto prático, ao proporcionar perspectivas essenciais para gestores, profissionais de recursos humanos e outros indivíduos interessados em promover um ambiente de trabalho saudável e produtivo. A pesquisa foi conduzida de forma participativa, tendo como palco uma empresa situada na Serra Gaúcha, Rio Grande do Sul. Esta pesquisa é resultado de uma revisão bibliográfica criteriosa e de uma abordagem exploratória que visa integrar o endomarketing, a psicologia organizacional e a neuropsicologia.

A pesquisa realizada neste estudo pretende fornecer insights e recomendações práticas para empresas e gestores que desejam melhorar o ambiente de trabalho e, conseqüentemente, a produtividade de seus colaboradores. Ao compreender como estratégias de endomarketing, psicologia organizacional e neuropsicologia podem ser

implementadas com sucesso, as organizações podem melhorar sua competitividade e manter um ambiente saudável e motivador.

DESENVOLVIMENTO

A organização situada na região da Serra Gaúcha se destaca pela presença de um departamento de endomarketing que assume um papel estratégico na administração de recursos humanos, em colaboração com o setor de recursos humanos. Segundo Grönroos (2003), o endomarketing busca envolver os funcionários na visão compartilhada da empresa, incluindo metas, objetivos, serviços e produtos. Bekin (2004) ressalta que essa estratégia envolve ações de marketing direcionadas ao público interno da organização, visando promover valores e engajar os funcionários no atendimento ao cliente.

Diversos autores têm destacado a importância do endomarketing e do campo da psicologia organizacional no avanço do bem-estar e na melhoria da produtividade no contexto laboral. Araújo e Pereira (2020) afirmam que o endomarketing é um poderoso aliado para a gestão de pessoas, contribuindo para o nível de motivação e contentamento dos colaboradores, o que reflete diretamente na produtividade da organização. Santos e Silva (2019) complementam que a psicologia organizacional proporciona um entendimento mais profundo das questões que afetam o comportamento e o desempenho dos funcionários, permitindo a criação de estratégias eficazes para promover o bem-estar no trabalho.

Em convergência, diversos acadêmicos enfatizam a importância do endomarketing e da psicologia organizacional na promoção do bem-estar e da eficiência no trabalho. Segundo Araújo e Pereira (2020), o endomarketing demonstra ser uma ferramenta impactante na gestão de recursos humanos, ao impulsionar a motivação e a satisfação dos funcionários, gerando reflexos positivos na produtividade da organização. Santos e Silva (2019) acrescentam que a psicologia organizacional aprofunda a compreensão das influências sobre o comportamento e o desempenho dos colaboradores, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias que promovam o bem-estar no contexto profissional.

A comunicação interna, a cultura organizacional e a motivação são identificadas como elementos cruciais para estimular a participação ativa dos colaboradores (Dias, 2017). Bergström e Tunedal (2015) enfatizam que uma comunicação interna bem-

sucedida, integrada às estratégias de endomarketing, possui um papel essencial na fomentação do comprometimento e da contentação dos funcionários, exercendo uma influência direta tanto na produtividade quanto no desempenho global da organização.

Além das abordagens tradicionais do endomarketing e da psicologia organizacional, é relevante considerar a neuropsicologia como uma ferramenta adicional para aprimorar a compreensão do comportamento dos colaboradores no ambiente de trabalho. A neuropsicologia é um ramo do conhecimento que investiga a conexão entre o cérebro e as ações humanas, oferecendo insights sobre como os processos mentais podem ser influenciados no contexto empresarial. Autores como Cabeza e Nyberg (2000) enfatizam a importância de entender os mecanismos neurocognitivos subjacentes às ações e as escolhas feitas pelos indivíduos no contexto laboral. Por exemplo, estudos sobre recompensas e motivação têm demonstrado que a liberação de neurotransmissores, como a dopamina, está relacionada à sensação de recompensa e prazer (Berridge e Kringelbach, 2015). Dessa forma, a neuropsicologia pode auxiliar na identificação de práticas de endomarketing que sejam mais efetivas na promoção do bem-estar e do engajamento dos funcionários, considerando aspectos neurocognitivos relevantes.

A compreensão dos efeitos do estresse crônico no cérebro dos colaboradores também desempenha um papel significativo no cenário laboral. Autores como McEwen (2007) enfatizam que o estresse crônico pode levar a mudanças no cérebro que afetam a tomada de decisões e a capacidade cognitiva. Com esse conhecimento, as empresas podem implementar estratégias de endomarketing e psicologia organizacional que reduzam o estresse, como programas de qualidade de vida, atividades de relaxamento e pausas durante o expediente.

Além disso, a neuropsicologia pode contribuir para entender a importância da comunicação interna eficaz. Estudos têm mostrado que a forma como as informações são transmitidas pode influenciar a forma como o cérebro dos colaboradores processa e retém essas informações (Hasson et al., 2004). Portanto, ao utilizar abordagens de comunicação que considerem aspectos neurocognitivos, as empresas podem garantir que suas mensagens sejam compreendidas e internalizadas.

A neuropsicologia desempenha um papel fundamental na compreensão do comportamento dos colaboradores no ambiente de trabalho. Explique como os aspectos neurocognitivos influenciaram a seleção e a eficácia das estratégias de endomarketing na empresa situada em Bento Gonçalves, RS. Use exemplos

específicos para mostrar como a neuropsicologia foi aplicada para aprimorar o bem-estar e o engajamento dos funcionários.

A empresa é um exemplo de como as sinergias entre o endomarketing, a psicologia organizacional e a neuropsicologia podem ser aplicadas para cultivar um espaço de trabalho saudável e estimulante. A empresa oferece uma série de práticas que visam promover o bem-estar e a produtividade dos colaboradores, incluindo:

Comunicação interna bem-sucedida: A organização emprega uma diversidade de canais de comunicação interna, visando manter os membros da equipe atualizados a respeito das metas e diretrizes organizacionais, além de oferecer insights sobre perspectivas de crescimento profissional. A empresa também estimula uma cultura de diálogo transparente e acessível, encorajando os colaboradores a compartilhar suas opiniões e sugestões.

Cultura organizacional positiva: A organização reconhece a importância da diversidade e inclusão, fomentando um ambiente laboral onde os funcionários se percebam apreciados e tratados com respeito. A empresa também incentiva a colaboração e o trabalho em equipe, promovendo um clima de cooperação e solidariedade.

A empresa oferece diversos benefícios que promovem o bem-estar dos colaboradores, incluindo alimentação, assistência médica, convênios, cartão multibenefícios, auxílio material escolar, seguro de vida coletivo, vale-transporte, plano de saúde, auxílio-creche, adiantamento salarial, vale-gás, auxílio-educação, acesso à biblioteca, comemoração do aniversário do colaborador, homenagem ao aniversário de empresa, e eventos em honra ao Dia dos Pais e Dia das Mães.

Como podemos perceber, as estratégias de endomarketing e as vantagens que elas proporcionam demonstram o empenho em criar um ambiente laboral saudável e inspirador. A revisão bibliográfica efetuada identificou a importância dessas abordagens para a satisfação e eficiência dos funcionários, conforme apontado por estudiosos como Brum (1995) e Bergström e Tunedal (2015).

Autores como Brum (1995) enfatizam que a clareza sobre metas, direção e propósitos são essenciais para o comprometimento dos funcionários. Nesse sentido, as práticas de endomarketing da organização, como a comunicação interna transparente através de televisores estrategicamente posicionados na fábrica, promovem a disseminação das informações necessárias com o intuito de promover a

disseminação das informações necessárias com o intuito de motivar e engajar os colaboradores em torno das metas e objetivos organizacionais.

Em suma, a sinergia entre endomarketing, psicologia organizacional e neuropsicologia não apenas enriquece a experiência do colaborador, mas também impacta positivamente a produtividade e a performance da organização. Por meio da implementação de estratégias que consideram as necessidades e aspirações dos funcionários, a empresa da Serra Gaúcha demonstra um comprometimento genuíno com o bem-estar e a satisfação de sua equipe, criando um ambiente propício para o desenvolvimento e a inovação.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo explorar a importância do endomarketing, da psicologia organizacional e da neuropsicologia ao fomentar um local de trabalho saudável, inspirador e eficaz. Através de uma revisão bibliográfica e de um estudo de caso, foi possível identificar que essas abordagens, quando integradas, podem gerar benefícios significativos para os colaboradores e para as organizações.

O endomarketing, por meio de estratégias de comunicação interna, reconhecimento e recompensas, busca engajar os colaboradores, fortalecendo sua identificação com a empresa e aumentando sua satisfação no trabalho. A psicologia organizacional, por sua vez, oferece embasamento teórico e prático para compreender as necessidades e motivações dos colaboradores, melhorando as relações interpessoais, a gestão de pessoas e a eficácia organizacional. Além disso, a inclusão da neuropsicologia proporciona uma visão mais abrangente, considerando aspectos neurocognitivos que influenciam o comportamento dos colaboradores no ambiente de trabalho.

Destaca-se a importância do clima organizacional positivo, da liderança eficaz, do desenvolvimento de competências e de programas de saúde e bem-estar para promover o bem-estar dos colaboradores e impulsionar a produtividade. O estudo de caso da empresa situada em Bento Gonçalves, RS, ilustrou os benefícios tangíveis da implementação dessas estratégias integradas. A empresa adota práticas de endomarketing, como comunicação transparente, reconhecimento e programas de qualidade de vida, além de aplicar os princípios da psicologia organizacional, como pesquisas de clima organizacional e iniciativas de aprimoramento pessoal e

profissional. A neuropsicologia é empregada para compreender como o cérebro dos funcionários reage a essas abordagens.

Essas iniciativas resultaram em colaboradores mais satisfeitos, engajados e motivados, redução do absenteísmo e da rotatividade, além de efeitos benéficos na produtividade e na qualidade do trabalho. Com base nos achados deste estudo, pode-se concluir que o endomarketing, a psicologia organizacional e a neuropsicologia têm um papel crucial na formação de um ambiente de trabalho favorável, no qual os colaboradores se sentem apreciados e suas demandas são atendidas. Ao adotar essas abordagens integradas, as organizações promovem o bem-estar dos funcionários e conquistam efeitos positivos em aspectos como produtividade, contentamento e êxito no mercado.

É importante reconhecer que, apesar dos benefícios evidentes das estratégias de endomarketing, psicologia organizacional e neuropsicologia, as organizações também enfrentarão desafios em um ambiente de trabalho em constante evolução. Desafios como a gestão da diversidade, a adaptação às novas tecnologias e a manutenção do equilíbrio entre vida pessoal e profissional são questões que as empresas precisam enfrentar. Ao mesmo tempo, esses desafios podem representar oportunidades de inovação e melhoria contínua.

Recomenda-se que as organizações considerem a adoção de estratégias de endomarketing e a implementação dos fundamentos da psicologia organizacional, levando em conta a contribuição da neuropsicologia, adaptando-as às suas necessidades e realidades específicas. Ao colocar o foco nas pessoas, compreendendo suas necessidades, motivando e desenvolvendo seu potencial, as empresas estabelecem um cenário laboral que incentiva a busca pela excelência e o crescimento mútuo, trazendo vantagens tanto para os funcionários quanto para a organização de forma integral. A integração dessas abordagens proporciona uma visão holística do ambiente de trabalho e impulsiona o sucesso e a sustentabilidade das organizações no mercado competitivo atual.

A responsabilidade social corporativa desempenha um papel significativo nas práticas de endomarketing e psicologia organizacional. Empresas que investem no bem-estar de seus funcionários estão demonstrando um compromisso com a responsabilidade social e ética.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. A., & Pereira, M. B. **Endomarketing como Aliado para a Gestão de Pessoas: Um Estudo sobre Satisfação e Produtividade**. Revista de Gestão e Secretariado, v. 11, p. 68-83, 2020.

BRUM, Analisa de Medeiros. **Face a face com o endomarketing**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

BRUM, Analisa de Medeiros. **Endomarketing: estratégias de comunicação interna para empresas que buscam a qualidade e a competitividade**. Porto Alegre: ABRPRS/SC, 1995.

BERGSTRÖM, A.; Tunedal, P. **Internal communication, employee engagement, and organizational performance**. Journal of Strategic Communication, v. 9, n. 4, p. 301-320, 2015.

BERRIDGE, K. C., & KRINGELBACH, M. L. **Pleasure Systems in the Brain**. Neuron, v.86, p. 646-664, 2015.

BEKIN, Saul Faingaus. **Endomarketing como praticá-lo com sucesso**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

Cabeza, R., & Nyberg, L. **Imaging Cognition: II. An Empirical Review of 275 PET and fMR**. Studies. Journal of Cognitive Neuroscience, v.12, p. 1-47, 2000.

CINEX. **Quem somos**. 2023. Disponível em: <https://cinex.com.br/pt/quem-somos>. Acesso: 17 Jun. 2022.

CERQUEIRA, Wilson. **Endomarketing: Educação e cultura para a qualidade**. Rio de Janeiro, 2005.

DIAS, Sérgio Roberto. **Gestão de Marketing**. São Paulo: Saraiva, 2017.

GRÖNROOS, Christian. Marketing: **Gerenciamento e serviços**. 2. ed. Rio de Janeiro, 2003.

HASSON, U. Nir, Y. Levy, I., Fuhrmann, G., & Malach, R. **Intersubject Synchronization of Cortical Activity during Natural Vision**. Science, v, 303, p.1634-1640, 2004.

MARCHESI, Amauri. **Comunicação Interna: A força das empresas**. São Paulo: Aberje, 2015.

SANTOS, A.; SILVA, B. **O papel da psicologia organizacional na promoção do bem-estar no trabalho**. Revista de Psicologia Organizacional e do Trabalho, v. 19, n. 2, p. 123-138, 2019.



Capítulo 2
A DANÇA COMO UMA APROXIMAÇÃO AO
ENTENDIMENTO DO CORPO ADOLESCENTE
Rodrigo Silva Teixeira

A DANÇA COMO UMA APROXIMAÇÃO AO ENTENDIMENTO DO CORPO ADOLESCENTE

Rodrigo Silva Teixeira

Licenciado em Educação Física pela Univc. E-mail: rodrigostx_87@hotmail.com.

RESUMO

Este artigo aborda a questão da dança como uma oportunidade de aproximação ao entendimento do corpo adolescente. Sua relevância científica concentra-se na condição de trazer ao meio acadêmico uma discussão ampla e profunda sobre um elemento e um dispositivo social que pode tornar-se recurso didático de extremado valor. Sua relevância social encontra-se na possibilidade de apresentar ao público amplo, novas tendências de ensino e de aprendizagem individual e coletiva através da Dança, que vem ganhando cada vez mais espaço nas redes sociais, comunidade e escola. Por isto, a Dança para adolescentes, como possibilidade do entendimento do próprio corpo, de seus sentimentos, sensações e potencial expressivo, vem ganhando força. Pretende-se com esse estudo mostrar a relevância pela urgência de tratar o assunto devidamente na escola. Pensando na adolescência como um período de maiores transformações corporais, psíquica e social, a Dança pode proporcionar benefícios mais significativos nesta fase da vida, a destacar a possibilidade de convivência coletiva, porque a timidez é um dos problemas mais intensos que acometem os jovens nesta faixa etária. Sentimentos confusos e difusos são pertinentes aos adolescentes e, a intervenção é muito difícil, exatamente, porque não conseguem expressar o que, de fato, os incomoda, no campo psicológico e que reflete de forma somática. A Dança representa a leveza do espírito humano, que se expressa nas mais subjetivas desenvolvimentos do agir e do ser humano. A sua prática possibilita que barreiras psicológicas sejam rompidas e laços de amizade e companheirismo sejam construídos, permitindo a construção de uma estrutura psíquica individual e coletiva sólida e engajada, promovendo apoio e desenvolvimento epistêmico.

Palavras-chave: Dança. Escola. Adolescentes. Didática.

ABSTRACT

This article addresses the issue of dance as an opportunity to understand the adolescent body. Its scientific relevance is focused on the condition of bringing to the academic environment a broad and in-

depth discussion about an element and a social device that can become an extremely valuable teaching resource. Its social relevance lies in the possibility of presenting to the general public new trends in teaching and individual and collective learning through Dance, which has been gaining more and more space in social networks, communities and schools. For this reason, Dance for adolescents, as a possibility of understanding their own body, their feelings, sensations and expressive potential, has been gaining strength. The aim of this study is to show the relevance and urgency of addressing the subject properly in schools. Considering adolescence as a period of major physical, psychological and social transformations, Dance can provide more significant benefits at this stage of life, highlighting the possibility of collective coexistence, because shyness is one of the most intense problems that affect young people in this age group. Confused and diffuse feelings are pertinent to adolescents, and intervention is very difficult, precisely because they are unable to express what really bothers them, in the psychological field and which is reflected in a somatic way. Dance represents the lightness of the human spirit, which is expressed in the most subjective developments of action and of the human being. Its practice allows psychological barriers to be broken and bonds of friendship and companionship to be built, allowing the construction of a solid and engaged individual and collective psychic structure, promoting support and epistemic development.

Keywords: Dance. School. Adolescents. Didactics.

INTRODUÇÃO

A Dança tem deixado de ser ação restrita a salões especializados e vem ganhando espaço nas redes sociais, comunidades e escolas; por isso, a atividade de Dança voltada para adolescentes, como uma possibilidade do entendimento do próprio corpo, de seus sentimentos, sensações e potencial expressivo, vem ganhando força, proporcionando aos alunos um espaço de liberdade importante para se expressarem.

A escolha deste tema surgiu a partir do desenvolvimento de um trabalho na disciplina *Antropologia das Práticas Corporais*, ministrada no 2º período do curso de Licenciatura em Educação Física, com base no artigo *Corpo Jovem: o que a escola ensina?*, de autoria de Rocha, Faria e Myotin (2007). Pesquisar este tema se mostra relevante pela urgência de tratar o assunto, de maneira adequada, no ambiente escolar como mostra as autoras, considerando a percepção do corpo por si só como uma compreensão para o indivíduo jovem, que passa por uma etapa de curiosidade que envolve sua estrutura biológica, abrangendo, em especial, as mudanças físicas

características da idade, além de sentimentos diversos e complexos, sensações, emoções e a socialização.

O intuito, com este estudo, é trazer aspectos inovadores de conhecimento e pesquisa que possam expandir os limites da Dança para além da compreensão semântica, explorando, também, a materialidade do corpo em virtude de um paradigma muito importante que diz que, movimento não é só ação; é ação e percepção atuando em contínuo. Desta forma, se assume como problema de pesquisa: Como desenvolver práticas de ensino, com o conteúdo dança, para possibilitar que os/as alunos/as expressem sentimentos de dúvidas sobre o próprio corpo?

Segundo Maria Celeste Rocha, Diná Guimarães de Faria, e Emmi Myotin (2007), a escola tem dificuldade em promover um diálogo mais amplo e profundo com os alunos quando os assuntos se relacionam ao corpo. Visando minimizar tal dificuldade, a Dança se apresenta como um ponto de partida para o melhor entendimento dos adolescentes em seu processo de construção estético-cultural. Espera-se, ao final da discussão, corroborar com as autoras, sustentando a hipótese de que através da Dança, os alunos, nessa fase em especial, poderão retratar e canalizar o seu humor, tornando seus sentimentos mais íntimos em forma de expressão corporal, espontânea. Toma como objetivo geral deste trabalho: Analisar a dança como distinto tipo de fala para construção do entendimento do próprio corpo. Com uma linguagem do dizer sem dizer, mas entender e definir a proximidade corporal como um enunciar-se. E adota objetivo específico: Identificar a relevância da dança no processo de construção e formação das sensações e expressões corporais, considerando que cada movimento executado abre uma porta para vivenciar novas experiências, tanto fisiológicas quanto emocionais, que são processadas e expressadas no corpo; Investigar de que forma a dança contribui em relação ao ganho de conhecimento e reúne informações que podem ser utilizadas como mecanismo útil para construção do entendimento do próprio corpo, sendo ele fisiológico, social ou emocional.

A Dança representa a oportunidade de equilíbrio do ser com o seu eu interior, sendo consenso entre alguns estudiosos que, caso alguém não consiga dançar, é porque encontra em desequilíbrio emocional. A sutileza dos movimentos e o ordenamento da expressão da corporeidade conduzem a um dinamismo apolíneo, em contraste com o dionisíaco, ou seja, para atingir o espetáculo da organização da

representação através da dança há que estar em harmonia consigo mesmo, com o corpo e com todo o espectro existencial, por mais paradoxal que tudo isto se mostre ou se revele ao próprio indivíduo.

Muito fácil de se crer que a dança tenha surgido como ritos voltados para a sedução, praticados pelas mulheres, a fim de despertar o erotismo em seus pretensos parceiros. A sensualidade e a leveza do corpo sendo apresentado de forma ritmada e cadencial em movimentos lentos seriam capazes de despertar a paixão e o desejo. Não foi uma distância muito grande até que fosse adotada pelos sacerdotes e incluída nos rituais religiosos, sendo agregada à música, segundo o ritmo desta. Assim que, tem-se como muito provável que a dança tenha se aperfeiçoado juntamente com a evolução da música e também como uma forma de comunicação (Aidar, 2024).

No caso do adolescente, ela permite que ele entre em contato com seu corpo, procurando conhecê-lo e às mudanças estéticas que lhe ocorrem de uma maneira inesperada e que o levam a um medo inconsciente de ver-se, de uma hora a outra, não mais em seu estereótipo infantil e tornar-se adulto ou quase adulto, incapaz de reconhecer-se; mas, sob uma exigência de assim o fazê-lo, o que se lhe revela como um desafio paradoxal para este grupo.

O CONHECIMENTO DO CORPO NA ADOLESCÊNCIA

Rocha, Faria e Myotin (2007, p. 51), destacam que “as primeiras informações aos adolescentes sobre o corpo advêm primeiramente da família, seguida da escola, conversas informais entre amigos/as e por meio da mídia.” Dessa forma, cresce a necessidade de a escola dispor informações mais precisas e fundamentadas sobre o corpo e sua construção cultural, visto que, as informações obtidas pelos outros meios citados acima, podem ser superficiais e equivocadas. É importante, que nessa fase, os adolescentes tenham informações concretas, uma vez que, o corpo exige cuidados e atenção devido ao fato de o adolescente estar buscando uma aceitação social e, seu corpo, seu estilo, são fundamentais para esse processo.

Assuntos referentes ao corpo são tratados como tabu e com limitações em algumas famílias. No que diz respeito às dúvidas e questionamentos que surgem no indivíduo adolescente, Rocha, Faria e Myotin (2007), argumentam que esses podem surgir ou aumentar em função da forma como esse corpo é abordado na escola e trabalhado pelo/as educadores/as. De acordo com as autoras, os adolescentes

encontram maior liberdade e a reciprocidade da qual precisam para falar das suas sensações e vivências corporais com os amigos/as, o que pode gerar ainda mais dúvidas, pois, todos estão passando pelo mesmo processo de descoberta de si mesmo.

A adolescência é uma fase marcada por descobertas, novas experiências e conflitos, cada nova vivência é intensa e, apesar de trazer alegria, também pode resultar em impasses emocionais e psicológicos. Por estarem vivendo uma fase bem distinta e já terem passado por experiências variadas, os pais podem ter dificuldade para compreender o que seus filhos adolescentes estão passando. Embora certos conflitos não modifiquem com o passar do tempo, as diferenças entre gerações podem resultar em problemas novos e desconhecidos pelos pais, sendo assim, os adolescentes buscam os amigos e/ou a mídia, que nem sempre será uma boa ideia, pois as respostas que podem obter podem não ser o que eles(as) precisam saber, na maioria das vezes, podem ser respostas superficiais e equivocadas.

Muitas vezes, por falta de informações, Rocha, Faria e Myotin (2007, p. 53) relatam que, “o jovem passa por uma série de dúvidas que pode colocar em risco a relação desses indivíduos com o seu próprio corpo.” Esse risco se associa com várias questões, inclusive com a questão de aceitação do corpo, devido aos padrões estéticos impostos pela sociedade.

O momento da adolescência para os humanos é muito complexo, porque as mudanças se revelam mais contundentes no corpo e no comportamento; mas, não se encerram aí. Maneiras de pensar e de ver e viver a vida, tentando encontrar algum sentido na existência é um desafio que vai muito além do que expressam e mesmo do que pode ser percebido de modo direto sobre eles. A busca por alternativas sociológicas que os distanciem de pensamentos para os quais não possuem respostas objetivas, simplesmente, porque desconhecem suas manifestações e a dança, aliada à música, se mostra capaz de retirá-los até mesmo do mundo subjetivo que criam, a fim de compreenderem o que não pode ser compreendido. A situação de crise advém daí e, para piorar, aqueles que estão à volta também não sabem.

Não que a prática da Dança vá transformar o adolescente em um outro ser, equilibrado, desprovido de medos e inseguranças quanto ao seu corpo e ao seu estado de ser. Ela vai auxiliá-lo a encontrar-se e a equilibrar-se em meio a outros que, igual a ele, sentem-se tão ou mais perdidos; mas, que esperam respostas objetivas através de uma forma singular de expressão. Qual a mensagem que irá transmitir com

seu corpo, ao dançar? Talvez nenhuma, porque pode ser para ele nada mais que momentos de distração e que se torna uma forma de disciplina corporal; um modo de tornar-se mais leve e alienar-se de tudo o que o cerca, considerando que Vygotsky (1994 [1931]) afirma que o pensamento adolescente se confunde com o sentimento esquizofrênico, de criar seus próprios mundos imagéticos e recolherem-se a eles, interpretando-os como um refúgio seguro.

O trabalho pedagógico com a utilização da dança se revela um fenômeno e pode ajudar na transição de fases que o ser humano atravessa, passando de criança a adulto com a força e a potência que se exige a maturidade e a pressão social, o que não é facilmente compreendido e nem resolvido; mas, conduz de modo sereno até que a própria atividade se torne parte de seu cotidiano, aliviando os excessos de pudor e vergonhas que acometem os adolescentes por vários motivos, sejam psicológicos ou estéticos; todos, de alguma interligados. Os movimentos corporais, leves e ritmados, aprendidos desde uma óptica mecânica, em que se aprende a dominá-la e a todas as suas nuances dão ao espetáculo um ar mágico, conduzindo o adolescente a um estágio superior de sua existência humana e social.

A RELAÇÃO DO ADOLESCENTE COM A DANÇA

Pensando na adolescência como um período de maiores transformações corporais, psíquica e social, a Dança pode proporcionar benefícios mais significativos nesta fase da vida, a destacar a possibilidade de convivência coletiva, porque a timidez é um dos problemas mais intensos que acometem os jovens nesta faixa etária. Sentimentos confusos e difusos são pertinentes aos adolescentes e, a intervenção é muito difícil, exatamente, porque não conseguem expressar o que, de fato, os incomoda, no campo psicológico e que reflete de forma somática.

Através da Dança, os alunos que atravessam esta fase de descobrimento, poderão retratar e canalizar o seu humor, tornando expressivo os seus sentimentos mais íntimos em forma de expressão corporal, espontaneamente. Sobre isto, Katz (2005) argumenta que eles devem praticar diversas “[...] atividades que favoreçam a sensação de alegria (aspecto lúdico), que a partir daí, ela possa retratar e canalizar o seu humor, seu temperamento, através da liberdade de movimento, livre expressão, e desenvolvimento de outras dimensões contidas no inconsciente” (p. 10).

Tem-se, inclusive, que a Dança pode ser um ponto de partida para os professores trabalharem todo o processo de construção cultural. Na Dança o adolescente tem total liberdade de expressão, sendo este o primeiro passo para estarem abertos a novos aprendizados e a um diálogo explícito, além de ser um possível caminho para os educadores que tem dificuldade em trabalhar o corpo.

A dança, enquanto um processo didático educacional, pode contribuir para o aprimoramento de habilidades básicas e uma forma de expressão, dos padrões fundamentais do movimento, no desenvolvimento das potencialidades humanas e sua relação com o mundo. Dessa forma, pode-se deduzir que ela apresenta um grande valor pedagógico, demonstrando uma profunda ligação com a educação, pois auxilia no desenvolvimento psicopedagógico do aluno, facilitando sua aprendizagem e resultando melhor na construção de conhecimento.

O que se faz necessário é o ajuste do desenvolvimento didático e pedagógico da dança em direção ao pensamento do adolescente, criando um mecanismo de ação e interação pragmática, até que se torne parte de sua construção personológica.

UMA ABORDAGEM DIRECIONADA AO CORPO NA ESCOLA ATRAVÉS DA DANÇA

Pensando as dificuldades que a escola tem em dialogar com os alunos, a necessidade que os alunos têm em compreender o seu corpo, e a predisposição em se expressar através da Dança, consideramos que tal pratica corporal, como possibilidade de um ponto de partida para que os alunos possam compreender melhor o seu corpo e os professores consigam, da melhor forma, inserir em seu plano de aula o corpo adolescente, que vai muito além do corpo anatômico, o corpo que se expressa, que está passando por uma construção cultural.

Tendo em vista a espontaneidade e a facilidade que os adolescentes têm em se expressar através da Dança, pensamos em introduzir a Dança como ponto de partida para quebrar algumas limitações existentes, fazendo com que por meio da dela, os professores de Educação Física consigam melhor auxiliar e informar os alunos sobre o seu corpo, quebrando o tabu existente entre ambos e dando mais segurança ao adolescente através de aulas mais dinâmicas e conversas na relação aluno-professor.

A utilização da prática da Dança na aula de Educação Física é uma ótima oportunidade para os adolescentes desenvolverem habilidades, conhecerem seus gostos e se interessarem por coisas novas. Por exemplo, a Dança na escola, se for bem desenvolvida e trabalhada, pode trazer resultados benéficos, porque além de trazer resultados pra saúde, por manter o corpo ativo e ajudar no controle dos batimentos cardíacos, pode ser definida como a expressão saudável de uma alma através das linhas do corpo e do movimento puro. Na dança os adolescentes tem a oportunidade de conhecer o corpo, e permite ampliar a capacidade de se expressar e de se comunicar com o mundo. Além disso, desenvolve o equilíbrio, a noção de espaço, a memória, e estimula a disciplina, a criatividade e a musicalidade; assim todos têm a chance de se conhecer e se aventurar por novos ritmos e sons.

Ainda, a todo o momento, a Dança possibilita lembrar que não está-se sozinho neste mundo, e que se quiser que uma coreografia saia como o esperado tem-se que cooperar e respeitar o restante do grupo, pois depende de harmonia e equilíbrio entre os envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cada dia a escola se torna mais importante quanto ao seu trabalho pedagógico e também no que se relaciona à formação integral do ser humano. Neste sentido, surgem necessidades de interpretações e de conhecimentos acerca dos estudantes, mais destacadamente, na fase em que todo um processo de transformação filogenética os tomam de assalto, destacadamente no período da adolescência.

O fato de buscar na Dança e nas atividades paralelas a ela, mecanismos que possam ampliar os trabalhos de caráter pedagógico, visando a melhorias nos estados de humor e compreensão de si mesmos se mostra como uma oportunidade inigualável e que marca a preponderância dos trabalhos que conduzem a Educação Física a ser relacionada com as ciências do comportamento humano, debruçando-se sobre um objeto específico de estudos, na intenção de compreender a sua psicologia e criar mecanismos de ação e de intervenção.

A Dança representa a leveza do espírito humano, que se expressa nas mais subjetivas desenvolvimentos do agir e do ser humano. A sua prática possibilita que barreiras psicológicas sejam rompidas e laços de amizade e companheirismo sejam

construídos, permitindo a construção de uma estrutura psíquica individual e coletiva sólida e engajada, promovendo apoio e desenvolvimento epistêmico.

O que impressiona é que aqueles que já dominam a arte da dança, terão a oportunidade de aprimorar e aqueles que, ainda não, terão possibilidades de conhecer os passos, a técnica, o estudo e a dimensão antropológica e sociológica que a envolve. Muito há que se desenvolver no âmbito da educação e no espaço escolar para que a dança seja compreendida como uma técnica a ser tratada com a mais ampla seriedade e não como um momento de diversão e lazer.

Isto se refere a tê-la e a tratá-la como um componente curricular formal e que, portanto, deve ser objeto de estudos e de pesquisas empíricas, pautadas na interdisciplinaridade e na multidisciplinaridade, envolvendo ciências que possam agregar novos conhecimentos à Pedagogia e à Educação Física, esclarecendo que esta, por si só e *par excellence*, é uma ciência multi e transdisciplinar.

REFERÊNCIAS

AIDAR, L. **o que é dança?** Sergipe: UFS, 2024.

BRIKMAN, Lola. **A linguagem do movimento corporal.** São Paulo: Summus, 1989.

KATZ, Helena Tania. **UM, DOIS, TRÊS, a dança é o pensamento do corpo.** Belo Horizonte: Edição da Autora, 2005.

PEREIRA, S. R. C. et all. **Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento.** *Revista Kinesis.* Porto Alegre, n. 25, 2001.

ROCHA, M. C. et all. **Corpo jovem: o que a escola ensina?** Viçosa: Editora da UFV, 2007.

VYGOTSKY, L.S. Thought in schizophrenia. In: VALSINER, J. & VAN DER VEER, R. (eds.) **The Vygotsky reader.** Oxford, UK; Cambridge USA: Basil Blackwell, 1994, p. 313-326. [Texto de 1931, primeira publicação em inglês em 1934. Primeiramente publicado como Vigotsky, L. S. 1934: O pensamento na esquizofrenia. *Archives of Neurology and Psychiatry*, 31, 1062-77. O tradutor, Jacob Kasanin, mencionou que o artigo havia sido escrito por sua solicitação três anos antes, e que desde então um grande acordo de mais trabalho tinha sido feito. Kasanin – junto com Eugenia Hanffman – subsequenteemente investigou a formação de conceitos em esquizofrênicos usando uma forma modificada do procedimento de Vigotski. A tradução foi editada por C. Trueblood da Brown University].



Capítulo 3
A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PODE VIR A TER
EXISTÊNCIA AUTÔNOMA?
Sérgio Rodrigues de Souza

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PODE VIR A TER EXISTÊNCIA AUTÔNOMA?

Sérgio Rodrigues de Souza

Pedagogo. Sociólogo. Pesquisador. Consultor Científico. E-mail:

srgrodriguesdesouza@gmail.com

RESUMO

Este ensaio aborda a temática que mais desafia a humanidade neste momento, a especulação se, a Inteligência Artificial (IA) pode vir a adquirir existência autônoma? Sua relevância científica concentra-se no fato de esclarecer os espaços abertos e aqueles já ocupados pelas máquinas que realizam tarefas mecânicas que antes eram apenas especificidades humanas. Acrescenta-se a isto, a condição de desenvolvimento de programas e banco de dados que permitam acesso a informações de maneira aleatória, fazendo parecer que se trata de uma inteligência autônoma, quando, de fato, não nem inteligente e apenas autômata. Sua relevância social se apresenta na condição de esclarecer à população em geral que nenhuma máquina pode substituir o ser humano, porque este pensa e reflete sobre o que pensamento e sobre suas ações e seus procedimentos são regidos por algum tipo de *pathos*, coisa que se revela impossível aos autômatos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, analítica, ampla e profunda, no sentido de sintetizar uma discussão que atravessa o mundo contemporâneo. O fato de a Inteligência Artificial selecionar, em meio a uma miríade de informações, uma que mais se aproxima do que foi solicitado, não a torna inteligente, considerando que ainda que um comportamento inteligente é produto da análise da situação sobre a qual é aplicado um juízo de valor, não uma sentença mecânica. Esta sobrevalorização do pensamento artificial como se ele representasse, de maneira fidedigna, a essência do pensamento abstrato humano tem como consequência última uma perda significativa, crescente e constante, da condição de interpretação da realidade objetiva, porque os problemas mais simples deixam de ser analisados e, com isto, os grandes problemas também passam a ser delegados a um tipo de agente que não tem qualquer responsabilidade social quanto à sua decisão. Isto representa o real perigo para o futuro, uma substituição da explicação técnica acerca de uma decisão pautada nos valores de uma sociedade para a elaboração de justificativas sobre a ação de um autômato, como se

isto, por si só, fosse capaz de corrigir os danos provocados aos envolvidos.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Autômatos. Existência autônoma. Pensamento abstrato.

ABSTRACT

This essay addresses the topic that most challenges humanity at the moment: the speculation about whether Artificial Intelligence (AI) can acquire an autonomous existence. Its scientific relevance lies in the fact that it sheds light on the spaces that are open and already occupied by machines that perform mechanical tasks that were previously only human specificities. Added to this is the development of programs and databases that allow access to information randomly, making it seem like an autonomous intelligence, when in fact it is neither intelligent nor merely automated. Its social relevance lies in the fact that it makes it clear to the general population that no machine can replace human beings, because humans think and reflect on what they think, and their actions and procedures are governed by some kind of pathos, something that is impossible for automatons. This is a broad and in-depth bibliographical and analytical research, with the aim of summarizing a discussion that permeates the contemporary world. The fact that Artificial Intelligence selects, among a myriad of information, one that is closest to what was requested, does not make it intelligent, considering that intelligent behavior is the product of the analysis of the situation to which a value judgment is applied, not a mechanical sentence. This overvaluation of artificial thinking as if it faithfully represented the essence of human abstract thinking has as its ultimate consequence a significant, growing and constant loss of the ability to interpret objective reality, because the simplest problems cease to be analyzed and, with this, the big problems also end up being delegated to a type of agent that has no social responsibility for its decision. This represents the real danger for the future, a replacement of the technical explanation about a decision based on the values of a society for the elaboration of justifications for the action of an automaton, as if this, by itself, were capable of correcting the damage caused to those involved.

Keywords: Artificial Intelligence. Automatons. Autonomous existence. Abstract thinking.

INTRODUÇÃO

A inteligência humana pode ser compreendida como a expressão da criatividade que tornou-se pertinente à espécie, devido ao desenvolvimento de seu córtex cerebral, associado a dois outros elementos tangíveis, que é a fala e a capacidade de pegar e segurar objetos com as mãos, graças ao desenvolvimento de

seu quinto dedo em uma posição diametralmente oposta aos outros e a linguagem. Paralelo a isto e a partir disto, vários outros processos mais complexos foram sendo projetados no cenário, o que permitiu-lhe tornar-se tão complexo, tão singular no reino biológico, que pode referir-se ao ser humano como uma criatura indescritível.

A capacidade cognitiva do espécime humano chegou a tal nível que, a partir do desenvolvimento e domínio dos instrumentos adequados tornou-se possível replicar a sua capacidade intelectual, ao menos em parte, transferindo-a para máquinas que atuam com alta velocidade de resposta aos comandos de seus operadores, primeiro através de sistemas acionados mecanicamente, depois evoluiu para sistemas comandados remotamente até se chegar aos modelos em que respondem automaticamente a comandos de voz. Mas, em todos estes os sistemas os personagens são autômatos, não possuindo qualquer consciência que lhes permita agir por conta própria ou de forma que abstraia em face da situação que se lhes apresentem. O máximo que podem fazer é buscar uma resposta que se mostre evasiva em seu banco de dados e isto ser interpretado pelo operador como um sinal de inteligência abstrata, o que já torna possível o entendimento, por parte de figuras excêntricas, de que está-se diante de uma inteligência autônoma criada pelo homem e que poderá substituí-lo, considerando que, assim como o seu criador, irá evoluir até chegar ao domínio absoluto e ser tomado pela vaidade de querer criar o seu substituto.

A vaidade humana sempre representou o maior legado da espécie em que, graças a este sentimento, o homem conseguiu superar quase todos os outros seres vivos em feitos e suas criações despertam uma fantástica ironia do destino, em que termina por ser vítima de sua própria genialidade. O homem já conseguiu quase tudo, menos superar a si próprio, em termos de criação e, com os avanços das neurociências, em que detém um volume até considerável de *hipóteses* sobre como funciona o cérebro humano, preconizou passar toda esta gama de informações para os cérebros eletrônicos e assim criar um tipo de vida que possua capacidade abstrata para pensar e tomar decisões complexas por si só.

O fato de a Inteligência Artificial selecionar, em meio a uma miríade de informações, uma que mais se aproxima do que foi solicitado, não a torna inteligente, considerando que ainda que um comportamento inteligente é produto da análise da situação sobre a qual é aplicado um juízo de valor, não uma sentença mecânica. Esta sobrevalorização do pensamento artificial como se ele representasse, de maneira fidedigna, a essência do pensamento abstrato humano tem como consequência última

uma perda significativa, crescente e constante, da condição de interpretação da realidade objetiva, porque os problemas mais simples deixam de ser analisados e, com isto, os grandes problemas também passam a ser delegados a um tipo de agente que não tem qualquer responsabilidade social quanto à sua decisão. Isto representa o real perigo para o futuro, uma substituição da explicação técnica acerca de uma decisão pautada nos valores de uma sociedade para a elaboração de justificativas sobre a ação de um autômato, como se isto, por si só, fosse capaz de corrigir os danos provocados aos envolvidos.

O problema posto e que encontra-se subentendido, é que estão tratando a máquina como se fosse um deus, ou melhor, suas decisões são indiscutíveis, porque elaborada por um processo de algoritmos que reconheceu ser esta a resposta mais objetiva e acertada, ou seja, inapelável, o que leva a justiça a um patamar em que esta passa a ser consumada pela máquina, que se torna juiz, júri e carrasco. Isto representa um assombroso retrocesso no que se refere ao direito natural e, também, um paradoxo, porque quando um juiz toma uma decisão, cabe recursos sobre esta, exatamente, porque a sua tomada de decisão e aplicação da pena pode ter-se dado a partir do direito consuetudinário; logo, passível de discussão e argumentos em contrário; cabendo apelação legal; no entanto, por ter sido tomada por uma máquina, um autômato, esta é perfeita e isenta de qualquer possibilidade de apelação por parte do condenado.

O ser humano, quando do julgamento de uma situação, primeiro, submete-a à rigorosa análise técnica, em que se considera os agravantes e os atenuantes; isto é próprio da capacidade humana, do seu processo de desenvolvimento, nascido a partir da experiência e da interpretação de inúmeros casos julgados ao longo de séculos de história, muitos registrados e com possibilidades de revisão quanto ao juízo aplicado sobre eles.

O que, de fato, diferencia um humano de um autômato é a capacidade de síntese, ou seja, a possibilidade de criar uma nova realidade objetiva a partir de sua subjetividade. Vai muito além de refletir sobre a situação, como preconizou Kal Marx (1818-1883), quando compara a competência humana a de um animal, no caso específico a de um pedreiro com a de um João-de-Barro, em que ambos constroem casas, com a diferença de que o primeiro, antes de o fazer, pensa o produto, a constrói em seu pensamento, analisa possibilidades e o resultado é uma junção de coisas

abstratas que vão tomando forma e se materializa, não apenas um jogo aleatório de probabilidades que são escolhidas com base em dados concretos.

Existe uma tendência, na atualidade, a fazer crer, *a fórceps*, que a Inteligência Artificial representa o futuro evolutivo da humanidade. Isto é algo do qual não se pode nem rir e nem chorar, porque a entrega dos processos e decisões abstratas a seres dotados de capacidade mnemônica dura, incapaz de realizar uma articulação sistemática. Como a humanidade se entrega a uma percepção desta sobre sua realidade, não mais analisando como reage aos impulsos de força que alimentam e retroalimentam os processos individuais e coletivos?

O simples fato de se fazer este questionamento já representa, por si só, uma descrição nefasta da realidade contemporânea, em que se deveria estar discutindo mecanismos de inovação intelectual e processos de aprendizagem através de experiências concretas, exaltação da inteligência humana em larga escala, não atribuindo a responsabilidade pela mudança de perfis bioquímicos no planeta a uma forma imperfeita de pensamento. Como a IA poderá resolver a questão da poluição ambiental, em todos os âmbitos, se a causa da mesma é atitudinal, um comportamento lascivo e desmedido? Conseguirá convencer os homens a mudarem seus respectivos comportamentos, em relação aos hábitos de consumo e de descarte de coisas? Não existe muito o que se pensar em relação ao ser humano e seu modo de ser e estar na natureza e seu convívio com seus coetâneos; cada passo dado em direção da busca de seu bem-estar presume a compreensão de que tudo o que ocorre à sua volta, impactando-o direta e indiretamente necessita ser estudado à luz de várias ciências, em especial, à luz da Sociologia, comparando causa e efeito e o nexos causal dos eventos com a realidade pertinente.

No primeiro momento da globalização, um evento ocorrido do outro lado do mundo chocava os habitantes que encontravam-se distantes, fazendo-os mobilizarem-se em prol dos afetados pelas intempéries; já neste momento, um fato ocorrido em uma sociedade, com pensamentos e comportamento epistemológico muito distintos, fazem com que os políticos e ideólogos se apresse em criar leis e normas que não fazem o menor sentido, porque a fenomenologia sociológica comportamental é muito distinta. Este é um exemplo simples de uma ação que, a depender de um autômato, não pensaria em adotar um conjunto de leis draconianas, a fim de combater o mal que se revela diante de seus algoritmos.

Uma IA jamais terá a capacidade de interpretar qualquer realidade sociológica fundamentada em dados de outras sociedades, realizando análises comparativas, porque existe uma gama de elementos subjetivos que devem ser tomados em consideração, na hora de expressar a determinação factual; não importando se tais sociedades sejam elas mecânicas ou orgânicas. Os princípios que regem cada indivíduo e cada coletivo são muito particulares, imprecisos e imprevisíveis.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A ideia de substituição do homem pela máquina é um desejo antigo e o seu antecessor foi a substituição do homem pelo animal, que utilizava uma força bruta de trabalho e, com o surgimento da máquina esta força pode ser aplicada em substituição ao próprio animal; porém, vem o anelo e a possibilidade de substituir a capacidade intelectual humana por alguma máquina que pudesse pensar em seu lugar e realizar tarefas complexas, as quais somente o homem poderia executar. Sichman esclarece que,

A inteligência artificial (IA), surge na década de 1950 e a área sempre foi cercada de enormes expectativas; que, em inúmeras vezes essas não foram completamente atingidas. Desse modo, a oscilação de humor em relação a área assemelha-se a uma curva senoidal, havendo períodos de grande entusiasmo e grande financiamento (como ocorre agora) seguidos por outros de decepção e recursos escassos. Atualmente, atravessamos novamente um período de euforia sobre os possíveis benefícios que a IA pode prover. Tal otimismo se justifica por uma conjunção de três fatores fundamentais: (1) o custo de processamento e de memória nunca foi tão barato; (2) o surgimento de novos paradigmas, como as redes neurais profundas, possibilitados pelo primeiro fator e produzindo inegáveis avanços científicos; e (3) uma quantidade de dados gigantesca disponível na internet em razão do grande uso de recursos tais como redes e mídias sociais (Sichman, 2021, p. 38).

Muitas das expectativas que apresentaram com relação à IA não passaram de alucinações e ainda não ultrapassam o plano do *delirium demens*, sendo aceito como algo objetivo devido à propaganda massiva que se impõe à sociedade, desprovida de um nível intelectual adequado para interpretar a realidade e preocupar-se com problemas reais e que, de fato, necessitam da intervenção dos agentes públicos.

Como bem expõe o autor supracitado, a IA volta a ser tratada pela mídia não especializada como uma vedete por causa das condições de capital que circulam no

mercado, fazendo com que as produções e inovações tecnológicas neste campo se mostrem extremamente viáveis aliado ao desenvolvimento de mecanismos de ressonância magnética, tornando perceptível o avanço nas hipóteses neurológicas sobre o funcionamento do cérebro humano, o que faz com que o entusiasmo sobre o conhecimento deste e suas ações, aparentemente, peremptórias possam ser reproduzidas por autômatos. A última questão aventada, pelo autor, é a de que o volume de informações disponíveis sobre tudo e sobre todos (sic) nas redes e mídias sociais é tão intenso que os algoritmos acabam não tendo que ser tão velozes para detectarem e fazerem conexões de tudo o que desejarem, dando a impressão de que são inteligentes. No jogo de probabilidades de acertos, graças à miríade de informações disponíveis, estas se tornam elevadas e eis uma questão que não é apresentada à população, deixando em aberto apenas a aparente *evolução* dos sistemas autômatos.

O conceito de Inteligência Artificial é algo que ainda não existe; não no sentido de que possa ser interpretado como um paradigma. Sichman afirma que

Não existe uma definição acadêmica, propriamente dita, do que vem a ser IA. Trata-se certamente de um ramo da ciência/engenharia da computação, e que, portanto, visa desenvolver sistemas computacionais que solucionam problemas. Para tal, utiliza um número diverso de técnicas e modelos, dependendo dos problemas abordados (2021, p. 38).

Uma aproximação de uma ideia do que possa ser compreendido como tal e, a expressão inteligência artificial é um eufemismo, porque inteligência não pode ser criada por nenhum ser fora do pensamento humano quando posto em ação, ou seja, ela é um reconhecimento dado a partir dos resultados alcançados através da aplicação prática de propostas técnicas, viáveis. Uma definição ingênua costumeira é a de que a IA se refere a uma

Área tecnológica que se ocupa de construir artefatos artificiais que apresentam comportamento inteligente”. No entanto, esta argumentação é considerada pueril devido à dificuldade que se encontra para “definir o que é [um] comportamento inteligente. A definição de ‘inteligência’ é fluida, e o ser humano tem considerável flexibilidade em relação ao termo (Gozman e Neri, 2021, p. 21-2).

Assim que, fica evidente que toda a exasperada divulgação em torno da IA não passa de apostas que se tornam mais fortes a cada período específico, de acordo

com as possibilidades de investimentos e recursos de dados pessoais aleatórios que são reunidos em um único ponto de coleta. Fora deste cenário que ocorre em tempos distintos e não podendo contar com a imprevisibilidade situacional com que a existência humana se fundamenta, todos voltam ao ponto inicial, de que as máquinas não são mais que autômatos obedecendo ordens e executando tarefas mecânicas.

Rich e Knight (1991), após não conseguirem apresentar um conceito válido e potente, apelam para a questão do pragmatismo, argumentando que, o objetivo da IA é desenvolver sistemas para realizar tarefas que, no momento: (1) são mais bem realizadas por seres humanos que por máquinas, ou (2) não possuem solução algorítmica viável pela computação convencional, o que esclarece que o interesse é promover celeridade em procedimentos que, presumivelmente, podem ser realizados por qualquer um com a capacidade intelectual e informacional exigida pela ação.

Na esteira disto e que é o tema que procura subsidiar este ensaio, afirmar que a IA algum dia poderá vir a ter existência autônoma é um sonho idílico, um utopia que [possivelmente] jamais se cumprirá fora das telas de Hollywood ou dos romances de escritores criativos. Neste sentido, Dignum (2019) expressa que, com relação à IA, é sempre

Importante notar que sistema autônomo é um termo impróprio, pois nenhum sistema é autônomo em todas as situações e para todas as tarefas [...] Autonomia não é uma propriedade intrínseca de um sistema, mas sim o resultado da sua interação com a tarefa, contexto e ambiente [...] Não se trata de uma propriedade emergente, mas de algo que deve ser projetado no sistema (p. 18).

A partir da fala do autor, pode-se aproximar de uma ideia de sistemas práticos e que se mostram capazes de auferir respostas, de modo célere, a determinados problemas, promovendo economia de tempo e de recursos. Mas, devido à impossibilidade de análises complexas sobre os fenômenos e a [quase] tudo a eles conectados, não pode, em hipótese alguma, ser classificado como pensamento autônomo; continua sendo autômato.

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E SUA [POSSÍVEL] EXISTÊNCIA AUTÔNOMA

Uma existência autônoma presume a aceitação de que a *Physis* detém leis que são universais e mais poderosas que o próprio indivíduo; algo impossível a um ser

que não pensa de modo abstrato, apenas seguindo regras impostas por um operador. O *Nomòs*, ou a lei, é uma criação dos gregos para dar sentido à existência que surge com o processo de civilização, não que se opusessem às regras naturais; mas, compreenderam que havia algo que estava além daquilo que existia, independente do homem, normas que se aplicavam indistintamente a todos os seres vivos.

O homem se torna autônomo a partir do momento em que cria suas próprias normas de conduta, suas próprias leis buscando estar em conformidade com as exigências advindas da vida em comunidade, ou seja, ninguém pode ser autônomo se vive isolado e em conflito com a sociedade. Por conflito, faça-se entender, a ausência de sintonia com os interesses da maioria, em que as respostas se dão de modo a satisfazer desejos particulares, sem considerar situações, condições, mecanismos divergentes e juízos de valor adversos.

A IA, para existir, necessita de um humano que a programe e re programe a cada período, alimentando e retroalimentando dados, procurando atualizá-los de acordo com as mudanças e as perspectivas sociológicas, coisa que se prova impossível a qualquer autômato, porque não participa da existência pensando-a e às suas possibilidades reais, fictícias e imagéticas. Isto é o que a maioria não quer compreender, a noção de que o ser humano e toda sua capacidade cognitiva e intelectual de aprendizagem e reprodução de suas potencialidades não podem ser reproduzidas, sob qualquer hipótese. Já tentaram de todas as formas transformar o ser humano em um autômato; mas, a questão do pensamento humano e seu funcionamento, que é indecifrável, imprevisível e irreprodutível, em sua integridade fez com que todos os experimentos fracassassem quanto aos resultados que interessavam ao *stablishment*.

Existe um interesse titânico e tirânico de que os seres humanos entreguem suas funções, de maneira absoluta às máquinas, como se isto fosse tornar a vida mais fácil (sic) e permitisse aos indivíduos que tivessem mais tempo para o lazer e outras atividades. Não é por este caminho que a vida segue, porque ocupação é a forma de fazer-se reconhecido no mundo contemporâneo; todos são reconhecidos por aquilo que fazem; não pelo que são. Esta é outra questão que se opõe ao pensamento binário automático, uma vez que não pode interpretar funções fora do que está devidamente programada para conceber como tal.

Há que esclarecer o sentido de existência autônoma, porque uma afirmação de tal grandeza e envergadura presume que se está diante de um ser que detém o poder

de resolver qualquer problema que lhe seja dado e, se acaso, não o for, ao menos que possa dar uma orientação adequada ao processo. No entanto, *existência autônoma*, na forma como tem sido aventada pela mídia e pelos marketeiros, é a representação de um eufemismo para *controle absoluto da essência humana*, substituição do ser humano em todos os processos existenciais, inclusive no campo afetivo. Este é o tipo de desafio posto ao homem contemporâneo com o qual não tem sabido enfrentar, o de que pode entregar a sua existência a um autômato e este vai seguir direcionando a sua vida da forma como os mecanismos financeiros possibilitam até que a direção do processo se altere e, a verdade venha a bater na porta exigindo algo além do indivíduo, que é a sua pronta capacidade para encontrar uma solução para si mesmo, uma vez que soluções para o Meio Ambiente, para as baleias, as tartarugas, a Floresta Amazônica, o Rio Doce já se mostraram um fracasso iminente.

Cada vez mais o ser humano [ou alguns] tem dedicado a aplicação de sua inteligência a ajudar os animais, isto porque a inteligência deles é considerada inferior às suas e, na contramão, tem-se criado uma inteligência superior, artificial, claro, para cuidar de si mesmo e, até considerável a sua condição de inteligibilidade, porque desde que os humanos tomaram consciência de sua impotência ante a natureza e suas intempéries que buscou a proteção de algum ser mais poderoso que ele e até agora confiou em Deus, vivendo feliz com isto; mas, há um inconveniente, que é a condição de que este ser não pode ser controlado conforme a sua vontade deliberada e volúvel. Não satisfeito, criaram uma criatura, um *frankenstein* autômato, mas que, em seu mundo esquizopático é mais ágil, perfeito, infalível; portanto, pode ser confiado a ele toda a existência humana e tudo o que a ela se agrega; com a inefável vantagem de ser controlada pelo homem.

Na contramão desta crença esquizóide, Ghiraldelli é categórico em afirmar que a IA não pode ser compreendida como algo que detém condições de substituir o homem e toda a sua capacidade intelectual, por causa de que este pensa o próprio pensamento, submetendo a juízo de valor antes e depois de agir. Eis que os processos analíticos são extremamente complexos e dependem de uma série de fatores, intrínsecos e extrínsecos aos objetos até que uma decisão possa ser tomada. Assim que,

Inteligência Artificial não é inteligente. Possuir um enorme banco de dados dos humanos não faz você conhecedor dos humanos, [porque]

os dados precisam ser ordenados, vistos sob teoria, interpretados e reinterpretados. São válidos se estão no interior de uma narrativa gerada como narrativa, não como falsa narrativa gerada por justaposição de mais dados. Raros, não raro, devem ser excluídos. O computador em ritmo de IA trabalha no regime semiótico, não no regime semântico. Só nós [*seres humanos*] temos uma linguagem que é semiótica e semântica, ou seja, só nós temos efetiva linguagem [*que é resultado de um processo longo e complexo de análise, interpretação, compreensão e síntese*]. Só nós podemos criar teorias e aproveitar dados. O comportamento previsível que a IA diz deter a nosso respeito é algo informacional, não um saber de quem pode dizer que está conhecendo os humanos. Os administradores, os marqueteiros, os políticos, jornalistas etc. se deixam confundir. Imaginam que não precisamos de teoria, que a IA saberá o que dizer de nós agora e no futuro. Não saberá. [*E*] não pode saber, [*simplesmente porque*] a IA simula pensamento, não o faz. Ela conecta símbolo com símbolo; [*no entanto*], ela exclui o principal, que é a articulação do símbolo com o significado. Nossa linguagem humana faz isso. Só ela! Compreender o ser pensante, o homem, só é possível ao pensamento humano. Ele, pensamento humano, pode tentar isso, não a IA, simplesmente por conta de que a linha em que [*ela*] trabalha é outra, não é a nossa. É incrível que as pessoas possam confundir tudo e achar que essas linhas se cruzam na máquina. É impossível. [*É como*] água e óleo, não se misturam! (Ghiraldelli, 2024, s.p.).

Como Ghiraldelli coloca, a IA não vincula o significante ao significado; porque não pode realizar a interpretação do fenômeno; esta é uma função que somente é possível àquele que passou pela experiência do processo, que foi atravessado por ela e assim modificado quanto ao pensamento e a forma de ver e sentir. Dentro do processo semiológico, o símbolo representa o primeiro; mas, o seu sentido está vinculado à abstração e ao conhecimento que só pode ser atingido através da experiência, ou seja, o sentido da coisa em si não pode ser transferido através de nenhum formato conhecido fora o já expressado e tudo isto, somente pode ser alcançado através da existência em sociedade, do contato particular e coletivo do homem consigo mesmo e com seus coetâneos.

As experiências que acometem o ser humano desde o seu nascimento até a sua morte, por mais que possam ser descritas, em detalhes tão minuciosos que deixam a impressão de poderem ser internalizadas e reproduzidas fidedignamente até mesmo por alguém que, simplesmente, as tenha lido em algum prospecto ainda está muito longe de ser um relato fidedigno do que foi vivenciado pelo indivíduo. A síntese de algo é a superfície de um rio, em que a percepção que se tem é a de que esteja parado, quando abaixo dela, suas águas seguem um movimento constante e uniforme. A inteligência humana não é o resultado de um sobreposto de ideias e

possibilidades estatísticas; o ser aposta na condição e vai em busca de mecanismos que o auxiliem na conquista de seus ideais, por mais bizarros que possam parecer, ao primeiro instante.

Em uma Inteligência Artificial, ela calcularia o nível de risco e a probabilidade de dar certo e/ou errado e emitiria, não um parecer, mas um resultado declarado, impedindo que se leve adiante qualquer projeto naquele sentido e todos os seus vieses de opções seriam dados a partir de cálculos estritamente precisos, desprovidos de qualquer paixão e emotividade, ou seja, ausentes, por completo o elemento *risco*. A condição de inteligência humana é uma mistura imprecisa de uma miríade de elementos, alguns tangíveis, outros intangíveis, alguns previsíveis, outros não e nem sempre o que é exaltado ao final do processo é, de fato, o produto, antes as estratégias pensadas, criadas e aplicadas na tentativa de superar os desafios e solucionar os problemas.

A Inteligência Artificial é já uma velha conhecida do mundo científico e, como sói natural de acontecer na poderia ser exposta até que a sociedade estivesse, devidamente adestrada, para aceitar as mudanças em suas vidas, sendo condicionadas a viver seguindo um *manual cartesiano stalinista*. Desde os anos 1970 que a sétima arte (o cinema) vem apresentando situações de sistemas inteligentes que dão respostas precisas a problemas que, na vida fora das telas, gasta-se anos, se não décadas para serem solucionados.

Mas, dentre todos os clássicos que foram produzidos no cinema, 3 (três) se destacam por sua intensa criatividade e perfeição na produção; tão bem elaborados que torna imperceptível os detalhes mecânicos de ação da Inteligência artificial nos longa metragens. Estas três produções cinematográficas são, por ordem de produção, *Blade Runner* (1982), em que um policial aposentado caça andróides rebeldes para destruir, por causa de estes terem se rebelado contra o sistema de escravidão a que eram submetidos; *O Exterminador do Futuro* (1984), em que um autômato é enviado ao passado para matar a mulher que iria gerar o líder da rebelião humana contra as máquinas no futuro; e, *Eu, Robô* (2004), em que um cientista adultera um programa de IA para fazer parecer que havia criado uma geração de autômatos que se tornaram capazes de apresentar inteligência abstrata e sentimentos, decidindo sobre o próprio futuro.

Em 1982, o diretor cinematográfico hollywoodiano Ridley Scott produziu um clássico do cinema, a obra *Blade Runner*, considerado por 300 dos maiores físicos da

atualidade, como o melhor filme de ficção científica já produzido. A história é clássica, os humanos criam autômatos, batizados de *replicants*, para servirem-lhes como escravos, em todos os sentidos até o momento em que estes servos produzidos e conduzidos por Inteligência Artificial se tornam cômicos de suas condições miseráveis e se rebelam (sic), buscando a própria liberdade e uma existência autônoma.

Isto, por si só, este desejo de serem livres e não mais viverem como escravos dos caprichos de seus senhores, já foi visto como uma ameaça à segurança da humanidade, sendo eliminados de forma violenta e brutal. O medo paranoico tomou conta de todos, porque não se tratava de um simples anelo; mas, de um desejo que representa um direito *natural* humano e que, somente se torna parte da consciência humana, a partir da aculturação, da educação e do conhecimento de causa das coisas existenciais; não se trata de uma programação infundida no pensamento; situações de comparação são expostas, relatos de experiências, ou seja, é uma condição de elevada complexidade social.

O homem sempre lutou contra a condição de escravidão porque ele conhecia a condição de liberdade; mas, para aqueles que já nasceram e cresceram privados desta condição, que é considerada, na atualidade, como natural, a liberdade é uma coisa abstrata e equidistante de seu mundo léxico e de experiência empírica. Sendo assim, como seria possível a um autômato, que fora programado para, simplesmente, obedecer a normas pré-escritas torna-se cômico de sua condição, considerando-a ultrajante e ainda desejar libertar-se de tal situação? A alternativa encontrada foi eliminar a ameaça que, deixou de ser potencial e passou a ser real; a Inteligência Artificial evoluíra ao ponto de tornar-se *Inteligência Autônoma*, tomando decisões sobre sua existência e criando mecanismos de sobrevivência, a partir de análises situacionais.

Para realizar o serviço sujo de limpeza, o Estado contrata um caçador de andróides aposentado, confiando-lhe a missão de eliminar seis *replicants* de alta tecnologia, considerados os mais estratégicos e que estavam vivendo entre os humanos, em extrema normalidade, fazendo-se passar como um deles. No meio do caminho, o caçador, Deckard encontra uma andróide e aplica a ela o teste *Voight-Kampff* e, estranhamente é confrontado em meio a um discurso filosófico-existencialista sobre quem é considerado um *replicant* ou um humano; o que os diferencia de fato, não mais havendo uma condição abstrata que pudesse garantir a distinção entre um e outro. Ela o interroga se ele já aplicou o teste a si mesmo e ele

responde que não, simplesmente porque não tem dúvidas quanto ao que ele é, em essência e é, exatamente, esta sua resposta que muda toda sua concepção existencial a partir do momento em que confronta com o sexto *replicant*.

Em cada batalha, ou melhor, a cada replicant que se vê na iminência de confrontar, mais a sua certeza de que está enfrentando uma forma evoluída de inteligência vai se cristalizando, até que se encontra frente a frente com o mais perigoso de todos eles e que fora o mentor da revolução, Roy Batty, o androide que havia conseguido ultrapassar os limites da programação imposta em seus circuitos e interpretar a existência a partir de uma visão abstrata das coisas. Deckard se vê em iminente perigo, porque não estava enfrentando um androide; antes uma criatura que havia evoluído em sentido cognitivo e intelectual e que, já fora produzido para ser superior em força e agilidade.

A batalha se mostra encarniçada e, na fuga, não consegue saltar entre dois prédios, ficando pendurado, correndo risco de vida, ao que é salvo por aquele que estava a caçar e disposto a matar. Inicialmente, ele não compreende a ação do seu inimigo; mas, quando entende que a vida do *replicant* está chegando ao fim e tudo o que ele viu e sentiu vai se perder em meio ao nada é que surge, em si a dúvida que o corrói de ali por diante, se Roy o salvou seguindo a sua programação de proteger os humanos ou fora como resultado de sua evolução em direção a sentimentos complexos que somente os humanos conseguem ter.

Estava diante de um enigma, para o qual a humanidade e ele, em especial, não detinha a resposta e nem poderia interpretar, exatamente, porque a atitude de Roy Batty era característica de um ser humano, de alguém que analisava a situação, submetendo a um juízo de valor e somente depois a praticaria; mas, em essência, ele continuava a ser um autômato, alguém a quem não fora dado o direito de pensar e decidir. Momentos antes de morrer, o *replicant* Roy Batty disse a Deckard enquanto chovia: “Eu vi coisas que vocês não imaginariam. Naves de ataque em chamas ao largo de Órion. Eu vi raios-c brilharem na escuridão próximos ao Portal de Tannhäuser. Todos esses momentos se perderão no tempo, como lágrimas na chuva” (Blade Runner, 1982, s.p.).

Roy prova a Deckard que ele havia se tornado um humano, exatamente porque o conceito de humano é tão impreciso que a sua validação depende do questionamento do próprio conceito e de sua condição existencial de ser e estar e, a análise que ele estava a fazer da vida era profunda demais até mesmo para a maioria

dos que assim são classificados. Suas palavras davam conta de uma expressão retórica existencialista, em que questionava, além do fato da existência, o valor de cada experiência sentida, vivida e internalizada que acabaria por ser interpretada por todos, sem quaisquer distinções, como algo desprovido de valor, porque são particulares, indivisíveis, intransferíveis, *sui generis*. Tudo o que ele havia experimentado, em sua curta existência, mas que se mostrara mais ampla e profunda que aquela vivida pela maioria da humanidade, se perderia em meio ao vazio da própria existência. O Detetive jamais compreenderia o que ele estava falando sobre suas memórias, porque não as experimentara; não sabia o que elas haviam despertado em seu íntimo quando as vira pela primeira vez, o vislumbre, o *pathos*; paradoxalmente, o ego e a decepção de saber e não saber que sentido tudo aquilo tinha em sua vida. Ele nascera adulto, sem ninguém com quem pudesse compartilhar as maravilhas que estavam para além da existência comum. Estranhamente, o seu caçador se tornara o seu único amigo e confidente e, mais, diferente de Roy, para quem não havia salvação, porque fora programado para morrer, assim como os humanos, com a diferença de que sabia quando isto aconteceria, Deckard vivia a esperança de viver eternamente, como forma de mitigar a dor de saber que fora criado com prazo de validade; então se ilude, negando a condição efêmera a que está condicionado. Esta era a única diferença real entre os *replicants* e os humanos. Os primeiros não abstraíam em direção à expectativa, enquanto os últimos enlouquecem quando privados deste elixir do mal. Mas, até o fato de os autômatos terem consciência de que iriam morrer e sentir isto, era estranho. No fim, que crimes haviam cometido para merecerem ser destruídos de maneira grotesca e bestial? Ao final, Scott revela que o homem é, realmente, semelhante a Deus, seu criador, a quem bastou que sua criação agisse sem a sua estrita permissão e já o condenou à maldição e à morte.

Deckard compreende que ser humano vai muito além de um conceito; é a forma como se internaliza a sua própria existência e mesmo que isto não se mostre o suficiente para que possa fazer com que alguém seja reconhecido como tal, a capacidade de abstração e de análise filosófico-existencial conduz o indivíduo a uma condição diferenciada dos outros seres da natureza, porque nenhum outro realiza este exercício didático. Percebe, ainda que não é nada além de um instrumento que é usado para mitigar o medo de alguns burocratas selvagens e glutões; todo o seu

trabalho e esforço terminaria como as memórias de Roy Batty, imperceptível, invisível, como lágrimas na chuva.

Com uma abordagem diferente daquela que foi utilizada em *Blade Runner*, está a criação magnífica de James Cameron, *O Exterminador do Futuro* (1984), em que as máquinas (os autômatos) tomaram o controle de tudo e fizeram dos humanos que sobreviveram ao expurgo seus escravos. De maneira clássica, um indivíduo sem rumo na vida se emerge contra o sistema, a *Skynet*, a Inteligência Artificial que passou a dominar todo o planeta. Seu nome era John Connor, filho de uma mulher desconhecida e que, em outros tempos, passaria por uma civil comum, Sarah Connor. Não conseguindo vencer a resistência que John criou contra o império das máquinas, a solução encontrada pela IA foi a de destruir a matriz que deu origem ao herói, sua mãe; porque não bastava mais destruí-lo, uma vez que a sua insurgência havia motivado outros a se levantarem contra as máquinas.

Um autômato é transportado no tempo, até o ano de 1984, a fim de eliminar um humano, em específico, Sarah Connor, a quem desconhece por completo, sabendo apenas seu nome, porque mesmo que dispusesse de programas de reconhecimento facial, não havia nenhuma foto dela no sistema até então; sabia nada mais que a cidade aonde vivia. A IA tem um ato inteligente e abstrato, que é o de procurar o nome da sua presa na lista telefônica e assim buscar pelo endereço residencial. Muito interessante é que a trama se desenrola em uma caçada implacável, não porque ele descobre que aquela Sarah Connor que persegue é a futura mãe do oponente da *Skynet*; apenas que sua missão não se cumpre até que extermine o alvo que elege para sua ação. Por mais que pareça dinâmico a expressão de inteligência da máquina, o enredo do filme e o seu desenrolar faz com que muita coisa não seja analisada conforme a necessidade de aplicação do pensamento lógico à coisa em si. A ideia que as máquinas adotam é algo digno de uma inteligência que evoluiu e tornou-se humana, sendo capaz de abstrair para além de si mesma. Voltar no tempo e eliminar a única possibilidade de surgimento de um herói através da eliminação de sua mãe é uma ideia de gênio; porém, tomada de modo obtuso, procedimento característico de uma inteligência concreta; porque, na tentativa de evitar um fenômeno pela força bruta, cria-se precedentes para ampliar a guerra e levá-la a outros níveis mais interessantes, sobrevalorizando o herói que, até aquele momento não era mais que alguém que não tinha nada a perder na vida, com uma existência condenada à obscuridade e à negação.

A Skynet comete o mesmo erro que todos os humanos ao longo da história, transformando um ninguém em um messias e isto não faz dela uma inteligência superior, apenas mostra que os seus programadores eram tão amadores em assuntos de revolução que a programaram para pensar como ditadores absolutistas tomados pelo medo insano e paranóico de serem questionados em seus reinados tirânicos.

Por mais que a IA de Cameron se mostre capaz de inteligência abstrata, não conseguiu perceber que, os humanos, quanto mais desafiados, mais se insurgem contra as forças opressoras e, quando perdem os sentidos que orientam suas vias de existência, tudo passa a ser regido pelo ego, uma forma bizarra de prazer, que faz reviver uma besta primitiva há muito aprisionada e desconhecida de qualquer Inteligência Artificial, porque esta não é programada para rebelar e quebrar todas as regras da existência social civilizada.

O fato de um autômato sentir medo é já, um avanço em direção à aprendizagem cognitiva e intelectual e uma humanização no processo. Ocorre que, há que ir muito além disto, porque o ser humano é uma estrutura que evoluiu filogeneticamente e, neste processo misterioso e fantástico nada do que representou no passado foi destruído, apenas suprimido em direção aos interesses da espécie que se tornava mais polida e os perigos davam conta de necessidades de intervenção em outras vertentes. Isto é algo impossível de inculcar no sistema de processamento mecânico de uma máquina, que não possui sistemas de memórias que possa acessar quando submetida a exigências de transformação.

No filme de James Cameron, as máquinas tentaram destruir a humanidade por completo; aliás, um sentimento compartilhado por uma gama muito intensa de indivíduos que se acreditam humanos, isto desde eras remotas, em que para eles o homem é o grande culpado por todo fenômeno climatológico ou natural que acomete o planeta; portanto, a sua eliminação salvaria a Terra de uma extinção iminente. O que se percebe é que existem seres humanos com inteligência mais artificial que as próprias inteligências artificiais que produziram e arrotam serem criações superiores.

Mesmo que se trate de uma obra de arte e o seu criador faça uso de sua licença poética, a IA agiu como um ser humano encurralado e com pouca condição de inteligência, a destacar que, para tomar a sua decisão não levou em conta causas e efeitos que poderiam advir de sua ação ao tentar interferir no passado. Não submeteu o processo à análise criteriosa; pensou apenas em eliminar um problema atacando a

sua origem e crendo que isto o resolveria. Pensamento concreto, obtuso, direcional, não abstrato, apesar de assim o parecer.

O longa metragem *Eu, Robô* (2004) é uma das obras mais sensatas e esclarecedoras sobre a forma como a indústria digital e as *BigTechs*, junto a alguns cientistas malucos têm tentado fazer valer a ideia de que a Inteligência Artificial evolui mais rápido que toda a espécie humana, uma vez que já é produzida a partir do conhecimento que a espécie acumulou ao longo dos séculos.

À época do lançamento, muitos lançaram o jargão como crítica: o filme deveria se chamar *Eu contra robô*, por causa da postura sempre crítica do principal personagem da história, um policial cético com o avanço das máquinas e muito mais com toda a propaganda insidiosa que pairava sobre elas. Em um retorno para casa ocorre um acidente envolvendo este agente e sua família, que caem na água e ele acaba sendo salvo por um robô, mesmo que ele tenha insistido para que sua filha fosse salva. O robô lhe explica que calculara uma probabilidade estatística de salvamento de 55% para ele e de 45% para a criança; sendo assim, sua programação o obrigara a seguir o que estava determinado. Não sabendo administrar a perda da filha, toma a atitude do autômato como uma configuração que extrapolava, por completo, as regras humanas de sobrevivência e seu ceticismo somente aumenta.

De volta à sua vida como policial e investigador de polícia, é acionado para investigar uma cena de crime que, perante olhos inexperientes tratava-se de um suicídio; mas, para ele fora um assassinato. O defunto era um grande amigo seu e, mais uma vez, o que parecia ser uma situação em que a emoção era posta acima da razão, provou ser uma verdade antecipada por olhos experimentados no ramo. O criador da IA havia programado os robôs para seguirem, de maneira estrita, as três leis da robótica, que ditam que robôs não podem machucar humanos; devem obedecer humanos, caso isso não contradiga a Primeira Lei; e devem proteger a si mesmos, caso isso não contradiga a Primeira e a Segunda Leis (Eu, Robô, 2004, s.p.).

No curso da investigação, descobre-se que o cientista criador da IA fora o responsável por alterar a programação de um dos autômatos para que ele cometesse o assassinato, levantando a hipótese de que as máquinas evoluíram para além de uma inteligência artificial e mecânica para um tipo de pensamento abstrato, em que decidiam as coisas a partir de seus próprios anelos. O detetive chega a um impasse no desvelamento do caso, porque se revela a verdade sobre o ocorrido, não somente destruiria a reputação ilibada de seu amigo, como declararia à sociedade que a IA era

nada mais que um conjunto de autômatos frios, programados para serem bestas obedientes e nada seriam além disto, apesar de todos os esforços empreendidos em sentido contrário para fazer com que a opinião pública a aceitasse como uma verdade absoluta e indiscutível.

Não se tratava apenas da reputação de um cientista que, por acaso era seu amigo e que o ajudara a ter de volta alguns membros perdidos no fatídico acidente. Estava em risco todo o investimento público que vinha sendo direcionado para as empresas produtoras e pesquisadoras na área de tecnologia da informática. Mercados de ação poderiam ruir em segundos e economias inteiras solicitarem recuperação judicial ou mesmo decretarem falência, ao redor do mundo. De repente, o problema do agente se transfigura de um caso suspeito de suicídio para uma ameaça econômica em ordem global.

No fim, o policial estava certo sobre a IA; não passava de um engodo para manter a sustentação de financiamentos vultosos sobre algo que não melhoraria a vida de quase ninguém. Próteses médicas, avanços em medicamentos e análises clínicas minuciosas não podem ser confundidas com ofertas de milagres para um futuro que nunca chega. Por trás de um autômato estava um humano, programando-o para servir a um sistema e a um interesse em particular, o financeiro. Robôs não possuem sentimentos e tomam decisões fundamentadas em algoritmos previamente programados e definidos, jamais em análises complexas, tomando como ponto de partida e de chegada variáveis que não podem ser controladas estatisticamente.

O longa *Eu, Robô*, revela uma faceta do mundo da tecnologia em que somente através de uma análise acurada se pode aproximar de entendê-la, porque em um primeiro momento, tem-se um cientista renomado que foi tomado pela vaidade de ver-se imortalizado no rol dos deuses, porque a dúvida que deixa sobre os andróides será suficiente para criar todo tipo de especulação sobre a evolução da IA em direção à sua evolução automática, passando de inteligência artificial para inteligência autônoma, com perspectivas de que um dia [*este, não muito mais tão distante*] os autômatos superariam a espécie humana, tornando-a obsoleta e condenada a um regime futurístico de escravidão. No entanto, isto é estranho, porque, como uma coisa que é perfeita dependeria da mão de obra de um tipo que se tornara um estorvo e que sua existência apenas representa uma lembrança arcaica que deveria ser apagada dos anais da história? Qual a sua real utilidade? Eis a resposta que assombra: para tornarem-se humanos precisam cultivar heranças filogenéticas consideradas

negativas no homem e a condição de subjugação e humilhação do seu igual através da escravidão é um dos capítulos mais intrigantes da história da humanidade e, ao mesmo tempo, um dos mais obscuros e que todas as nações têm tentado apagar de seu passado.

O longa deixa subentendido que, para tornar-se humano a IA e fazê-la ir além desta condição, há que externalizar o que o homem tem de pior, ou melhor, todos expressam o que possui dentro de si; desta forma, a única coisa que há para oferecer é ódio, vingança, submissão alheia, trapaças e tudo o mais que, aparentemente, a humanidade combate com tanta veemência. Entretanto, se não fosse a sua real essência, porque gastar tanta energia nisto?

CONCLUSÃO

A consciência humana é marcada, pela síntese situacional, depois de submeter todo o processo ao seu juízo, o que equivale a conhecer, detalhadamente, os elementos que o compõem, desde as partes até o macro universo estudado e deste até se chegar ao particular e ao singular, é o resultado de um processo analítico-sintético, podendo ser descrito como um *voértice* epistemológico, uma ação de conhecimento, validação e refutação das ideias num *continuum*, com vistas a ampliar, indefinidamente, o conjunto de saberes sobre e a partir da experiência. Outra questão que coloca a IA na condição de ser autômato, é que ela não pode transmitir qualquer conhecimento que possa adquirir a outrem. Por mais que seja capaz de armazenar dados e estes estarem disponíveis ao acesso, é somente desta forma, não há cultura a ser formada, logo, não existe a vontade de realizar transferência de conhecimentos, simplesmente, porque não existe nestas criaturas o *desejo de reconhecimento* pelos seus méritos, uma vez que são incapazes de sentir e manifestar emoções. Não se conseguiu inserir em seus espaços tecnológicos o *pathos*, o sentimento profundo e impossível de ser explicado, que faz com que os humanos busquem equilíbrio psicológico.

A IA somente ganha um espaço cada vez maior no cenário epistemológico humano, por causa da decadência, cada vez mais acentuada, da capacidade cognitiva humana, em que tem evitado o trabalho de desenvolver o raciocínio sobre os processos mecânicos e abstratos que marcam e que definem, de modo estrito, a existência. A simples ideia de que possa existir um ser autômato que se revele capaz

de resolver problemas tradicionalmente filogenéticos já se trata de uma aberração, porque um autômato não analisa os detalhes situacionais; simplesmente segue uma ordem pré-estabelecida e padronizada de acordo com um programa, previamente, organizado, tomando em conta um modelo produzido genericamente.

Em meio a este cenário de decadência da capacidade intelectual, todo o processo de criatividade termina por ser afetado, considerando que esta pode ser interpretada como a manifestação da inteligência uma vez aplicada na intervenção e na solução de algum problema posto pela sociedade aonde se encontra inserido o indivíduo. Tal conjuntura conduz a pensar que a exigência está em que se tenha domínio sobre as situações e não que se presuma capacidade crítica, mais uma vez, termo compreendido como a condição de se fazer perguntas abertas e profundas em torno dos problemas e conceitos que são postos pela ciência.

Ao contrário disto, o quociente intelectual da população atual é menor que a de seus genitores, fato que se registra pela primeira vez na história desde que começou a ser mensurado. A capacidade linguística perdeu força e o absurdo se revela no resultado de uma pesquisa, realizada na Argentina em que um estudante de Psicologia acrescenta ao seu vocabulário, cerca de 500 palavras, do início ao fim de seu curso, o que indica um índice pífio de leitura e de uso efetivo da memória de trabalho e de armazenagem.

Nisto, onde se encaixam os professores? Esta é uma questão que incomoda, porque, ao mesmo tempo em que foram silenciados pelas vozes de cientistas que prometiam o Jardim do Éden na educação, tratando-as como uma verdadeira evolução e que, por si só, provocaria uma revolução nos modos de ser e como atuar na sociedade, alguns se acomodaram e ficaram à espera do milagre prometido; outros, receosos com tais investidas, a seus modos e de forma sutil, cuidaram de boicotar a presença das ferramentas digitais no espaço escolar, o que conduziu a um iminente fracasso, tendo como resultado um problema que necessita de intervenção e ajustes quanto ao uso e aplicação pragmática, visando resultados positivos.

O fato de que as máquinas possuem uma elevada capacidade de armazenagem de vocábulos e dados [*que não se compara ao cérebro humano*], com a conveniência de que podem ser acionadas a uma velocidade que impressiona, isto tem levado muitos estudantes a crerem que é mais fácil dominar os princípios de algoritmo das tecnologias da informação e comunicação, ao invés de forçarem seus respectivos pensamentos a um nível mais elevado de desenvolvimento cognitivo e de

síntese. A conclusão a que se chega é que, a principal questão dos sistemas que se pretendem fazer com que raciocinem como seres humanos é, justamente, entender como raciocinam os seres humanos.

REFERÊNCIAS

BLADE RUNNER: o caçador de Androides. USA: WarnerHome Vídeo. Warner Bros, 1982. DVD: 117 min. Dublado, color, NTSC. 1ª Ed.: 1982.

DIGNUM, V. *Responsible Artificial Intelligence - How to Develop and Use AI in a Responsible Way*. Artificial Intelligence: Foundations, Theory, and Algorithms. Springer, 2019.

EU, ROBÔ. USA: 20th Century Fox, 2004. DVD: 114 min. Dublado, color, NTSC. 1ª Ed.: 2004.

GOZMAN, F. G.; NERI, H. O que, afinal, é Inteligência Artificial? In: GOZMAN, F. G.; PLONSKI, G. A.; NERI, H. (Orgs.). *Inteligência artificial: avanços e tendências* [livro eletrônico]. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, 2021.

O EXTERMINADOR DO FUTURO. USA: Hemdale Film Corporation Pacific Western Productions Cinema '84 - Orion Pictures, 1984. DVD: 108 min. Dublado, color, NTSC. 1ª Ed.: 1984.

RICH, E.; KNIGHT, K. *Artificial intelligence*. 2. Ed. s.l.: McGraw-Hill, 1991.

SICHMAN, Jaime Simão. Inteligência Artificial e sociedade: avanços e riscos. *Estudos Avançados*, São Paulo, Brasil, v. 35, n. 101, p. 37-50, 2021. DOI: [10.1590/s0103-4014.2021.35101.004](https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.004). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/185024>. Acesso em: 12 out. 2024.



Capítulo 4
**AS RELAÇÕES CAPITALISTAS NO CÁRCERE:
PERCEPÇÕES SOBRE A REPRODUÇÃO DAS
DESIGUALDADES SOCIOECONÔMICAS**

Helenória de Albuquerque Mello
Hilderline Câmara de Oliveira

AS RELAÇÕES CAPITALISTAS NO CÁRCERE: PERCEPÇÕES SOBRE A REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIOECONÔMICAS

Helenória de Albuquerque Mello

Doutoranda em Serviço Social pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba - PPGSS/UFPB (2024), graduada e mestra em Serviço Social - PPGSS/UFPB. Pesquisadora colaboradora da Cátedra Unesco de Educação de Jovens e Adultos/UFPB (2016-2017). Discente pesquisadora do Laboratório de Pesquisa e Extensão em Subjetividade e Segurança Pública - LAPSUS/UFPB e Assistente Social do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, desde 2015. E-mail: helen.mello17@gmail.com

Hilderline Câmara de Oliveira

Pós-doc em Direitos Humanos na área de concentração das Políticas Públicas, Cidadania e Direitos Humanos/UFPB. Doutora em Ciências Sociais/UFRN, graduada e mestra em Serviço Social/UFRN, graduada em Sociologia/UNINTER. MBA em Gestão Estratégica e Inovação-FOCUS. Especialista em Mediação e Conciliação de Conflitos em Educação, Saúde e Antropologia Cultural pelo Centro de Mediadores Instituto de Ensino de Brasília. Assistente Social do Hospital da Polícia Militar do Rio Grande do Norte/PMRN. Professora colaboradora da Academia de PMRN. Docente Stricto Sensu da Universidade Potiguar - UnP. E-mail: hilderlinec@hotmail.com

RESUMO

Na sociedade livre, assim como na sociedade cativa, o dinheiro também conecta os sujeitos ou os afasta; a sua ausência reduz a possibilidade de mobilidade social, reproduzindo a desigualdade social e a pobreza também no campo social da prisão. O presente artigo tem como escopo geral analisar as percepções das pessoas privadas de liberdade (PPL) sobre as relações capitalistas no cárcere e a reprodução das desigualdades socioeconômicas no espaço da Penitenciária

Juiz Plácido de Souza, unidade prisional do Sistema Penitenciário de Pernambuco. A metodologia utilizada foi a observação *in loco*, o grupo focal com as pessoas privadas de liberdade que tinha algum tipo de comércio nesta unidade, bem como a pesquisa bibliográfica e descritiva com abordagem qualitativa e análise de conteúdo. Os achados da pesquisa evidenciaram que as condições objetivas de existência das pessoas privadas de liberdade se materializam por meio de suas possibilidades em comparecer nesse mercado de consumo, que alimenta a engrenagem e movimentam a microeconomia na unidade prisional. O capital econômico e o capital simbólico acumulados possibilitam a um pequeno grupo ostentar estilos de vida diferenciados, em detrimento da maioria que vivencia a crueldade do encarceramento em todas as suas dimensões. Outro resultado relevante foi o fato de que a cantina é um dos espaços que materializam a estratificação social na estrutura social da unidade prisional, marcando diferenças e demarcando limites entre aqueles que têm posses para comparecer nesse mercado de consumo e os que não dispõem de recursos.

Palavras-chave: Prisão. Relações Capitalistas. Desigualdades Sociais.

ABSTRACT

In the free society, as in the captive society, money also connects the subjects or distances them; Its absence reduces the possibility of social mobility, reproducing social inequality and poverty also in the social field of prison. The general scope of this article is to analyze the perceptions of people deprived of liberty (PPL) about capitalist relations in prison and the reproduction of socioeconomic inequalities in the space of the Juiz Plácido de Souza Penitentiary, a prison unit of the Penitentiary System of Pernambuco. The methodology used was on-site observation, the focus group with people deprived of liberty who had some type of commerce in this unit, as well as bibliographic and descriptive research with a qualitative approach and content analysis. The findings of the research showed that the objective conditions of existence of people deprived of liberty are materialized through their possibilities to appear in this consumer market, which feeds the gear and moves the microeconomy in the prison unit. The accumulated economic capital and symbolic capital make it possible for a small group to flaunt different lifestyles, to the detriment of the majority who experience the cruelty of incarceration in all its dimensions. Another relevant result was the fact that the canteen is one of the spaces that materialize social stratification in the social structure of the prison unit, marking differences and demarcating limits between those who have the means to attend this consumer market and those who do not have resources.

Keywords: Prison. Capitalist Relations. Social Inequalities.

INTRODUÇÃO

A prisão, mundo de tempo lento, onde indivíduos criam e recriam estratégias de sobrevivência, resistem dia a dia a um tempo que adquire um compasso próprio para quem espera pela liberdade (Mello, 2022). O cotidiano prisional é um espaço permeado por ritos, linguagens, normas e simbolismos, embora essencial, não assegura relações interpessoais estáveis e não exclui do convívio cotidiano o imprevisível; neste campo social, a vida é objeto de constantes negociações, ou seja, de relações capitalistas.

Trata-se de uma convivência *sui generis* e, em alguns aspectos, destoa de qualquer outra realidade que se possa conhecer na sociedade livre. Por isso, para Borges (2020, p. 13) “é tão necessário falar sobre as prisões. Porque precisamos sair do conforto da recusa, pois, precisamos interromper a ideia de que as prisões não são sobre nós”.

Considerando a complexidade que envolve o aprisionamento, não há como dissociar a Política Penitenciária das demais políticas sociais. No atual estágio social em que nos encontramos, a leitura da realidade já não pode ser feita de forma sumária; para alcançarmos um desenvolvimento social, político e econômico, tendo por lastro uma convivência social cidadã, temos que operacionalizar ações na perspectiva do direito.

Como assevera Borges (2020, p. 28) “se as desigualdades se aprofundam nas realidades extramuros, nas prisões essas realidades são amplificadas e o contexto de desumanização é intensificado”.

Historicamente, o que se observa é o contingenciamento de recursos e a falta de uma interface sistêmica entre Política Penitenciária e políticas sociais, como: Educação, Cultura, Saúde, Habitação, Esporte, Qualificação Profissional, Trabalho, Emprego e Renda, entre outras, o que coloca as unidades prisionais do país em estado de penúria, implicando assim, no descumprimento dos preceitos do Art. 44 da Lei de Execução Penal, que aduz: alimentação e vestuário suficientes, atribuição de trabalho e remuneração, previdência social, constituição de pecúlio e proporcionalidade na distribuição do tempo para o trabalho, o descanso e a recreação (Brasil, 1984).

Por outro lado, a prisão é cenário de expiação de uma sociedade que se satisfaz com as imagens veiculadas pela mídia, que confirmam os estereótipos e

produzem uma realidade nefasta, reforçando o estigma que acompanhará as pessoas privadas de liberdade (PPL) durante o cumprimento da pena, e para além dela.

A prisão é um campo de constante segregação social, um microcosmo periférico onde habita uma sociedade contida por muros, cercas e grades, em condições de habitabilidade inóspitas. É permeado por sociabilidades visíveis e invisíveis, relações capitalistas lícitas (que acontecem na superfície) e as ilícitas (que são negociadas numa camada mais profunda), fios que urdem a microeconomia no campo social da prisão e modelam os contornos desse tecido social. Nele transitam pessoas em uma condição social homóloga, a privação de liberdade, no entanto, não exclui de alguns indivíduos a possibilidade de ostentar um *status* social, um estilo de vida que os irá diferenciar dos seus pares.

De acordo com os ensinamentos de Souza Filho (2022, p. 24) “[...], a realidade, como existente, é imaginada, mas a imaginação humana também imagina o presente e o ‘futuro’ para além do existente, para além do instituído”.

Diante do exposto, o presente estudo tem como escopo geral analisar as percepções das pessoas privadas de liberdade sobre as relações capitalistas no cárcere e a reprodução das desigualdades socioeconômicas no espaço da Penitenciária Juiz Plácido de Souza (PJPS), situada no Município de Caruaru, região Agreste do Estado de Pernambuco, vinculada à Secretaria Executiva de Ressocialização, destinada a homens sentenciados ao cumprimento de pena em regime fechado de segurança máxima.

A metodologia utilizada foi observação *in loco*, com a utilização da técnica do grupo focal com as pessoas privadas de liberdade que tinha algum tipo de comércio nesta unidade, bem como a pesquisa bibliográfica e descritiva com abordagem qualitativa e análise de conteúdo.

Cabe ressaltar que as reflexões que perpassam as relações capitalistas estabelecidas entre as pessoas privadas de liberdade e suas nuances no jogo social da prisão, são fruto de uma atividade etnográfica desenvolvida em uma unidade prisional do Sistema Penitenciário de Pernambuco, Penitenciária Juiz Plácido de Souza. Foram elaboradas, a partir de dados obtidos através de observações sistemáticas que aconteceram nos meses de maio e junho, do ano de 2022, e de grupo focal composto por oito (08) privados de liberdade, desenvolvido durante quatro (04) encontros com duração de três horas cada.

Os participantes foram escolhidos em função de suas posições no jogo social da prisão, sendo eles: reeducandos concessionados, representantes de pavilhão (chaveiro) e donos de cantina, e ainda por identificar nesses atores as condições objetivas que os fazem estar no jogo, ou seja, por movimentarem as relações capitalistas que alimentam a microeconomia na PJPS.

Na busca de compreender a microeconomia urdida neste tecido social complexo e de tecer reflexões iniciais acerca da reprodução da desigualdade social no campo social da prisão, a partir das relações capitalistas que se estabelecem entre a população prisional, mas não apenas com elas, é que adentramos no campo social da prisão.

MARCO TEÓRICO: O CAMPO SOCIAL DA PRISÃO

O sistema penitenciário brasileiro é regulamentado pela Lei de Execução Penal (LEP), Lei Nº 7.210, de 11 de julho de 1984, que determina como deve ser executada e cumprida a pena de privação de liberdade e restrição de direitos. Ainda contempla os conceitos conservadores e positivistas da justa reparação, satisfação pelo crime que foi praticado, caráter social preventivo da pena e a ideia da reabilitação. (Brasil, 1984).

No campo social da prisão, as limitações e privações impostas as pessoas privadas de liberdade, que vão desde as previstas pelas instâncias judiciárias e administrativas, até aquelas impostas pelas “normas da casa”, sem contar com as que regem a vida cotidiana nos pavilhões estabelecidas pelos privados de liberdade, serão sentidas em maior ou menor grau, em função do capital econômico e do capital simbólico que detêm – esses capitais definem quem está no jogo e quais serão meros expectadores.

Nesse sentido, iremos discorrer acerca de alguns elementos que dão os contornos desse campo social que é a prisão, onde coexistem dois sistemas: um oficial, ancorado no aparato jurídico, e um não-oficial, este não escrito. Sobre este último, basta adentrá-la para o reeducando entender como a engrenagem dos pavilhões se movimenta, qual o sentido do jogo e qual o seu local neste tecido social formado por muitas dobras.

Consoante, Faceira e Farias (2015) a prisão é um expurgo da sociedade, um aparato repressor contra as pessoas que a sociedade quer conter e isolar, mas essa

exclusão é feita a partir de um discurso de transformação, como se fosse possível tal ação, sem considerar a subjetividade de cada um.

No jogo social da prisão, as classificações sociais se apresentam nessa teia complexa, assim como na sociedade livre, definindo a posição dos jogadores e as regras do jogo, como num tabuleiro; nele, os jogadores devem sempre estar um passo à frente, e movimentam-se a partir das relações objetivas entre as várias posições por eles ocupadas, mediante suas estratégias, interesses, capitais econômicos e capitais simbólicos.

Para Bourdieu (1989, p. 144):

O mundo social, por meio sobretudo das propriedades e das suas distribuições, tem acesso, na própria objectividade, ao estatuto de *sistema simbólico* que, [...] se organiza segundo à lógica da diferença, do desvio diferencial, constituído assim em *distinção* significativa. O espaço social e as diferenças que nele se desenham “espontaneamente” tendem a funcionar simbolicamente como *espaço dos estilos de vida* ou como conjunto de *Ständ*, isto é, como conjunto de grupos caracterizados por estilos de vida diferentes.

Na Penitenciária Juiz Plácido de Souza, a permissão da circulação de dinheiro em espécie entre os privados de liberdade, a posse e a guarda de valores sinalizaram a existência de uma microeconomia nesse campo social, o que também nos sinalizou quanto a um esquema de classificações sociais, que se revelam no cotidiano da unidade prisional, mais especificamente nos pavilhões.

Como o dinheiro circula indiferenciadamente por mercados legais, ilegais ou ilícitos, a expansão mercantil conecta estes sujeitos e, por isso, também media os “acertos” entre eles, que fazem os mercados ilícitos e de mercadorias políticas (Misse, 2006a) crescerem. Assim, a mesma mão que fomenta a expansão do consumo da nova “Classe C” fomenta a violência urbana que pretensamente controlaria (Feltran, 214, p. 498).

Assim como na sociedade livre, o dinheiro na sociedade cativa também conecta os sujeitos ou os afasta; a sua ausência reduz a possibilidade de mobilidade social, reproduzindo a desigualdade social e a pobreza também no campo social da prisão.

Embora, na PJPS, qualquer reeducando possa ter a posse e a guarda de valores em espécie, existem alguns atores neste cenário que possuem uma

remuneração mensal pelo trabalho que executam, o que os fazem detentores de um capital econômico e um capital simbólico frente aos seus pares. Eles são os privados de liberdade concessionados, que se intitulam como “os lá de cima”, “os trabalhadores”, “os gatos”. Os oitenta e cinco (85) privados de liberdade concessionados na Penitenciária Juiz Plácido de Souza formam um grupo diferenciado em vários aspectos, o que conseqüentemente lhes coloca em posições privilegiadas no jogo social da prisão.

O capital simbólico de um indivíduo (mas também de um grupo, de uma instituição, de um país, etc.) é definido pelo ‘olhar’ depositado (o ‘valor’ dado) pelo resto da sociedade sobre esse indivíduo (e, respectivamente, sobre esse grupo, essa instituição, esse país). [...] É, antes de tudo, o estatuto simbólico, em sua dimensão mais concreta, que corresponde ao fato de ser ‘reconhecido’ e ‘valorizado’ [...]. Tal reconhecimento assume formas mais ou menos institucionalizadas: pode-se integrar aí o estatuto reconhecido ao indivíduo como ‘cidadão’ e os diversos direitos associados a qualquer estatuto [...] (Lebaron, 2017, p. 102-3).

Corroborando Feltran (2014, p. 497), aduz:

Todos respeitam a riqueza como signo de status. O dinheiro é objetivamente elevado ao estatuto de forma mediadora entre grupos populacionais em conflito, suplantando em muito a legitimidade da lei e da moral, que invariavelmente os afastariam.

Em outras palavras, Reishoffer e Bicalho (2015, p.17) conceituam que: “a prisão se tornou óbvia e natural, espaço de privilégios dos mecanismos disciplinares que buscavam construir um saber especializado sobre o sujeito criminoso”.

Atualmente, as desigualdades sociais no Brasil é fato preocupante, fruto do modo de produção capitalista, ou seja, a sociedade é marcada pela desigualdade, pela segregação e pela violência. O Brasil é conhecido por sua alta concentração de renda, onde o 1% mais rico da população detém 28,3% da renda total, tornando-o um dos países mais desiguais do mundo (FGV Social, 2023).

Antes de adentrar a discussão das desigualdades, é necessário ilustrar a situação brasileira em relação ao tema. Em termos absolutos, o Brasil possui a terceira maior população prisional do mundo, atrás apenas de Estados Unidos e China (World Prison Brief, 2020). Em termos proporcionais, as 755.274 pessoas privadas de liberdade no Brasil em dezembro de 2019 correspondiam a uma taxa de 359,4 presos

por cem mil habitantes (SISDEPEN; FBSP, 2020). Assim, o Brasil está na 21ª posição no *ranking* das maiores taxas de encarceramento do mundo e em termos absolutos é a 3ª maior população prisional (World Prison Brief, 2020).

Associado a este cenário há o problema da superlotação, atinge o total de 755.274 pessoas que estão presas em espaços que, formalmente, comportam apenas 422.329 pessoas, sendo a taxa de ocupação superior a 170%. Este problema torna-se ainda mais grave, quando se observa sua trajetória. A população carcerária cresceu mais do que a oferta de vagas, ao longo do tempo, o que demonstra que a situação tem piorado e que a tendência é de agravamento. No período entre 2000 e 2019, houve um aumento de 224% do número de pessoas presas no Brasil, enquanto o déficit de vagas aumentou 222,5% (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020).

De acordo com os dados da Secretaria Nacional de Políticas Penais (SENAPEN), referentes ao segundo semestre de 2023, dentre a população total de pessoas privadas de liberdade no sistema penitenciário Estadual que é de 843.871, um quantitativo de 201.380 encontra-se em prisão domiciliar com e sem monitoramento eletrônico; considerando apenas as celas físicas temos o quantitativo de 642.491 pessoas, sendo 615.615 homens e 26.876 mulheres. Com relação as pessoas que cumprem pena no sistema penitenciário Federal o quantitativo é de 517 homens (SENAPEN, 2023).

Dessa forma, o sistema prisional brasileiro, naturalmente, é afetado por tais circunstâncias, pois, à medida que aumenta sua população carcerária, agrava-se, conseqüentemente, o quadro de superlotação existente, ou seja, o país já assume o terceiro lugar em maior população carcerária do mundo, não apenas masculina, ocupamos também a terceira posição no *ranking* da população feminina em situação de privação de liberdade (Oliveira, 2023).

Os dados revelam que o cotidiano das prisões é perverso, no argumento de Heller (2008) a vida cotidiana é, heterogênea; [...] sobretudo, no que se refere ao conteúdo e a significação dos tipos de atividade. São, portanto, partes orgânicas dela: a organização do trabalho e da vida privada, [...]. Para a autora a vida cotidiana não está fora da história, mas sim “centro” do acontecer histórico: é a verdade “essência” da substancia social.

Assim, o cotidiano prisional tem suas próprias nuances, particularidades; trata-se de um campo social de precarização de vidas, vidas já pobres e excluídas em múltiplas dimensões quando em liberdade.

PERCURSO METODOLÓGICO

O desenho da pesquisa foi traçado a partir da utilização da observação in loco, com a utilização da técnica do grupo focal com as pessoas privadas de liberdade que possuía algum tipo de comércio na Penitenciária Juiz Plácido de Souza, nos meses de maio e junho de 2023, com a realização de quatro (04) encontros com duração de três horas cada.

De acordo com Minayo (2016) é preciso ter todos os cuidados necessários para a entrada no campo. Assim, “é fundamental consolidarmos uma relação de respeito efetivo pelas pessoas e pelas suas manifestações no interior da comunidade pesquisada” (Minayo, 2016, p. 54).

Na visão de Flick (2004, p. 17), “a relevância específica da pesquisa qualitativa para o estudo das relações sociais deve-se ao fato da pluralização das esferas de vida”. Pois, ela trabalha com questões que não podem ser quantificadas, como, por exemplo, crenças, valores, sentimentos, significados, concepções, dentre outros.

A escolha da técnica do grupo focal foi por julgarmos a mais adequada, para “[...] fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados [...]” (Gatti, 2012, p. 9).

O grupo focal se inicia com a reunião de oito (08) homens privados de liberdade, todos tinha algum tipo de comércio/cantina e/ou alguma função de confiança pela direção da unidade prisional. Observa-se que os participantes foram escolhidos em função de suas posições nas relações sociais da prisão, sendo eles: reeducandos concessionados, representantes de pavilhão (chaveiro) e donos de cantina, e ainda por identificar nesses atores as condições objetivas que os fazem estar no jogo, ou seja, por movimentarem as relações capitalistas que alimentam a microeconomia na PJPS.

Ressalta-se que o diretor emitiu um termo de autorização para participação da pesquisa, bem como, para gravação de voz, transcrição e utilização de suas falas, mediante o compromisso das pesquisadoras com os seguintes direitos: 1. Ter acesso à gravação e transcrição dos áudios; 2. Ter a garantia que os áudios coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a referida pesquisa e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas, livros e anais de eventos científicos; 3. Em nenhuma via de publicação as informações geradas a partir de suas

falas serão identificadas com seus nomes reais, utilizaremos nomes fictícios; 4. Os áudios serão obtidos de forma a resguardar a privacidade dos participantes; 5. Ter a liberdade para interromper a participação na pesquisa a qualquer momento.

Dessa forma, a pesquisa seguiu os preceitos éticos da Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016. Cabe salientar que todos os nomes usados neste estudo são fictícios, em cumprimento a ética em pesquisa.

Quanto ao tratamento dos dados, estes foram analisados a partir de Análise de Conteúdo que para Franco (2012), o ponto de partida é a mensagem, seja verbal ou escrita, gestual silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. Ela assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem.

No item que segue, serão apresentados os achados da pesquisa que teve como objetivo analisar as percepções das pessoas privadas de liberdade sobre as relações capitalistas no cárcere e a reprodução das desigualdades socioeconômicas, no espaço da Penitenciária Juiz Plácido de Souza.

OS ACHADOS DA PESQUISA: REALIDADE X PERCEPÇÃO

Na penitenciária Juiz Plácido de Souza é fato que além da remuneração, um outro aspecto que adquire relevo entre os privados de liberdade concessionados que trabalham nos setores do primeiro andar, inclusive com acesso ao setor de inteligência/monitoramento é a aparência. Em sua maioria são jovens, brancos, bonitos, alguns com tatuagens que não remetem ao mundo do crime, “cabelos com cortes da moda” os que usavam barba tinham-nas bem cuidadas, pele e dentes bem cuidados, alguns usavam aparelho ortodôntico, muitos usavam acessórios (anéis, pulseira, cordão, relógio, cinto, carteira, dentre outros).

Logo, não é possível percebê-los de imediato como pessoas privadas de liberdade, isso só é possível pela identificação na camisa que utilizam, onde está escrito o nome *reeducando* e o setor de trabalho.

Ademais, esses detalhes dão forma a uma aparência que não se alinha, que se distancia de um *habitus* carcerário produzido nesse campo de simbolismos que é a prisão, um campo onde pessoas que, apesar de encontrarem-se em condição homóloga, são agrupadas em classificações sociais diferenciadas. As falas a seguir retratam esse aspecto:

Para trabalhar aqui em cima tem que ter boa aparência, né, a presença é muito importante, é como se fosse um trabalho lá na rua, quando você vai procurar um trabalho lá fora, você não vai de qualquer jeito, porque quem vai te contratar olha logo para sua aparência, se você vai fazer uma boa presença, aqui também é assim. Tem um padrão para trabalhar aqui em cima, a senhora pode observar, é todo mundo na mesma linha (Reeducando, F).

No crime você fica rico e fica pobre o tempo todo, até cair e ser preso. Aqui quem trabalha é rico, tem seu dinheirinho todo mês, vai ter seu pecúlio quando sair, tem mais regalia, pode receber uma visita num dia que não é de visita, se alimenta melhor, pode comprar na cantina, pode com autorização pegar uma refeição no refeitório, pode ter na sua cela TV e som, pode organizar melhor porque vai ter condições para isso. Outra coisa importante é que tem mais acesso pra falar com a psicóloga, assistente social, advogado, médico, dentista. Agora a real é que se não andar direito fica pobre no outro dia, perde tudo (Reeducando, C).

Partindo do entendimento e reconhecimento que existe um *habitus* carcerário que engendra o cotidiano daqueles que habitam a prisão, a partir da incorporação de disposições (atitudes, gestos, linguagem verbal, linguagem corporal, etc.) próprias desse campo social, entendemos que os privados de liberdade concessionados procuram se distanciar ou não ativar as disposições que dão forma ao *habitus* carcerário.

Para Bourdieu (1989), o *habitus* como disposição incorporada depende, essencialmente, da posição do agente no espaço social, tem relação com a trajetória pessoal do agente e ainda com o capital específico que ele possui em determinado campo simbólico.

A fala de um deles revela que:

Os que trabalham são os lá de cima, os gatos, os reeducandos concessionados; os privados de liberdade, os que não trabalham, são os lá de baixo, os ratos, os maloqueiros". Aqui tem uma certa divisão, a gente que trabalha o nosso contato é mais com quem é igual a gente, que tem os mesmos pensamentos, as mesmas atitudes que a gente, as conversas lá de baixo são diferentes demais e a gente tem uma outra posição aqui dentro, somos trabalhadores, se a senhora andar lá por baixo, nos pavilhões vai ver logo a diferença entre a gente aqui de cima e os lá debaixo (Reeducando, F).

Um outro ator que se destaca no jogo social da PJPS é o representante de pavilhão, também chamado de chaveiro. Ele é um reeducando concessionado que ostenta um *status* social, um estilo de vida que irá diferenciá-lo dos seus pares, até

mesmo dos outros reeducando concessionados, que trabalham nos setores do primeiro andar da unidade prisional.

Desse modo, as falas a seguir revelam o quão complexa é essa teia social que se move com fluidez por cada canto, capturando os jogadores, definindo seus times, estabelecendo posições e limites. Como relata Lemos, (2015, p. 73) “os efeitos práticos provocados pelo sistema capitalista atingem, indistintamente, o conjunto da sociedade que não detém os meios de produção, isto é, aqueles que dependem do trabalho para sobreviver”, o que pode ser observado na fala de dois participantes da pesquisa:

Aqui na prisão é como se fosse num jogo que vai durar até o dia da liberdade, todo dia é uma partida que dura 24 horas, em cadeia não se dorme, cochila. Tem que saber jogar, aqui se joga em dois times, o lá de cima e o aqui de baixo, e nesse jogo tem que estar sempre um passo na frente (Reeducando, C).

Estar no posto de representante do pavilhão (chaveiro) é jogar em dois times, o dos pavilhões e o da administração da unidade prisional, pois, além de necessitar da confiança e do reconhecimento da direção da unidade, é preciso ser também um “considerado” dos privados de liberdade, é como caminhar no fio da navalha (Reeducando, L).

Sendo assim, é no cotidiano dos pavilhões que o sentido do jogo no campo social da prisão pode ser compreendido em profundidade, pois é na rotina cotidiana dos pavilhões que as classificações sociais se impõem e determinam qual o espaço e quais os limites para cada privado de liberdade. Conforme Bourdieu (2009, p.25),

tentar aprender as regras do jogo [...] da distinção segundo as quais as classes sociais exprimem as diferenças de situação e de posição que as separam, não significa reduzir todas as diferenças, e muito menos a totalidade destas diferenças, a começar pelo seu aspecto econômico, a distinções simbólicas, e muito menos, reduzir as relações de força a puras relações de sentido. Significa optar por acentuar explicitamente, por fins heurísticos, e ao preço de uma abstração que deve revelar-se como tal, um perfil da realidade social que, muitas vezes, passa despercebido, ou então, quando percebido, quase nunca aparece enquanto tal.

Para o autor os campos, são:

os lugares de relações de força que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas. Um campo não se orienta totalmente ao acaso. Nem tudo nele é igualmente possível e impossível ao acaso. Entre as vantagens sociais daqueles que nasceram num, está

precisamente o fato de ter, por uma espécie de ciência infusa, o domínio das leis imanentes do campo, leis não escritas que são inscritas em estados de tendências e de ter o “sentido do jogo” (Bourdieu, 1989, p. 114).

Evidencia-se que a prisão é um campo social no qual o poder pode ser sentido por toda a parte. Na PJPS não é diferente; nesse campo social, o poder econômico e o poder simbólico imperam. Nesse aspecto, a figura do representante do pavilhão (chaveiro) torna-se emblemática, ele está no topo da hierarquia do pavilhão.

Na fala de um dos representantes de pavilhão: “o chaveiro é o Delegado do pavilhão”. Vejamos as falas seguir, que retratam outros elementos intrínsecos ao poder, como: estratégias, alianças e autoridade:

Tem que fazer alianças para ter autoridade, vou lhe dar alguns exemplos, nessa cadeia aqui tenho mais ou menos uns duzentos homens por mim e no meu pavilhão tenho uns cinquenta, se acontecer um B.O. [Boletim de Ocorrência] com um privado de liberdade maloqueiro que quiser me derrubar, eu tenho aqueles irmãos de fé que fecha comigo, que vão vim em cima do maloqueiro e esse daí não vai enfrentar cinquenta homens no peito, tenho proteção, aí o pavilhão não vira (Reeducando, L).

Se um maloqueiro fizer algo que ele sabe que não pode, ter drogas sintéticas como comprimidos ou outra substância que não seja maconha, furtar objetos de outros companheiros, usar telefone celular que não seja para falar com um familiar, pra resolver alguma situação de necessidade dele como um remédio, alguma coisa que ele esteja precisando e usar para se comunicar com as organização criminosas fora ou dentro do presídio. É simples, descumpriu as regras do Presídio ou de convivência do pavilhão, eu imediatamente chamo ele e tenho uma conversa, dou uma chamada e dependendo do caso dou uma única oportunidade, agora tem casos mais graves que aí eu anoto o nome dele, mando ele arrumar as coisas e digo que o nome dele vai apara a direção. **O chaveiro é o Delegado do pavilhão, chaveiro tem muita responsabilidade, tem que ter muito jogo de cintura para ficar bem com a direção, com os Policiais Penais e com os irmãos de cela** (Grifo nosso) (Reeducando, L).

Observa-se que o cotidiano prisional é repleto de sentidos, particularidades que constituem singularidades e fatos complexos e, às vezes, até difíceis de controlar e compreender. Ou seja, um poder que não é institucionalizado. Em suma, cada cultura internaliza uma lógica que “deve ser conhecida para que faça sentido as suas práticas, costumes, concepções e, as transformações pelas quais estas passam. É preciso

relacionar as variedades de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos” (Santos, 2004, p. 8).

Conforme Foucault (1987), o poder incita e induz, sendo uma ação sobre as ações. Ele transforma as relações de sociabilidade, a dinâmica do cotidiano institucional, em especial nas prisões, onde, de um lado, os dirigentes deixam claro que o poder está com eles, como se fossem “donos” dos privados de liberdade.

Na PJPS, dezesseis (16) homens são representantes de pavilhão (chaveiro), tendo em vista que a unidade prisional conta com dezesseis (16) pavilhões. No jogo social da Prisão, eles reúnem capital econômico e capital simbólico frente aos seus pares, o que consequentemente os revestem de poder – poder simbólico na medida que representam uma parcela considerável dos privados de liberdade, estabelecendo regras de convivência, mediando conflitos, estabelecendo punições e agilizando demandas junto aos serviços ofertados na PJPS, motivo pelo qual são identificados entre os pares como chaveiro – poder econômico, pois os representantes de pavilhão também são donos da cantina do pavilhão que representam, o que lhes proporcionam uma posição privilegiada no campo social da PJPS e uma centralidade nas relações capitalistas, pois reúnem um maior volume de capital (dinheiro em espécie).

Além da remuneração pelo posto de trabalho, movimentam um comércio (cantina) de venda de mercadorias que não são ofertadas pela unidade prisional, porém indispensáveis para se viver com um pouco de dignidade. Os donos da cantina também determinam o valor de venda de cada mercadoria, formas e prazos para pagamento e ainda punição para aqueles que não honram com o pagamento.

Isto posto, evidencia-se que as prisões são reflexos da sociedade que tem como modo de produção o capitalismo, reflete não apenas que as prisões fazem parte da sociedade a qual estamos inseridos, mas sobretudo nos fornece a dimensão de sua funcionalidade enquanto mecanismo de controle e negação de direitos humanos, servindo para a manutenção e criminalização das condições de desigualdades socioeconômicas (Oliveira, 2023).

No campo social da prisão, a posse de dinheiro e de mercadoria são sinônimos de segurança e, sobretudo, de poder, e isso implica em privilégios para aqueles que os detêm. Entre eles, podemos citar a mobilidade para além do pavilhão, pois não ficam confinados durante todo o tempo, acesso e comunicação direta com aqueles que estão investidos do poder institucional, melhores condições de habitabilidade e possibilidade de estabelecer uma relação trabalhista, ainda que precária; em algumas

cantinas, existe um reeducando que trabalha como ajudante, ele é convidado pelo dono da cantina para lhe auxiliar, sendo remunerado pelo trabalho.

A cantina é um dos espaços que materializam a estratificação social na estrutura social da PJPS, marcando diferenças entre aqueles que têm posses para comparecer nesse mercado de consumo e os que não dispõem de recursos; estes representam o outro lado da moeda, aqueles que já não possuem sequer seus próprios corpos e nem mesmo podem satisfazer algumas vontades permitidas, submetidos e submergidos em um campo social que despersonaliza o ser humano desde os primeiros momentos do ingresso.

É oportuno citar Lemos (2015, p. 20) quando alega que: “o modelo socioeconômico neoliberal ampliará suas possibilidades de discriminação e marginalização entre a pessoas, entre essas formas está a de discriminação, portanto, a principal será a perda do *status* cidadão por algumas pessoas [...]”.

Vale ressaltar que as mercadorias que são comercializadas na prisão, inclusive nas cantinas, para além da lei da oferta e da procura, passam por um sistema que denominamos de preço/valor/novo preço; tem uma relação direta com quem tem a posse da mercadoria, com a necessidade de quem deseja adquirir e ainda com a finalidade (lícita ou ilícita) a qual a mercadoria atenderá.

Na prisão tudo é escasso, logo, qualquer mercadoria terá um preço elevado, as mercadorias comercializadas nas cantinas não fogem a essa máxima. Nelas, são comercializados produtos de higiene pessoal, limpeza, lanches, cigarro e pequenas refeições, entre outros permitidos pela direção da PJPS. Ademais, também são vendidas fichas para partidas de sinuca e *videogame*; o lazer na prisão também tem um custo. Logo, podemos afirmar que a cantina centraliza grande parte das relações capitalistas, o que reforça o poder do pequeno grupo que explora esse comércio.

As condições de habitabilidade, também retratam a estratificação social na PJPS; no tocante a moradia, existem duas denominações: celas e barracos. A moradia do representante do pavilhão é diferenciada, tanto com relação ao espaço, quanto com relação à variedade e à qualidade de objetos encontrados. No interior da cela, o espaço da área térrea é todo ocupado pelo representante do pavilhão, para os demais presos o espaço destinado é na laje, a qual se tem acesso por uma escada improvisada e encravada na parede do banheiro da cela.

Em uma cela na qual adentramos, essa laje tinha quatro (04) pequenas divisões. Nesse espaço, não é possível uma pessoa ficar em pé, espaço sem

nenhuma iluminação nem ventilação natural, onde cabe apenas um colchão de solteiro e alguns poucos objetos; são os barracos, espaços insalubres que se assemelham a pequenas cavernas.

De acordo com Martins (2020, p. 21) “[...]. No interior do cárcere, a lei vigente não se aplica. Há proteção constitucional e legal as pessoas privadas de liberdade, mas na prática esta não se aplica por interesse do soberano, responsável pelo espaço da prisão”.

Outro aspecto que também representa a estratificação social na PJPS é o modo como os privados de liberdade conseguem interagir com seus pares no interior da unidade prisional, e com o mundo extramuros. Um reeducando desprovido de recursos financeiros provavelmente pertencerá a uma família com condição semelhante, isso implica em um comparecimento menos frequente nos dias de visita, pois, visitá-lo gera um custo, e dependendo da localidade onde os familiares residem, poderá até torná-las inviáveis; a possibilidade de envio de correspondência (carta) também tem um custo, com papel, envelope, selo e o serviço do Correio, terão que contar ainda com a boa vontade de servidores da unidade prisional, que poderão ou não enviar a correspondência; ou seja, na prisão nada é de graça.

Além das limitações impostas pelos poucos recursos ou ausência desses, temos ainda as barreiras físicas que restringem a interação entre os privados de liberdade de um pavilhão, com aqueles de pavilhões diferentes do qual habitam. No entanto, embora a vida na prisão seja agreste, existe espaço para a solidariedade. A fala de um deles revela que:

Aqui a gente tem uma **espécie de solidariedade**, aqueles irmãos que tem mais condição procura ajudar aqueles que não tem, e tem muitos aqui nessa situação, tem os que chegam somente com uma muda de roupa, sem colchão, ou traz velho demais, aí a gente se junta para ajudar. Um dá uma coisa, outro dá outra. Tem aqueles que não tem visita, uns porque a família não tem recurso e outros porque a família abandona, esses aí só Deus mesmo na vida deles, e aqui tem muitos nessa situação, que não tem dinheiro para comprar na cantina um lanche, um produto pra sua higiene, um produto de limpeza, aí a gente se juntam e compra. Agora se um irmão desse for pego trocando ou vendendo o que recebeu de doação, esse daí não recebe mais ajuda, dependendo pode até levar uma camada de pau, mais só se for algo grave. Quando quebra uma coisa na cela ou fica velha demais agente se reúne pra comprar ou consertar. Agora também tem aqueles que não querem saber de ajudar os irmãos. (Grifo nosso) (Reeducando L).

A questão da solidariedade elencada pelo reeducando “L”, deixa claro que há companheirismo na medida do possível, uns ajudam aos outros, isso é muito comum no cotidiano da prisão, pois, em outras palavras, o que torna a vida em sociedade possível são as trocas que ocorrem, tendo por base fundamental as diferenças entre os sujeitos, em sua individualidade e coletividade, uma vez que a estrutura da sociedade está fundada sobre códigos sociais de interrelação entre os seus próprios membros e entre os de outras sociedades (Oliveira, 2013).

No tocante à interação entre eles, o lazer tem um papel importante, no entanto, para aqueles com poucas posses ou nenhuma, só lhes restará o lazer na Quadra Poliesportiva no dia destinado ao seu pavilhão, e as demais atividades – sinuca, *videogame*, baralho, dominó, dama e xadrez – terão um custo.

Para participar dessas atividades, é preciso comprar fichas que são vendidas na cantina do pavilhão. A exemplo disso, a ficha para uma partida de sinuca custa R\$ 1,00, para jogar vídeo game por 02 horas o valor é de R\$ 2,00, o jogo de baralho é com aposta entre os participantes, não sendo possível o pagamento ser realizado posteriormente, antes do início de uma partida, precisam apresentar o valor da aposta.

Diante do exposto, percebe-se que no jogo social da prisão, o capital econômico e o capital simbólico agem como uma mão invisível entre a população de privados de liberdade e se materializam nessa teia de relações sociais complexas por meio da estratificação social que impõem; não são limites físicos que separam privados de liberdade e, sim, sociais, ou melhor dizendo, são as possibilidades de estabelecer relações capitalistas no campo social da prisão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, evidencia-se na Penitenciária Juiz Plácido de Souza um campo de produção e reprodução de capital econômico e capital simbólico, que produzem e reproduzem classificações sociais; suas ressonâncias reverberam por todos os cantos e dão os contornos desse tecido social formado por muitas dobras.

Portanto, as condições objetivas de existência das pessoas privadas de liberdade se materializam por meio de suas possibilidades em comparecer nesse mercado de consumo, que alimenta a engrenagem que movimenta a microeconomia da PJPS. Nesse sentido, na prisão existe uma dinâmica social e cultural ímpar, única,

contribuindo para que o espaço prisional se configure em um ambiente de múltiplos sentidos e representações sociais.

Para além das relações capitalistas que se estabelecem no espaço das cantinas, pela remuneração da força de trabalho dos reeducandos concessionados e pela prática do escambo, tanto na dimensão objetiva, concreta, digo, pela troca de mercadorias, mas também na dimensão subjetiva (troca de favores), as falas de alguns deles sinalizam a existência de relações capitalistas que não se dão na superfície, que passamos a denominar de subterrâneas, as que não podem ser vistas, as que se movimentam no silêncio das celas. Entretanto, não foi possível nos apropriarmos em profundidade de seus meandros, pelo menos não no momento; este é um tema hermético, não se adentra nele com facilidade, é preciso estabelecer relações de confiança para penetrar em algumas camadas e conhecê-lo.

Por fim, uma sociedade periférica resiste nesse mundo de tempo lento, submetida e submergida em um tecido social sinuoso, estratificado e hierarquizado, no qual se estabelecem relações capitalistas que urdem a microeconomia na Penitenciária Juiz Plácido de Souza, mas, não apenas, definem as posições, limitações, privilégios e regalias de cada ator no jogo social da prisão, assim como na sociedade livre.

REFERÊNCIAS

BORGES, Juliana. **Prisões: espelhos de nós**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1989.

BRASIL. **Lei Nº 7210, de 11 de julho de 1984**. Lei de Execução Penal (LEP). Série Compacta. São Paulo: Rideel, 2015.

BUFFARD, Simone. **Le froid pénitentiaire: L'impossible réforme des prisons**. Paris: Le Seuil, 1973.

DIAS, Cláudia Augusto. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade: estudos**. João Pessoa. v. 10, n. 2, p. 141-148, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/330>>. Acesso em: 10 out. 2024.

FACEIRA, Lobelia da Silva; FARIAS, Francisco Ramos de. **Punição e prisão: ensaios críticos**. Rio de Janeiro, editora Lumen Juris, 2015. (Coletânea Nova de Serviço Social)

FELTRAN, Gabriel de Santis. O valor dos Pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. In: **Caderno CRH, vol. 27, nº72**, septiembre-diciembre, 2014, p. 495-512, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>>. Acesso em: 15 out 2024.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2012.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV SOCIAL. **Mapa da Riqueza no Brasil**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://ibase.br/pesquisa-da-fgv-aponta-aumento-da-desigualdade-social-apos-a-pandemia/?gad_source=1&gclid=Cj0KCQjwgrO4BhC2ARIsAKQ7zUldR7ikbFnDJT-zXNjfcGYwMjZ98Ff1q6p5D2O54zpxge8LKYkDVAaAr_iEALw_wcB>. Acesso em: 10 out. 2024.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2012.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

INSTITUTE FOR CRIME & JUSTICE POLICY RESEARCH. **Project World Prison Brief**. London, 2020. Disponível em: <<https://www.icpr.org.uk/theme/prisons-and-use-imprisonment/world-prison-brief>>. Acesso em: 10 out. 2024.

LEBARON, Frédéric. Capital (Verbete). In.: CATANI, A. M. et al. (Orgs.) **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 102-103.

LEMOS, Amanda dos Santos. Criminalização da pobreza e a culpabilização do pobre. In: FACEIRA, Lobelia da Silva; FARIAS, Francisco Ramos de. **Punição e prisão: ensaios críticos**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015, p. 63/76. (Coletânea nova de Serviço Social.)

MARTINS, Jilia Diane. **A condição do encarceramento no sistema prisional: Biopolítica e desenvolvimento como liberdade.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.

MELLO, Helenória de Albuquerque. As relações capitalistas no cárcere: hierarquia, poder e sociabilidade, fios de uma trama que urdem a microeconomia no campo social da prisão. In: **Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, 17. 2022. Rio de Janeiro.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, Hilderline Câmara de. A Pandemia da Covid/19 nas prisões brasileiras: entre os desafios e a negação de direitos. In: Silva, Vanderlan; GOMES, V. F. (Orgs). **Tramas e resistências prisionais.** São Paulo: Tela, 2023, p. 87/116.

OLIVEIRA, Hilderline Câmara de. **A linguagem no cotidiano prisional: enigmas e significados.** Jundiaí: SP: Paco editorial, 2013.

REISHOFFER, Jefferson Cruz; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. A circunscrição histórica das prisões e a crítica criminológica. In: FACEIRA, Lobelia da Silva;

FARIAS, F. Ramos de. **Punição e prisão: ensaios críticos.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015, p. 1313-26 (Coletânea Nova de Serviço Social).

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS PENAIAS. **Relatório de Informações Penais.** 14º Ciclo - Período de Janeiro a Junho de 2023. SISDEPEN. Brasília, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/senappen/pt-br/assuntos/noticias/senappen-lanca-levantamento-de-informacoes-penitenciarias-referentes-ao-primeiro-semester-de-2023/relipen>>. Acesso em: 14 out. 2024.

SOUZA FILHO, Alípio de. **Utopia para o presente: pelo fim de condições que produzem o sofrimento humano evitável.** 1. ed. Jundiaí, SP: Paco editorial, 2022.



Capítulo 5
A TECEDURA DO LOGOS NO FEDRO DE PLATÃO
Franklim Drumond de Almeida

A TECEDURA DO LOGOS NO FEDRO DE PLATÃO

Franklim Drumond de Almeida

Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (UNILESTE/MG). Mestrando e Licenciado (2022) em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), bolsista CAPES/BRASIL. franklimdrumond@gmail.com.

RESUMO

Este texto discorre sobre a atitude filosófica como caminho que começa com a admiração das realidades e concatena o discurso acerca do observado. Tem como referência o diálogo *Fedro* de Platão. Com o aporte platônico, investiga-se o caminho do conhecimento pela contemplação seguida de reflexão sobre a realidade contemplada, assim identifica o agir filosófico com a ascensão do espírito à realidade e sua representação em discursos. Esta leitura permite observar e reconhecer o papel de Platão na afirmação da filosofia como campo de saber e ação na vida pública.

Palavras-chave: Platão, Fedro, Contemplação, Filosofia Antiga.

ABSTRACT

This text discusses the philosophical attitude as a path that begins with the admiration of realities and leads to discourse about what is observed. Its reference is Plato's dialogue *Phaedrus*. Using the Platonic approach, it investigates the path to knowledge through contemplation followed by reflection on the reality contemplated, thus identifying philosophical action with the ascent of the spirit to reality and its representation in discourses. This reading allows us to observe and recognise Plato's role in affirming philosophy as a field of knowledge and action in public life.

Keywords: Plato, *Phaedrus*, Contemplation, Ancient Philosophy.

INTRODUÇÃO

“[...] pois não é a terra de Manwë que torna o seu povo imortal; foram os imortais que lá habitam que tornaram a terra sagrada; e aí vós apenas definháreis e mais depressa vos cansáreis, como borboletas numa luz demasiado forte e firme”.
(TOLKIEN, 1977. p. 264)

A advertência dos elfos aos homens no mito de R. R. Tolkien, afirmando que a tentativa de conquista da terra dos 'seres divinos' não os tornaria imortais, mas os faria definir ainda mais rápido pelo convívio com uma existência que excede suas forças naturais, pode ser aplicada como advertência quem se posta no limiar do conjunto de teorias platônicas sobre a alma.

Por um lado, nos seus diálogos, Platão afirma o parentesco da alma com as realidades imortais, como o faz no *Fédon*

mas, quando, pelo contrário – nota bem! – ela examina as coisas por si mesma, quando se lança na direção do que é puro, do que sempre existe, do que nunca morre, do que se comporta sempre do mesmo modo – em virtude de seu parentesco com esses seres puros – é sempre junto deles que a alma vem ocupar o lugar a que lhe dá direito toda realização de sua existência em si mesma e por si mesma” (PLATÃO, *Fédon*, 79d).

Por esse parentesco, a alma sossega o ser enquanto contempla as realidades mais elevadas. Com um tal acesso às coisas imortais a alma se imortaliza. É essa comunhão (*koinonia*) com a realidade imortal que torna o conhecimento supra celeste possível.

Igualmente, Tolkien quando trata da participação das realidades sensíveis nas realidades supra celestes concede às primeiras um certo grau de imortalidade. Pela participação, portanto, Platão afirma que existem graus em que uma realidade imortal se mostra “para mim é evidente: quando, além do belo em si, existe um outro belo, este é belo porque participa daquele apenas por isso e por nenhuma outra causa” (PLATÃO, *Fédon*, 100c). O que torna o corpo vivo é a presença da alma que concede vida à matéria. Ambos, como afirma Berti, conservam um grau diferente em que o princípio imortal se mostra, assim,

a diferença, no entanto, que se estabelece por força da participação é uma diferença de grau, não de qualidade: por exemplo, o que distingue o belo ele mesmo das coisas belas percebidas com os sentidos é o grau de beleza, que é o máximo no primeiro e nas segundas é inferior (2010, p. 67).

As diversas abordagens das definições sobre o homem, desde que Sócrates tenha definido o homem como sua alma (PLATÃO, *Alcebíades*, 130c.), levam Platão a abeirar-se de um grande conjunto de temas que edificam sua posição sobre o admirável construto humano. No *Fedro*, 246a-c se encontra a tentativa de conciliação

das conceituações sobre a alma/homem que foram expostas em obras como a *República*¹ e o *Fédon*², de modo que Platão afirma no *Fedro*, 246c:

Perfeita e alada, nas alturas ela caminha e o todo cósmico administra; mas a que suas asas perdeu é levada até que de algum sólido se aposse, e, pois, que aí se instalou e assumiu um terreno corpo, que a si mesmo parece mover-se pelo poder dela, chamou-se vivo o conjunto, alma e corpo ligados, e mortal foi o epíteto que recebeu.

A partir dessa síntese, Enrico Berti afirma que “o homem é a união provisória de uma alma, por sua vez feita de três partes em conflito entre si, e de um corpo de terra, isto é, material” (2010, p. 165).

No *Fedro*, são reunidas discussões sobre a identidade da alma, seu modo de se manifestar e expressar desde o ponto de vista da maturidade de Platão. É recolhendo estes elementos que o autor aborda a própria natureza da alma como imortal. Faz isto para que seja possível chegar a um saber “seguro e incontroverso que é a ciência (*episteme*)” (BERTI, 2010, p. 220). Platão apresenta o caminho a ser percorrido, como uma busca ascensional impulsionada pelo amor ao saber que é uma modulação do amor à própria existência.

Por este impulso a pessoa conhece as realidades essenciais após a confutação das aparências que distraem. No impulso ascensional da alma desde o belo corpo até o belo-em-si. No *Banquete*, 210b-211b, Platão explica que a pessoa deve, a partir da compreensão de que a Beleza é uma e a mesma em todos os corpos, realizar uma ascensão do corpo belo, aos corpos belos, às belas almas, às belas ciências e chegar ao belo em si. Têm-se um paradigma para o método dialético que deverá observar a diversidade dos conceitos e encontrar a verdade entre o concatenamento das ideias do orador.

¹ Resumo sobre a tripartição da alma na *República*: “O homem, portanto, não é só fundamentalmente alma, mas chega a ser três almas, ou três partes distintas de uma mesma alma: a alma racional (*logos*), a alma irascível ou colérica (*thymos*) e a alma concupiscente ou apetitiva (*epithymetikon*). Com essa doutrina Platão transfere para o interior da alma os conflitos que no *Fédon* localizavam-se entre alma e corpo. Pode-se dizer, então, que ele é o descobridor dos conflitos psíquicos” (BERTI, 2010, p. 163).

² “Bem; examina agora, portanto, Cebes, se tudo o que foi dito nos conduz efetivamente às seguintes conclusões: a alma se assemelha ao que é divino, imortal, dotado da capacidade de pensar, ao que tem uma forma única, ao que é indissolúvel e possui sempre do mesmo modo identidade: o corpo, pelo contrário, equipara-se ao que é humano, mortal multiforme, desprovido de inteligência, ao que está sujeito a decompor-se, ao que jamais permanece idêntico. Contra isto, meu caro Cebes, estaremos em condições de opor uma outra concepção, e provar que as coisas não se passam assim?” (PLATÃO, *Fédon*, 80b).

O filósofo, como amigo do saber que pratica a preparação para a morte, está ciente da transitoriedade das sensações e busca a estabilidade das essências. Perfazendo este caminho deve ser capaz de discorrer sobre o trajeto. O desafio da abordagem do *Fedro* se dá por sua posição dentro do *corpus* platônico e sua riqueza de tessitura de conceitos que fundamentam o pensamento ocidental. Examinemos alguns passos da reluzente obra.

TECER O LOGOS

No que podemos chamar de a segunda parte do *Fedro*, em que Sócrates interpela e discorre sobre a retórica e a superioridade da dialética, são apresentados os princípios para este método (dialético), que estruturam o agir do filósofo.

Para Sócrates “sem intenção nobre e sem amor não há filosofia pura, e sem filosofia não há verdadeira eloquência ou arte de expressão verbal” (GOMPERZ, 2000, p. 421), de tal modo ao que para quem vai discursar na comunidade é necessário: 1º “que o pensamento do que discorre saiba a verdade do que está para dizer” (*Fedro*, 259e); 2º “é preciso saber sobre quem se delibera, senão se erra tudo” (*Fedro*, 237c), ou seja, conhecer o público a quem se dirige o discurso e se pôr de acordo sobre os termos da ‘pesquisa’; e 3º praticar a dialética usando o seguinte método “primeiro, a uma só ideia em visão de conjunto levar o que está disperso em multiplicidade, para que definindo cada unidade se ponha em claro aquilo que em cada caso se quer ensinar” (*Fedro*, 265d).

Com estes três ‘fundamentos’ aquele que discursa poderá tratar sobre um tema e ser digno da atenção dos outros. Enquanto estiver preparando o discurso é bom que empreenda diálogos já que requerem “a colaboração intelectual do leitor e o distancia de qualquer imitação cega, de qualquer aceitação inquestionável de seus ensinamentos” (GOMPERZ, 2000, p. 427).

Os fundamentos propostos dispõem a prática filosófica como busca da verdade das coisas. Verdade extraída das contestações do que é semelhante e confuso até alcançar o simples e fundamental. Podemos dizer que Sócrates refuta a prática retórica representada pelo discurso de Lísias, lido pelo jovem *Fedro* no início do diálogo. Os discursos retóricos não servem à Cidade na medida em que não esclarecem a verdade, não tratam do que são as coisas, mas replicam confusões por meio da mistura do que é semelhante, construindo verossimilhança, mas jamais

cingindo a verdade, relegando a Pólis a ilusões, pois as ilusões são produzidas no pouco diferente (Cf. *Fedro*, 261a).

Para apresentar a verdade Platão desenvolve em suas obras um largo conjunto de hipóteses. Uma das mais capitais é a doutrina das essências das coisas como Ideias. Sobre as Ideias, para Berti “Platão afirma que “são no máximo possível” (*éinai hos oion te malista*) o que são, quer dizer, que elas possuem a característica da qual são expressão no grau mais elevado, ou ainda em modo perfeito” (2010, p. 66), ou seja, as Ideias são representações perfeitas de realidades fundamentais a partir das quais se pode explicar a existência do mundo.

As Ideias compõem assim o arco das coisas imutáveis, aquelas que sustentam e prefiguram de modo abstrato as aparências mutáveis com que temos contato pelos sentidos. No *Timeu*, entre os passos 27d-28a, 29b-c, é definida a diferença entre as Ideias e as realidades sensíveis por meio da noção de imitação “desse modo, o mundo sensível não é outra coisa senão imagem (*eikon*) do mundo das Ideias” (BERTI, 2010, p. 67).

No entanto, no *Fedro* e no *corpus* é possível observar que esta distinção de imagem/projeção é hipótese que envolve dois planos, o sensível e o intelectual e não dois mundos ‘empíricos’ separados. Isto fica claro ao assumirmos a apresentação da tripartição da alma no passo 246 do *Fedro* como o mito que efetivamente é. As dificuldades de a alma equilibrar-se e controlar os impulsos não estão ligadas a uma plano extra-humano, mas à experiência de viver.

A noção de imitação das Ideias pelas coisas que existem, está ligada à formação mítica grega que procurava identificar a natureza humana com a natureza exterior, ou seja, aquilo que emerge à observação desde ‘fora’ também emerge por similitude no ‘interior’ do homem, para Brague esta é uma tendência seguida por Platão, “tendência que não é a única, mas que exerceu uma influência preponderante – que concebe a vida humana a partir do modelo do universo e a excelência desta como uma assimilação a esse modelo” (2007, p. 160).

Mondin, comenta ser esta a ‘intuição fundamental’ de Platão, pois institui a relação entre realidades sensíveis/mutáveis e abstratas/imutáveis; para o autor, “esta é a causa do mundo sensível: sua participação no mundo intelectual” (1981, p. 62). Há, portanto, uma diferença fundamental entre as duas realidades. Para firmar estas diferenças, no passo 100 do *Fédon*, há uma descrição minuciosa sobre a relação entre elas, acompanhemos o comentário de Berti:

A relação entre esses dois gêneros é expressa por Platão pelo conceito de “participação” (*methexis*) ou ainda de “presença” (*parousia*) ou “comunhão” (*koinonia*). Com efeito, ele diz que “se há qualquer outra coisa bela do que o belo ele mesmo, por nenhuma razão ela é bela a não ser porque participa (*metekhei*) daquele belo” (2010, p. 67).

Ao amigo do saber (filósofo) é sugerido o caminho da dialética para identificar as semelhanças e refutá-las a fim de conhecer as ideias imutáveis e se acercar de um conhecimento seguro. Usando a razão que é “uma manifestação ativa da divindade no humano, um *daimon* por direito próprio” (DODDS, 1981, p. 205), será possível exercer tal labor, pois o conhecimento das coisas demanda muito tempo. Saber se elas são verdadeiras ou verossímeis é tarefa longa, começar por descrever com exatidão para fazer “ver a alma, se é de natureza algo único e homogêneo ou, à maneira de um corpo, multiforme; pois isso é o que dizemos que é mostrar uma natureza” (*Fedro*, 271a) é a tarefa do filósofo.

REPRESENTAR O ABSTRATO

Para concatenar o discurso sobre as representações das Ideias deve-se estabelecer conceitos e palavras usando o raciocínio discursivo que “é uma forma de saber intermediário entre a opinião, isto é, o conhecimento das coisas sensíveis, e a inteligência, isto é, o conhecimento das Ideias” (BERTI, 2010, p. 218 sobre *República* VI, 511 c-d).

A prática deste raciocínio será demonstrada como dialética no passo 270c-d em que Sócrates apresenta o método. A análise dialética deve partir da identificação da natureza. Se ela é simples ou multiforme, se é reproduzível em vários seres. Em seguida examinar a sua potência, se para agir ou padecer e com o que se relaciona. Se a análise encontrar em uma Ideia muitas formas, então é preciso enumerá-las observar se o que se viu na forma única pode ser visto em cada um dos exemplares; assim é possível identificar a natureza e discorrer sobre ela.

Aqui podemos resgatar o tema do discurso de Lísias, se o amante deve ceder mais a um amante ou a um não-amante. No passo 236a, Sócrates sugere que se deve elogiar a invenção e disposição de discursos que tratem do que necessariamente não se impõem além daquelas realidades que são difíceis de inventar, porque não são facilmente perceptíveis. A partir deste ponto podemos confirmar a diferença natural da

alma do filósofo das de outros, que encontram dificuldade em lembrar das realidades inteligíveis a partir das sensíveis. Platão afirma que muitos são tomados de vileza e esquecem-se das visões mais elevadas em razão de más companhias, assim o amante não deve dar atenção a um não-amante que pode distraí-lo.

O método dialético é aquele conforme a *República*, VII, 533c-d, que irá “eliminando as hipóteses (*tas hypothesis anairousa*), em direção ao próprio princípio, com finalidade de aí estabilizar-se firmemente (*hina bebaiosetai*)”, ao que Berti comenta da seguinte forma:

Dito de outro modo: a dialética parte de hipóteses, mas aponta para a sua eliminação; de outro lado, o princípio “livre de hipóteses”, isto é, “*anipotético*”, distingue-se das hipóteses porque não se deixa destruir, isto é, permanece firme, estável, sólido e permite, assim, aquele saber seguro e incontroverso que é a ciência (*episteme*) (2010, p. 220).

É a este ponto que o *Fedro* aponta ao descrever o que a alma vê no supra celeste e que deve ser recordado com o impulso amoroso ao belo: “pois a essência que sem cor, sem figura, sem tato, no entanto realmente é; a que só pelo piloto da alma, o intelecto, pode ser contemplada; a que é patrimônio da verídica ciência” (PLATÃO, *Fedro*, 247c). Platão elabora assim uma teoria sobre o conhecimento como intelecção do que é sem atributos sensíveis, o ser mesmo.

As Ideias são as essências com que se nomeiam as realidades, elas subsistem no intelecto, sendo conhecidas por ele como parte mais elevada da alma. O intelecto acolhe as sensações e os impulsos emocionais e os elabora distinguindo o que é perene. Assim é possível realizar o caminho desde uma admiração diante de um belo corpo até a compreensão da existência da beleza, comum a muitos seres, mas separada deles sendo fonte de emanção.

O mito do cocheiro demonstra os esforços necessários para que a alma intelectual seja capaz de alcançar as Ideias, libertando-se dos impulsos que distraem. É, pois uma dura prova, de ‘luta suprema’ (Cf. *Fedro*, 247b). Esta luta é impeditiva para que a alma permaneça sempre no mundo das ideias, mas que contemplando o a realidade como ela é, precise voltar à casa, isto é, seja novamente incorporada, podemos dizer, que volte a perceber a corporeidade e sua situação.

Não é difícil compreender por que Sócrates afirma ser este evento existencial uma espécie de delírio divino, pois, é comum nos distrairmos de tal modo que nos afastamos do corpo, nos transportando para outros lugares. O intelecto humano tem

essa capacidade e pode, pelas afecções sensíveis se dobrar a 'lugares' agradáveis e prazerosos, mas que não atingem a altivez da totalidade de sua própria alma, ficando restrito a emoções e conhecimento sensível ou talvez até científico, mas não divino, como quando se contempla as realidades mais elevadas, sendo as mais elementares e simples.

Recolhendo na extenuante luta intelectual visões das realidades elementares, a pessoa é levada a transmitir a contemplação em 'muitos discursos belos e magníficos... e reflexões' e desenvolver um 'inesgotável amor à sabedoria' por contemplar "uma certa ciência, a única, tal que o seu objeto é o belo" (PLATÃO, *Banquete*, 210d-e).

É na contemplação da Ideia imortal que o intelecto se robustece e se capacita para discursar belamente. Sócrates argumenta que "todas as artes que são grandes ainda precisam de muita conversa e alta divagação sobre a natureza; pois esta sublimidade de pensamento e perfeição de trabalho parece que é daí que advêm" (PLATÃO, *Fedro*, 269e-270^a), indicando que o esforço por compreender a natureza está em andamento, devendo ser transformado em ciência e transmitido. A filosofia aparece como recolhimento e encadeamento inteligível do que há de mais abstrato.

A ADMIRAÇÃO DA ALMA

Na admiração filosófica se encontra o início deste processo de busca por respostas sobre as realidades das coisas. É pela admiração e a intelecção de semelhanças entre as coisas, já que muitas participam de uma mesma Ideia, que se chega a uma verdadeira alavanca do conhecimento adotada por Platão: a reminiscência.

Sendo a alma imortal, o que fica claro pela apresentação do passo 245b-246a do *Fedro*, temos no *Fédon* uma apresentação das consequências desta hipótese. Mondin lê três provas sobre a constituição da alma que a capacitam para a reminiscência, vejamos o comentário:

Das numerosas provas aduzidas no *Fédon* destacam-se três como as mais importantes: a que parte do parentesco entre a alma e as Ideias, parentesco que não se desfez com a queda, porque neste mundo a alma continua em contato com as Ideias, mediante o conhecimento intelectual; a que procede da superioridade da alma em relação ao corpo; finalmente a que procede da relação especial entre a alma e a vida: a alma participa essencialmente da Ideia da vida (2007, p. 73).

Deste modo, a participação essencial da Ideia à vida, é demonstrada pela reminiscência. A reminiscência é a lembrança das coisas vistas pela alma imortal enquanto circundava o supra celeste seguindo um deus. O modo de entender do homem é pela ideia, como fica claro no passo 249b-c do *Fedro*:

Pois carece que homem entenda segundo o que se chama ideia, de muitas sensações indo à unidade, por raciocínio concebida; e isto é reminiscência daqueles seres que outrora viu a alma, quando caminhou com um deus e de cima olhou o que agora nós afirmamos que é, e para cima virou-se ao que essencialmente é.

Aqui fica claro que a alma, por sua natureza é capaz de contemplar o que ‘essencialmente é’, mas que isto lhe custa por vezes. Sendo ela tripartida, é preciso primeiro resolver o conflito interno a fim de se acercar da verdade rotunda, afastando tudo o que é verossímil, ela se sente atraída às Ideias, por causa da beleza. As Ideias imortais atraem a elevações sempre mais altas, mas por distração a alma não faz o circuito ascensional e fica parada na admiração de um belo corpo, por exemplo.

Reminiscência e imortalidade da alma são noções, portanto, intrínsecas porque comunicam a natureza da alma, que além de mover, inclui o lembrar-se das realidades imortais. De igual modo são apresentações das perfeições humanas e por isso Platão afirma “ora, quando de tais lembranças corretamente se utiliza o homem, e em perfeitos mistérios perfeitamente se inicia, é o único a se tornar essencialmente perfeito” (*Fedro*, 249c), o homem torna-se perfeito na essência ao aplicar de modo ordenado as Ideias contempladas e lembradas. Aqui já podemos afirmar o surgimento da identidade essencial humana como contemplativa.

É pela contemplação das coisas essenciais que o homem pode exercer sua perfeição, rememorando a “vida dos deuses” (*Fedro*, 248a), que contemplam sempre e sem dificuldades as essências. Platão firma a contemplação como a mais elevada experiência humana, donde nasce a própria perfeição do ser humano.

Todo este movimento iniciado pelo impulso amoroso, desde a identificação da participação em um belo corpo do belo-em-si. Portanto, o amor é impulso mediador, impulso que carece e que busca, que pergunta.

A MEDIAÇÃO DO AMOR

No discurso de Sócrates temos uma finalidade para o amor que não é só em ‘proveito’ dos amantes, mas “que é para suprema felicidade de ambos que pelos deuses lhes é concedido tal delírio” (*Fedro*, 245b-c).

O envio do amor como delírio que toma os amantes em busca do belo é a força que provoca a reminiscência, elevando as almas, se não se fixam distraidamente nos prazeres dos quadrúpedes. No *Fedro*, Platão parece elaborar, conseguintemente, uma percepção positiva do corpo, não como ostra a guardar a pérola, mas como lugar de partida para o fortalecimento da inteligência.

Sendo as realidades inteligíveis invisíveis, a pessoa deve procurar a partir do que mais perfeição aparenta – a beleza – por aquilo que é perfeito. Platão assim justifica:

pois a vista é a mais aguda das percepções que nos vêm pelo corpo e, no entanto, por ela a inteligência não se vê – pois terríveis amores esta suscitaria, se igualmente desse de si mesma uma clara imagem dirigida à vista – e tudo mais que é amável; mas agora só beleza teve esta sorte de ser o que há de mais evidente (*Fedro*, 250d).

Então, o corpo e as sensações físicas funcionam como primeiros a experimentar a reminiscência, dirigindo, se a alma bem ordenar, a atenção para os raciocínios mais intelectivos. E das sensações corporais misturadas à percepção pelo intelecto da beleza, nasce o amor, afeto reflexivo, apresentado pelos impulsos alegóricos do bom e do mau cavalo. Nasce, pois, o amor e Platão, observador magistral, nos informa:

Mas a quem, eis a dificuldade; nem mesmo o que se passa consigo ele sabe, e não pode explicar, mas é como se do outro tivesse pegado uma oftalmia: nada pode alegar que explique e, como em espelho vendo-se no amante, ele não percebe (*Fedro*, 255d).

Em meio a esta ‘confusão amorosa’ não deve o amante se deter e rebaixar-se aos prazeres elementares, mas buscar a origem de tal afeto e exercitar as partes da alma para que se aproxime com vigor, mas ultrapasse o plano do sensível. Só passando uma vida luminosa (cf. *Fedro*, 255d) o amor será instrumento para que os amantes criem asas novamente e retomem a divindade de suas almas ascendendo e permanecendo na marcha dos deuses.

CONTEMPLAÇÃO E VIDA INTERIOR

Inseridos na divina convivência das essências, as almas procuram disciplinar e persuadir o namorado às ocupações divinas, superando a ‘inveja’ e a ‘ignóbil malquerença’, “tentando leva-lo o mais possível a uma semelhança consigo mesmo e

com o deus que honram, total e absoluta, assim é que agem” (*Fedro*, 253b-c). Aqui Platão favorece a atitude dos amantes que juntos contemplam aquilo que ‘sendo sempre’ e elogia o movimento delirante, como melhor expressão da natureza da alma.

A esta tendência de assemelhar-se com o divino, como realização da essência contemplativa do ser humano, acrescentamos a necessidade de criar uma ‘proporção’ entre os movimentos da alma, pois, “a que permanece inativa e deixa aquietarem-se os seus movimentos, torna-se necessariamente mais fraca, e aquela que, ao contrário, se exercita, a mais forte” (*Timeu*, 90a). Sobre a afirmação no *Timeu*, Berti comenta que:

aqui não existem mais traços de conflito entre as almas, ou entre as partes da alma, mas recomenda-se exercitá-las todas, cada uma conforme a sua função, de tal modo que nenhuma se enfraqueça. A única advertência a levar em conta é conservar a proporção, isto é, a harmonia entre as diversas funções (2010, p. 167).

Inclua-se nesta interpretação da proporção o tema da *sofrosyne*, como anota Gomperz:

também na *República* considera-se que a essência da *sophrosyne*, que está intimamente relacionada à justiça, especialmente no conceito de Platão, consiste na limitação correta dos diferentes cursos de ação, ou seja, na coordenação correta das partes da alma destinadas a comandar e aquelas destinadas a obedecer (2000, p. 326).

É pela *sofrosyne*, virtude eminente entre os gregos, que a pessoa se assemelhará ao divino e colherá mais frutos de sua natureza, sendo essencialmente, de modo a tornar “a parte que contempla, semelhante ao contemplado, conforme sua natureza original; e tendo-a feito semelhante, atinja o fim dessa vida excelente, que os deuses propuseram aos homens para o tempo presente e para o futuro” (*Timeu*, 90c-d).

É pela proporção nos impulsos da alma, ao tornar-se consciente de uma finalidade suprema fixada pela natureza: a *eudaimonia*³ (como se conclui em *Hípias Maior*) que a pessoa experimenta os frutos da virtude. Gomperz relata que uma

³ “Assim encontramos o ideal fundamental grego da *metrotés* (moderação, justa medida). O que é bom, sábio e justo é, portanto, belo. Uma última aproximação, também afinada com as tradições mais autênticas do espírito grego, conduz a assimilar que é belo e bom aquilo que é agradável e útil. Agir bem é a condição necessária da euforia, mas a euforia, por sua vez, é a companheira inseparável da atividade virtuosa” (FUSTIGIÉRE apud PLÉ, 1984, p. 25).

conclusão do *Cármides* pode ser a seguinte: “a essência de toda virtude, a fonte da beatitude é constituída pelo conhecimento dos fins da vida, pela compreensão dos bens e dos males e da relação entre seus valores” (2000, p. 325).

A pessoa votada à contemplação chega a este conhecimento interior, que firma na alma os fins da vida e os transforma em meios para *eudaimonia*. A *sofrosyne* conduz, portanto, a um ‘bem maior’ que a ‘sabedoria humana’ e mesmo o ‘divino delírio’ não poderiam conceder:

Se então, suponhamos, conduzindo a um regime ordenado e ao amor à sabedoria triunfa o melhor da reflexão, feliz e harmoniosa a vida aqui eles passam, porque se dominam e são moderados, porque escravizaram o que em sua alma fazia nascer vício e libertinagem o que nela origina virtude; chegados então ao termo da vida alígeros e leves, das três lutas que verdadeiramente são olímpicas uma eles venceram” (*Fedro*, 256a-b).

CONCLUSÃO

“Rico eu considero o sábio” (*Fedro*, 279c) afirma Sócrates ao fim do discurso, na prece a Pã. É uma feliz conclusão após discorrer sobre a essência humana, naturalmente contemplativa, que prescindem do impulso dos sentidos para elevar-se à inteligência e, portanto, deve partir da gratuidade dos impulsos recebidos para o imensurável investimento de suas forças no caminho do conhecimento das coisas aparentes até as mais abstratas.

Este caminho deve ser trilhado após a afecção pela beleza, a reminiscência do belo e a confutação do verossímil até o alcance da elevada e simples realidade, nomeada como Ideia.

No *Fedro* temos disposto este caminho reunindo os esforços e contradições do *corpus* platônico, de modo tão estruturado como o experimentado pelo jovem *Fedro* sob a sombra do plátano, no frescor do liliço e sob a música das cigarras.

Atentos a indicação de que um discurso com arte não deve ser longo, nem breve, mas comedido; procuramos apresentar o próprio comedimento como virtude associada à *sofrosyne* que é capaz de conduzir à compreensão da finalidade da vida, por reconhecer a natureza da vida humana e alcançar a *eudaimonia*.

Deste modo, retomando o mito de Tolkien, mais do que procurar a 'terra do divino', parece que ao ser humano cabe a postura da contemplação das coisas que estão diante de si, procurando detidamente reconhecer na dispersão do mundo o essencial. Permitir, enfim, a emergência de sua potência mais elevada: a conquista do equilíbrio da alma em vista da contemplação.

REFERÊNCIAS

BERTI, E. **No princípio era a maravilha**: as grandes questões da filosofia antiga. Tradução de Fernando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

BRAGUE, R. **Introdução ao Mundo Grego**: estudos de história da filosofia. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

DODDS, E. R. **Los griegos y lo irracional**. Tradução de María Araujo. Madri: Alianza Editorial, 1981.

GOMPERZ, T. **Pensadores Griegos**: una historia de la filosofía de la antigüedad. Tradução de Carlos Guilherme Körner; J R Bumantel, *et al.* Barcelona: Herder, v. II, 2000.

MONDIN, B. **Curso de Filosofia**. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, v. 1, 1981.

PLATÃO. **Banquete**. In: PLATÃO Os Pensadores. Tradução de José Cavalcante Souza. São Paulo: Abril Cultural, v. III - Diálogos, 1972. p. 7-60.

PLATÃO. **Cármides, Lísias**. 3ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2015. Paulo: Abril Cultural, v. III - Diálogos, 1972. p. 7-60.

PLATÃO. **Fédon**. In: PLATÃO Os Pensadores. Tradução de Jorge Peleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, v. III - Diálogos, 1972. p. 61-134.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de José Cavalcante Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.

PLATÃO. **Hípias Maior, Hípias Menor**. 3ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2016.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Tradução de Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

PLÉ, A. **Por dever ou por prazer?** Tradução de Jean Briant. São Paulo: Editora Paulinas, 1984.

TOLKIEN, R. R. **O Silmarillion**. Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues. Lisboa: Publicações Europa-América, v. 216, 1977.



Capítulo 6
O LUGAR DE FALA DE DOCENTES E DISCENTES
NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
Idário Oliveira da Silva

O LUGAR DE FALA DE DOCENTES E DISCENTES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Idário Oliveira da Silva

Professor Licenciado em Letras-Português. Estudante de Mestrado em Educação, Ciência e Tecnologia pelo Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC). E-mail: dadojoice2018@gmail.com

RESUMO

O presente estudo trata da temática da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no município de Ponto Belo/ES, um tema que tem suscitado debates, mas sobre o qual ainda há muito a ser explorado acerca das controvérsias, ações políticas e aspectos sociais desse contingente da sociedade excluído da escola regular. Sua relevância científica encontra-se no fato de tratar de um assunto atual, politizado e que ainda não se encontra, devidamente explorado, pela Academia e, também, tratado à margem das políticas públicas pelo Estado. O tema deva foi analisado desde o ponto de vista didático-pedagógico, porque se trata de uma modalidade em que o estudante já é adulto, com uma experiência de vida e interesses muito definidos quanto ao que anseia para si, em termos de conquistas pessoais. Assim, há que conhecer a psicologia do objeto, a fim de se poder elaborar uma proposta condizente com a dimensão epistêmica e empírica do trabalho a ser levado a efeito. Sua relevância social encontra-se no fato de apresentar à sociedade um estudo em profundidade sobre um aspecto sociológico da EJA e que pode auxiliar outros indivíduos a buscarem uma formação educacional e mecanismos de superação através da educação. Trata-se de uma pesquisa empírica, fundamentada sobre uma sólida bibliografia sobre o tema. Como instrumento de análise utilizou-se a análise do discurso e a análise de conteúdo, por serem estes dois métodos os que melhor esclarecem as causas internas e externas do objeto. O que se encontrou, a partir deste estudo, foi que a EJA representa uma condição especial de trabalho e uma política pública efetiva e eficaz; no entanto, na contramão, os governantes parecem tratá-la como uma condição marginal. Buscou-se nesse trabalho compreender como a EJA tem auxiliado a tais indivíduos a superarem barreiras e potencializarem oportunidades de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Políticas Públicas. Cidadania. Promoção Social.

ABSTRACT

This study deals with the theme of Youth and Adult Education (EJA) in the city of Ponto Belo/ES, a topic that has sparked debates, but about which there is still much to be explored regarding the controversies, political actions and social aspects of this contingent of society excluded from regular school. Its scientific relevance lies in the fact that it deals with a current, politicized subject that has not yet been properly explored by the Academy and, also, treated outside of public policies by the State. The theme should be analyzed from a didactic-pedagogical point of view, because it is a modality in which the student is already an adult, with life experience and very defined interests regarding what he or she desires for himself or herself, in terms of personal achievements. Thus, it is necessary to know the psychology of the object, in order to be able to elaborate a proposal consistent with the epistemic and empirical dimension of the work to be carried out. Its social relevance lies in the fact that it presents to society an in-depth study on a sociological aspect of EJA that can help other individuals seek educational training and mechanisms for overcoming obstacles through education. This is an empirical study, based on a solid bibliography on the subject. Discourse analysis and content analysis were used as the analysis tools, as these two methods are the ones that best clarify the internal and external causes of the object. What was found, based on this study, was that EJA represents a special work condition and an effective and efficient public policy; however, on the contrary, governments seem to treat it as a marginal condition. This study sought to understand how EJA has helped such individuals to overcome barriers and enhance learning opportunities.

Keywords: Youth and Adult Education. Public Policies. Citizenship. Social Promotion.

INTRODUÇÃO

O mundo, de maneira genérica e o mercado profissional de trabalho estão se transformando num ritmo cada vez mais acelerado colocando a Educação de Jovens e Adultos como uma política necessária de sobrevivência e que contribua para evitar a marginalização em massa de pessoas que, por forças superiores a si próprios, não puderam ter acesso à alfabetização e aos modelos escolares contemporâneos. Como resultado dos contextos políticos e sociais o Brasil apresenta um elevado índice de analfabetismo, contrastando com sua posição privilegiada no universo econômico internacional.

O aluno da EJA é aquele que, por um ou outro motivo, não obteve êxito na luta colocada para ele, em que teve que optar pela sua formação cognitiva ou pela sua

sobrevivência física, quando ainda não compreendia muito bem os efeitos de tal escolha. Na mesma [des]proporção, esse mesmo aluno precisou abrir mão de muitas coisas valiosas para si, para poder voltar à sala de aula, já depois de adulto.

Outro ponto importante, diz respeito aos motivos pelos quais esses indivíduos tiveram como opção última esta modalidade de ensino, porque isto também reflete na qualidade do que cada um deles apresentará como potencial de aprendizagem. A tarefa pedagógica de ensinar um ser humano em formação é desafiadora, por si só; entretanto, ensinar um ser humano com vida constituída e marcado por violências sistemáticas provocadas por um estado de coisas apresenta-se como tarefa para ser muito bem elaborada e desenvolvida.

Nesse sentido, argumentam Lopes e Souza (2021, p. 37) que,

A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino, amparada por lei e voltada para pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade apropriada. Porém são pessoas que têm cultura própria. Sabe-se que o papel docente é de fundamental importância no processo de reingresso do aluno às turmas de EJA. Por isso, o professor da EJA deve, também, ser um professor especial, capaz de identificar o potencial de cada aluno. O perfil do professor da EJA é muito importante para o sucesso da aprendizagem do aluno adulto que vê seu professor como um modelo a seguir. É preciso que a sociedade compreenda que alunos de EJA vivenciam problemas como preconceito, vergonha, discriminação, críticas dentre tantos outros. E que tais questões são vivenciadas tanto no cotidiano familiar como na vida em comunidade.

O papel do professor que atua na modalidade EJA está muito além de, simplesmente, ensinar a matéria curricular; ele precisa ter a capacidade de enxergar as dificuldades de vida de cada um e saber lidar com os sentimentos que muitos deles detêm, como a vergonha de estarem atrasados no ensino em vista à matriz comum curricular, fazendo com que se sintam menos capazes de aprender e, por vezes, expressem o sentimento de incapacidade.

Destaca-se que, a educação de jovens e adultos foi a pioneira na área da educação no Brasil, pois, com a colonização, no intuito de converter os aborígenes brasileiros ao cristianismo, lhes foi ensinado a ler e a escrever. Destaca-se, ainda, outros marcos importantes devem ser lembrados no que diz respeito à educação de jovens e adultos, como a primeira vez em que esteve presente em um estatuto legal, pois por muito tempo na história ela passou esquecida e abandonada, como destaca Vieira (2004, p. 40) que,

Durante o período militar, a educação de adultos adquiriu pela primeira vez na sua história um estatuto legal, sendo organizada em capítulo exclusivo da Lei nº 5.692/71, intitulado ensino supletivo. O artigo 24 desta legislação estabelecia com função do supletivo suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tenham conseguido ou concluído na idade própria.

A EJA representa um processo interessante de desenvolvimento de experiências e trocas simbólicas, em que os indivíduos que ali ingressam já possuem uma vasta propriedade de suas vidas e existências, podendo contribuir para seu próprio crescimento intelectual, uma vez que a absorção dos conteúdos sistemáticos do currículo formal pode mostrar-se distantes de suas condições metodológicas de aprendizagem cognitiva, considerando suas atividades cotidianas.

ACERCA DA EJA

A Educação de Jovens e Adultos tornou-se tema de discussão política e social, o que deveu às Ciências Sociais Aplicadas e à Ciência Política auxiliarem as Ciências Pedagógicas e as Ciências da Educação no entendimento de sua aplicação, devendo a estas duas últimas ciências o trato direto com a investigação científica no aspecto da aprendizagem e do desenvolvimento de metodologias que se mostrem eficientes e eficazes quanto aos resultados cognitivos e às duas primeiras ciências citadas, analisar a dimensão sociológica de aplicação das leis já existentes e que novos rumos podem ser auferidos na garantia do direito público subjetivo de natureza social à educação a todos que dela queiram usufruir, conforme disposto na Carta Magna, promulgada em 05 de outubro de 1988.

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil possui uma trajetória que ultrapassa o próprio desenvolvimento formal da educação formal no país. Ela remonta aos primeiros momentos de contato entre os colonizadores europeus e os povos indígenas nativos, quando a catequização, a alfabetização e a transmissão da língua portuguesa foram utilizadas como meios de imposição cultural sobre os aborígenes.

Desde o período colonial, a catequização dos indígenas representou uma das principais preocupações dos missionários e colonizadores. Com a chegada dos

jesuítas ao Brasil, no século XVI, foram criadas missões e aldeamentos com o objetivo de converter e educar os indígenas na fé cristã e na cultura europeia.

Essa história de catequização e assimilação cultural dos povos indígenas representa um dos primeiros passos da educação no Brasil e representa, ainda, um dos pilares iniciais da EJA no país. A educação, nesse contexto, servia como um elemento cultural, visando à transformação das identidades e valores dos nativos de acordo com os interesses dos colonizadores. Em 1854, surgiu a primeira escola noturna no Brasil, conhecida como *Escola Noturna de São João de Ipanema*, localizada na província de São Paulo (atual estado de São Paulo). O objetivo principal dessa escola era, justamente, alfabetizar os trabalhadores adultos que, ainda, eram analfabetos.

Esta iniciativa do Estado de São Paulo tinha como propósito combater o analfabetismo e proporcionar a oportunidade de educação para os trabalhadores que não podiam frequentar a escola durante o dia devido às suas atividades laborais. As aulas ocorriam à noite, permitindo que essas pessoas pudessem estudar após o término de suas jornadas de trabalho.

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

A Educação de Jovens e Adultos no estado do Espírito Santo está presente no Plano Decenal de Educação do Estado, diretamente vinculado ao que preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LEI 9394/96), em que a transforma em política pública efetiva, visando auferir àqueles que não puderam ter acesso à educação formal nos períodos respectivos de infância e adolescência, a oportunidade para uma formação adequada no campo intelectual do saber erudito.

O Estado do Espírito Santo realiza a oferta nas modalidades de ensino fundamental II e ensino médio, ficando a cargo dos municípios a oferta do ensino fundamental I, quando não há nenhuma intercorrência que justifique a cessão do modo de trabalho ao Estado por causa de força maior, como é o caso da Educação Prisional, em que se trata de uma modalidade especial da EJA ofertada aos indivíduos que se encontram privados, temporariamente, da liberdade.

O Estado do Espírito Santo já ofertou esta modalidade de ensino ainda quando era programa do Governo Federal Militar, como parte do Movimento Brasileiro de

Alfabetização (MOBRAL), parte efetiva da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1971 (Lei 5692/71).

Na atualidade, a EJA tem sido distorcida de seu papel original, que é o de oferecer melhores condições de oportunidades aos jovens e adultos que, por algum motivo, não puderam estudar na idade considerada certa para a alfabetização. Ocorre que, com o elevado índice de distorção idade-série, fenômeno que vem se tornando mais grave a cada ano, os gestores têm feito uso da mesma a fim de corrigir tal deficiência no sistema educacional brasileiro e, no estado do Espírito Santo, a taxa de matrículas “é composta predominantemente por alunos com menos de 20 anos [*de idade*], que representam 45,2% das matrículas” (Brasil, 2021).

PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E NO ESPÍRITO SANTO

A primeira discussão mais profunda que se pode tecer em relação à Educação de Jovens e Adultos é no sentido de entender qual seria o eixo norteador da mesma, no que se refere a um princípio teórico-metodológico. Criou-se, a partir de um estado de convencionalismo que o *Método Paulo Freire* é o fio condutor da prática pedagógica aplicada na aprendizagem de estudantes jovens e adultos.

Começa-se, aí, com o primeiro dos atropelos, porque, apesar da maioria repetir a história de seu feito em Anjicos (PE) com trabalhadores, quando o professor assume a sala de aula, o seu contexto de interpretação da realidade passa a ser aquele mesmo que já aplicou durante as suas duas jornadas diurnas, aos estudantes do ensino regular; ou seja, apresenta aos estudantes da EJA uma condição de aprendizagem que não coaduna com sua vivência.

Neste sentido, Santin (1986, p. 69) vai argumentar que, “a Educação de Jovens e Adultos, ainda que nos pareça indicar para o simples domínio do alfabeto, da grafia e da leitura, ela, obrigatoriamente, nos leva para uma outra instância, que significa não somente uma atividade referente à língua, mas a toda uma ordem social, política, econômica e cultural à qual pertencemos”.

O que fica revelado, na apropriação dos conteúdos e estudos sobre a EJA, é que a Academia e os pesquisadores da área de educação, em geral, e aqueles dedicados à pesquisa no campo da Didática, em específico, não criaram um método

de aprendizagem que permita a esta modalidade destacar-se como uma vertente da educação básica.

Para se pensar um princípio teórico-metodológico para a EJA, ter-se-ia, antes disto, que definir os seus parâmetros nos campos da educação, desde os semânticos até os objetivos políticos de longo alcance e respostas econômicas, mensuradas via crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Da forma como tem sido preconizada, pautada na discussão ultrapassada e repetitiva de que se trata de um instrumento de resistência e de formação integral do homem, visando à criação de um cidadão crítico e participativo, termina por afastar os interessados em aprender a tornarem-se proativos a partir da aquisição de novos conhecimentos. Sendo a EJA uma ferramenta pragmática de aprendizagem, natural que ela exija [*e não somente proponha*] a formação de um homem pragmático, o que tomaria como ponto de partida todo um conjunto de ideias e princípios focados na resolução de problemas e no desenvolvimento de um caráter empreendedor.

Os princípios teóricos e metodológicos da EJA acabam, por vezes, sendo confundidos com lutas de grupos que buscam reparação histórica e preceitos de igualdade social, o que faz com que ela seja interpretada a partir de um caráter reparador e equitativo. Mais uma vez, defende-se a tese de que o seu papel é o de promover o desenvolvimento do pensamento individual em direção a um objetivo.

Devido ao fato de não se ter estudos complexos, profundos e de longo alcance e período acerca da EJA e seu público, possibilitando conhecer a sua realidade e como esta impacta sobre os indivíduos, considerando a fala do professor Manuel Tavares (2012) de que a vida urbana e a vida rural se mesclaram a tal ponto que os anelos dos indivíduos já não podem mais serem mensurados através de crenças e resultados de pesquisas antropológicas realizadas na década de 1970.

O indivíduo pode não ser alfabetizado; no entanto, é capaz de discutir geopolítica, economia, intempéries naturais, cataclismas, mercado, entre outras coisas, ressaltando os seus limites e deficiências intelectuais na interpretação e compreensão por causa da ausência de uma formação acadêmica sólida, mas, conhece dos temas e onde buscar respostas. A sua leitura de mundo já não é mais pura e ingênua como pregou Paulo Freire (1921-1997), no final da década de 1960 e durante a década de 1970. Ela está atravessada pela informação em massa que o cidadão da contemporaneidade tem amplo e livre acesso.

O LUGAR DE FALA DE DOCENTES E DISCENTES

Este tem sido um assunto problemático e que, antes de se começar a explicar a condição do objeto-alvo deste estudo, há que fazer esclarecido que a EJA não é uma condição marginal da educação; ela é uma política pública de ação constitucional; portanto, reconhecida como um instrumento de valor social, que visa ao interesse do Estado em relação ao bem-estar do cidadão. Neste sentido, é preciso ter o cuidado intrínseco de ressaltá-la como algo a que o cidadão possa acessar, de acordo com sua vontade deliberada; mas, deve existir para tanto.

A relação das pessoas analfabetas com o mundo letrado é algo bastante diverso e complexo de ser entendido fora dos seus próprios modos de senti-lo, percebê-lo e interpretá-lo. O mais grave problema que se atravessa é o de que alguns burocratas e políticos demagogos tentam expressar a interpretação que somente cabe a cada um dos que, de fato, se enquadram nesta lógica. Embora essas pessoas não possuam habilidades empíricas de leitura e de escrita, elas estão imersas em uma sociedade que valoriza a comunicação por meio da linguagem escrita, ou seja, o mundo atual é regido pela cultura letrada. Nesse contexto, é possível observar algumas formas pelas quais as pessoas analfabetas se relacionam com o mundo letrado, as quais serão apresentadas, descritas e discutidas.

No que se refere à *oralidade e transmissão cultural*, Basanta (2008) revela que, pessoas analfabetas frequentemente se envolvem na tradição oral, transmitindo conhecimentos, histórias, lendas e valores de geração em geração. Através da linguagem falada, eles preservam aspectos importantes da cultura e história do seu povo. Este é um aspecto filogenético e, também, ontogenético, porque da mesma maneira que a humanidade não nasceu dotada do conhecimento da escrita, o ser humano, também, ao nascer, passa por longos anos sem sequer sabê-lo e, mais tempo, ainda, sem dominá-lo.

Já sobre a memória coletiva, Domínguez (1986) argumenta que, mesmo sem acesso à língua escrita, os indivíduos analfabetos têm uma memória coletiva que é passada oralmente. Elas podem lembrar eventos importantes da história de sua comunidade e contribuir para a preservação da identidade cultural.

A interação com alfabetizados representa uma questão complexa, porque os indivíduos analfabetos interagem com aqueles que possuem habilidades de leitura e escrita, seja por meio de familiares, amigos, membros da comunidade ou profissionais

(como professores, médicos, entre outros). Essas interações permitem que elas se beneficiem indiretamente do conhecimento registrado (Araújo e Souza, 2018)

Outra questão interessante de se analisar são as representações visuais e símbolos, em que apesar de não saibam ler, as pessoas analfabetas podem reconhecer e interpretar alguns símbolos, logotipos, imagens e gráficos comuns presentes em seu ambiente. Isso pode auxiliar na orientação, em compras e na interação com algumas informações básicas.

Ao enfatizar a educação dialética e inclusiva, Freire busca que as pessoas atinjam seu máximo potencial criativo, pois acredita que, ao se tornarem sujeitos críticos e reflexivos, elas são capazes de se libertar das amarras impostas pela cultura do silêncio e pela exclusão social. Para este pesquisador, desumanização é um dos maiores desafios enfrentados pela sociedade contemporânea. Ele acreditava que a educação deveria ser um processo libertador, no qual as pessoas não apenas absorvem informações passivamente, mas são encorajadas a pensar criticamente sobre o mundo ao seu redor. Esse pensamento crítico permite que os indivíduos entendam as estruturas sociais, políticas e econômicas que os cercam, identifiquem opressões e desigualdades e sejam capazes de agir para transformar a realidade.

Freire enfatizava a importância de unir ação à prática da reflexão. Para ele, o conhecimento só se torna significativo quando é aplicado na prática, permitindo que as pessoas experimentem o mundo real e vejam os resultados de suas ações. A reflexão sobre essas experiências alimenta um novo ciclo de aprendizado, em que as pessoas revisam suas ações, ampliam seus conhecimentos e ajustam suas abordagens.

A desumanização é um conceito fundamental em sua obra. Ele argumentava que a opressão, a marginalização e a exclusão social negam a humanidade das pessoas, tratando-as como objetos ou coisas em vez de sujeitos dignos de respeito e consideração. A desumanização pode assumir várias formas, como a negação de direitos básicos, a perpetuação de estereótipos e preconceitos e a exploração econômica e social.

Segundo Paulo Freire (1997), a superação da desumanização e o caminho para a liberdade envolviam a conscientização das estruturas opressivas e a busca por uma educação libertadora, baseada no diálogo, na participação ativa dos alunos e na transformação da sociedade. Ele via a educação como uma ferramenta poderosa para

emancipar as pessoas e promover uma sociedade justa e inclusiva, na qual todos pudessem alcançar seu máximo potencial criativo e viver com dignidade.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) pode contribuir significativamente para a recolocação de jovens e adultos no mercado de trabalho, no município de Ponto Belo/ES, por meio de diversos fatores e negociação, como qualificação e desenvolvimento de habilidades, pois essa modalidade de ensino oferece a oportunidade para que jovens e adultos adquiram novos conhecimentos e habilidades relevantes para o mercado de trabalho. Isso inclui o aprendizado de habilidades técnicas específicas, atualização em áreas profissionais ou o desenvolvimento de habilidades socioemocionais importantes, como comunicação, trabalho em equipe e resolução de problemas.

A aquisição de novas habilidades e conhecimentos, considerando que a EJA oferece oportunidades para que os jovens e adultos adquiram novas habilidades, competências e conhecimentos, que podem ser relevantes e valiosos para suas carreiras profissionais, foi um fator importante para a promoção de jovens e adultos no trabalho de diversas maneiras. Essas habilidades como liderança, comunicação e capacidade de resolver problemas, que são valorizadas pelos empregadores, melhoria da qualificação profissional contribuíram para o crescimento profissional e promoção no trabalho.

PERCURSO DE APRENDIZAGEM NA EJA

A aprendizagem é uma conquista, ao fim de um longo caminho em que se une o interesse individual e as oportunidades de acesso aos conhecimentos que os professores e as experiências podem proporcionar. Tudo isto pode ser interpretado como uma construção intelectual que, cada qual vai desenvolvendo, com base em seus propósitos, o que faz de cada conquista uma situação muito particular e, cada história narrada é uma oportunidade de estudos e questionamentos acerca dos rumos que a educação formal vai tomando, no País e que objetivos ela propõe a cada estudante.

Esta afirmação pode parecer estranha, quando se pensa estar em uma democracia; mas, o que não se explica para ninguém é que todo processo educativo formal e, por tal expressão se faça compreender, produzida e aplicada pela burocracia estatal determina os fins a que se destinam os investimentos pedagógicos e didáticos.

Com a EJA não é diferente, apesar de se continuar a crer que, pelo fato de o indivíduo já possuir uma estrutura de vida e ideais amplos, a ideologia política em vigor não o atravessa. Esta falta de noção sobre o interesse público na formação intelectual de todos os cidadãos, crendo que seja unicamente a sua libertação [*sabe-se-lá-de-quê*], a sua transformação em indivíduo crítico é o que tem levado a gestores a não darem prosseguimento aos programas de educação voltados a adultos.

CONCLUSÃO

Após a realização de um estudo extenso e comprometido em compreender a Educação de Jovens e Adultos como uma política pública efetiva, aproxima-se de um entendimento de que ela não passa de um cabresto político, através do qual os detentores do poder controlam e manipulam a população, oferecendo-lhes uma expectativa que não se sustenta e, quando tudo se arrasta para um fim trágico e decepcionante, o que alegam é que os estudantes não possuem perspectivas de vida e isto leva ao fracasso pessoal e, como consequência de todo o programa educativo.

Ficou demonstrado que, quando há empenho, por parte da gestão, em auferir seguridade aos estudantes, estes se empenham e superam as dificuldades que, naturalmente, existem advindas de questões como idade, dificuldades em compreender os componentes curriculares, cansaço, família, trabalho, distância e horários das aulas. Os depoimentos coletados de ex-estudantes da EJA conferem seriedade aos programas, aos estudantes e aos professores e, em nenhum momento, eles pediram que houvesse qualquer tipo de facilitação para que continuassem suas jornadas educativas.

Esta dissertação ainda buscou compreender a Educação de Jovens e Adultos no município de Ponto Belo/ES, região norte do estado do Espírito Santo, em que a oferta da mesma vem atravessando processos de descontinuidade, devido a um processo de gestão que se fundamenta nas decisões tomadas como forma de garantir o fechamento das contas públicas e não no aspecto de compromisso assumido com os cidadãos municipais.

A EJA, desde sua criação, ainda sob a Companhia de Jesus (os Jesuítas), no século XVI, que o seu papel é o de inserir os indivíduos no mundo letrado, permitindo que possam auferir dos mesmos direitos que aqueles que tiveram acesso à educação formal; isto em tese, porque a trajetória de vida de alguém que não frequentou escola

ou que teve que abandoná-la por força maior é muito distinta de quem não teve que passar por tal situação existencial. Um tipo complexo de medo e insegurança quanto à vida em meio aos muros da escola os afligem e, na maioria das vezes, abandonam os estudos por pressões internas, medos infantis que retornam na idade adulta e com os quais não sabem lidar de maneira adequada.

Os vários documentos que orientam a EJA apresentam lacunas complexas e difíceis de serem corrigidas, principalmente, porque não se tem outro interesse que a oferta de uma educação que permita ao indivíduo alcançar o *sonho do diploma*, quando o mais dinâmico seria levar este estudante à aprendizagem significativa, vinculando prática e teoria, como forma de superação da realidade que os atravessa. Porque é isto o que ocorre ao homem; ele é atravessado por todas as situações que o circundam, indo desde o desejo de superação até o êxito em sua jornada. E, através dos depoimentos coletados, apresentados, descritos e registrados neste trabalho, chega-se à comprovação de tal evento.

A partir da entrevista da Senhora Secretária Municipal de Educação de Ponto Belo/ES permite vislumbrar um perfil de interpretação da realidade da EJA, em nível local e mesmo em nível nacional. O simples fato de ser colocada como uma modalidade excepcional de educação e não como uma modalidade que se insere na educação básica, ainda que atenda a jovens menores de 18 anos de idade, já revela que sua existência é uma forma de o governo reduzir as estatísticas de analfabetismo na população com idade superior a 15 anos e, não, necessariamente, uma *política de estado* que tenha qualquer interesse em beneficiar, diretamente aos cidadãos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Liliâne Rodrigues de; SOUZA, Sérgio Rodrigues de. *Educação de Jovens e Adultos: Conceito, Fenômeno, Paradigma*. São Paulo: PerSe, 2018.

BASANTA, Maria Concepción González. *Estrategia didáctica para el desarrollo del pensamiento lógico de los profesores generales integrales de secundaria básica en formación inicial*. (Tesis en opción de grado de Doctor en Ciencias Pedagógicas). La Habana: Instituto Superior Pedagógico “Enrique José Varona”, 2008.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 5.692*, de 11 de agosto de 1971.

BRASIL. *Resumo Técnico do Estado do Espírito Santo Censo da Educação Básica 2020*. Brasília: INEP/MEC, 2021.

DOMÍNGUEZ, Consuelo Viciado. *Direcciones metodológicas para el perfeccionamiento del curso de Historia Contemporánea en función de su contribución a la formación de la concepción científica del mundo en los estudiantes*. (Tesis en opción de grado de Doctor en Ciencias Pedagógicas). La Habana: Instituto Central de Ciencias Pedagógicas de Cuba, 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luzia Silva. *EJA: uma educação possível ou era utopia? Disponível em: http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf. Acesso em 10 de jul. 2024.*

SANTIN, Silvino. *Educação Física: Temas pedagógicos*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

TAVARES, Manuel. Palestra ministrada no Instituto Pedagógico de Vitória. Março de 2012.

VIEIRA, M. C. *Memória, história e experiência: trajetórias de educadores de jovens e adultos no Brasil*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belos Horizonte, 2006.



Capítulo 7
FRACASSO ESCOLAR NO CONTEXTO DA
EDUCAÇÃO BRASILEIRA
Sérgio Rodrigues de Souza

FRACASSO ESCOLAR NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Sérgio Rodrigues de Souza

Pedagogo. Sociólogo. Pesquisador. Consultor Científico. E-mail:

srgrodriguesdesouza@gmail.com.

RESUMO

Este ensaio aborda a questão do fracasso escolar no contexto da educação brasileira, em que se buscou analisar as causas subjetivas deste processo. Sua relevância científica se encontra representado no interesse em encontrar umnexo causal entre o conseqüente fracasso dos estudantes no que se refere à aprendizagem e o discurso de enfraquecimento do poder docente diante do avanço das tecnologias da informação e comunicação. Sua relevância social se apresenta no sentido de mostrar à população que o problema da decadência educacional no país se fundamenta em uma proposta muito ampla de destruição do sistema como um todo, produzindo uma geração que se apóia em tecnologias digitais, abandonando os sistemas tradicionais de desenvolvimento cognitivo e intelectual. Trata-se de um ensaio, produzido a partir da práxis pedagógica do autor e em estudos empíricos já levados a efeito e concluídos. O fracasso escolar, que era para ser algo vergonhoso e execrável na história de vida de todo homem, tornou-se motivo de orgulho, se é que se pode utilizar esta expressão, porque semanticamente, ela significa *Eu*, ou seja, ser *menos* onde todos, indistintamente, deveriam ser *mais* e o desejo de superação a única fala a ser repetida em todos os instantes. Inconscientemente, o desejo de superação oculta o medo do fracasso; no entanto, quando este desaparece do sentimento, nada mais importa. Com isto, o estudante perde a sua visão de futuro, não fazendo planos ousados e de interesses particulares; para ele, o que importa é a coletividade, a média, a massa, o rebanho. Ausente os desafios inerentes à construção da personalidade intelectual do estudante, a tendência é que a média de conhecimentos e avanços intelectuais vão sendo reduzidos a cada ano, o que dá a pseudo impressão de que a geração atual possui coeficiente intelectual menor que o das gerações que a precederam na história.

Palavras-chave: Fracasso escolar. Educação brasileira. Projeto de fracasso da educação brasileira. Consumo do fracasso da educação brasileira.

ABSTRACT

This essay addresses the issue of school failure in the context of Brazilian education, seeking to analyze the subjective causes of this process. Its scientific relevance is represented by the interest in finding a causal link between the consequent failure of students in terms of learning and the discourse of weakening the power of teachers in the face of the advance of information and communication technologies. Its social relevance is presented in the sense of showing the population that the problem of educational decline in the country is based on a very broad proposal to destroy the system as a whole, producing a generation that relies on digital technologies, abandoning the traditional systems of cognitive and intellectual development. This is an essay, produced based on the author's pedagogical practice and on empirical studies already carried out and concluded. School failure, which should be something shameful and execrable in the life story of every man, has become a source of pride, if one can use this expression, because semantically, it means I, that is, to be less where everyone, without distinction, should be more, and the desire to overcome is the only thing that is repeated at all times. Unconsciously, the desire to overcome hides the fear of failure; however, when this disappears from the feeling, nothing else matters. With this, the student loses his vision of the future, not making bold plans and personal interests; for him, what matters is the collective, the average, the mass, the herd. Absent the challenges inherent in the construction of the student's intellectual personality, the tendency is for the average of knowledge and intellectual advances to be reduced each year, which gives the pseudo impression that the current generation has a lower IQ than the generations that preceded it in history.

Keywords: School failure. Brazilian education. Project of failure of Brazilian education. Consummation of the failure of Brazilian education.

INTRODUÇÃO

O discurso assumido pela conjuntura educacional brasileira é a de que a escola, os professores e todos aqueles envolvidos, direta e/ou indiretamente, no processo de construção da estrutura personológica cognitiva e intelectual dos estudantes se tornem responsáveis pelo fracasso dos mesmos. Esta é uma condição muito perigosa e que funciona como um salvo-conduto para que os alunos não se esforcem a fim de superar os desafios postos pela existência, como sói natural de ser e pela sociedade, preocupada que sempre está [*ou assim deveria*] em construir cidadãos melhores e aptos à gestão da coisa pública.

Com esta ideia, que parece humanista e altruísta, o próprio Estado cria a sua ruína através de um grupo de estudantes que, a cada dia, vão se tornando mais e mais fracassados enquanto os seus professores se debruçam, de maneira exaustiva, na tentativa de compreender [ou de descobrir] onde estão errando; em que podem melhorar suas práxis e, o mais intrigante é que quanto mais se assumem como responsáveis pelo fracasso de seus estudantes, mais passam a serem vistos como fracassados em suas carreiras profissionais. Isto tem se tornado um ciclo vicioso que apenas transforma a educação em alguma coisa que se faz, porque sem o diploma auferido após anos de presença em uma escola, encontra-se alijado da vida; mas, que não representa nada na vida da maioria dos brasileiros. A capacidade de ler e de escrever com fluência não se aprende e, automaticamente, não se concretiza, uma vez que nem chegou a ser experimentada.

Na mesma medida, a condição de análise e interpretação fica muito aquém do mínimo necessário para se ingressar em um mundo sistematizado e complexo, por sua própria natureza intrínseca. Ausentes estas duas ações indispensáveis à existência, tudo na vida se torna incompreensível ao indivíduo o que o leva a buscar soluções para o problema junto a autores e pseudo intelectuais, tão ou mais desqualificados que ele próprio e o resultado é a criação de um ídolo, simplesmente, porque este novo ser, inspirado pela ignorância, explica o mundo de uma forma tão cristalina que consegue impressioná-lo, lógico que é da maneira como este débil mental deseja que seja, não da forma como é e se apresenta.

Não conseguindo transformar-se em alguém forte o suficiente para enfrentar o mundo, passa a ingressar em grupos iguais a ele que, também, lutam para transformar o mundo em um lugar aonde ele não seja excluído por suas ideias esdrúxulas e desconexas da realidade objetiva. Com isto, a disciplina vai, aos poucos, desaparecendo e o professor se transformando em um mero animador de platéia, agora batizado com o epíteto de dialógico, entendendo por isto que, mantém-se como alguém que não pode contestar qualquer ideia apresentada por seus estudantes, por mais ridícula que se mostre; isto porque, no processo evolutivo da educação, eles foram transformados em *clientes*; logo, detém sempre razão sobre tudo.

Neste contexto, o professor não precisa se fazer comprometido com o fracasso do estudante; ele é a personificação do fracasso da educação, o espelho através do qual o aluno vai se observar e enxergar o seu futuro. Porém, com o tempo, não se

interessa mais em se ver refletido neste, parando de admirá-lo, porque ao fazê-lo admite o seu próprio fracasso como destino inevitável e infalível.

O fracasso escolar, que era para ser algo vergonhoso e execrável na história de vida de todo homem, tornou-se motivo de orgulho, se é que se pode utilizar esta expressão, porque semanticamente, ela significa *Eu*, ou seja, ser *menos* onde todos, indistintamente, deveriam ser *mais* e o desejo de superação a única fala a ser repetida em todos os instantes. Inconscientemente, o desejo de superação oculta o medo do fracasso; no entanto, quando este desaparece do sentimento, nada mais importa. Com isto, o estudante perde a sua visão de futuro, não fazendo planos ousados e de interesses particulares; para ele, o que importa é a coletividade, a média, a massa, o rebanho.

O QUE DETERMINA O AVANÇO INTELECTUAL: O ENSINO OU A APRENDIZAGEM?

A resposta para este questionamento clássico é óbvia; mas, vai aparecer alguém para defender uma integração entre o ensino e a aprendizagem; porque acreditar nesta condição tornou-se moda entre os pedagogos e aqueles que crêem entender de didática. Tudo isto porque no exato instante em que descobriu-se que a aprendizagem é o elemento determinante do avanço cognitivo, do desenvolvimento da criatividade e, como consequência, a inteligência, conquistado através da experiência e não do ensino retórico, os ideólogos correram para dizer que métodos adequados de ensino colaboram para um aprendizado mais significativo, ou seja, mais retórica para encobrir o medo pueril de ser preterido na construção da estrutura intelectual do estudante.

Ocorre que, a aprendizagem está vinculada ao interesse do indivíduo em aprender alguma coisa. Parte-se deste pressuposto e de aí em diante o que lhe for ensinado deve ser submetido ao critério de valor e aprofundamento da matéria até que se ultrapasse aquilo que lhe foi ofertado pelo professor. Neste sentido, não há fracasso; pode haver dificuldades em compreender uma proposta ou outra e aí procura-se interferir de modo a auxiliar o estudante a superar os pontos que se mostram obscuros ao seu entendimento e domínio cognitivo.

A aquisição de conhecimentos teóricos é uma parte do desenvolvimento da cognição, em que, ausente a presença do objeto de estudos, o indivíduo está livre

para criar as mais diversas representações imagéticas sobre ele, auferindo-lhe formas e distinções que podem se provar verdadeiras ou não quando de seu contato direto com a realidade empírica sobre a qual se pretenda realizar a sua experiência epistêmica. O compromisso da educação e do professor deve estar centrado neste ponto de inflexão, bastante complexo, por sinal, uma vez que nem todas as escolas possuem campos experimentais e quando os possuem, não está no currículo e, para piorar, este mesmo documento não contempla nada além de atividades de abstração e planos para um futuro que somente existe na cabeça dos estudantes, ou seja, muito distantes da realidade onde vivem.

Para o indivíduo que não estuda, de forma sistemática, gastando seu tempo em leituras de textos curtos disponíveis na rede, dispostos em telas de computador ou celulares, aquelas pequenas cenas de dados apresentados na forma de recortes, completamente descontextualizados, passam a ser verdades inquestionáveis, auferindo-lhes autoridade epistêmica e poder de discussão como se fossem eruditos. Esta postura impressiona aqueles que querem acreditar que esta geração é muito preparada e vinculada com os fatos e ocorrências cotidianas. Ocorre que ela se perdeu, por inteiro, em meio ao canto das sereias da tecnologia, não compreendendo nem ao menos o conceito de tal e muito menos a sua real função social como objeto de auxílio no processo de desenvolvimento individual e coletivo.

Toda vez que os pensadores (sic) da educação vão fazer alguma interferência no âmbito da mesma, alegam que o fracasso da educação brasileira [*nunca dos estudantes*] é o professor que insiste [*para não dizer resiste*] em manter as estruturas tradicionais de ensino, focando em si mesmo, não valorizando os saberes e as experiências (sic) dos estudantes. Sendo assim, a solução é mudar o foco do professor para o aluno e, *voilà*, tudo vai ser resolvido e o sucesso resplandecerá no horizonte.

Os resultados das avaliações cartesianas e positivistas que se utilizam na educação brasileira apenas mostram números, estes que podem, muito bem ser manipulados, incluindo a noção de aprendizagem e domínio dos conteúdos sistemáticos. O problema está em que, em um país de dimensões continentais como o Brasil e com um sistema universalizado de atendimento educacional o único mecanismo de avaliação que pode ser aplicado é o de modelo estatístico, que apresenta médias de resultados e que, ao final dá um parecer sobre o País e não sobre os estudantes e seu intelecto. Revela que a educação não está bem; mas, não

mostra o que, de fato, precisa ser empreendido na solução do problema, até porque não se sabe qual é o real problema a ser enfrentado.

Cria-se salas e programas de reforço para os estudantes que não atingem média nas avaliações ou que, de fato, possuem dificuldades cognitivas de aprendizagem enquanto aqueles que estão na média ou acima dela ficam entregues às suas próprias condições de estudo e suporte educacional. Parece que odeiam quem está acima da média, deixando-os abandonados à própria sorte. Francis Bacon (1561-1626) afirma que até a inteligência mais austera e dedicada necessita de suporte, porque a gama de oportunidades que se apresentam àqueles que buscam conhecimento pode levá-lo a deduzir coisas que o desviem do que realmente interessa e esteja ligado ao escopo de sua investigação.

É sempre necessário esclarecer que aprendizagem é o resultado da experiência que o indivíduo atravessa pela interação mecânica e subjetiva com o objeto de estudo. Durante esta interação de caráter e interesse epistêmico aprende, inclusive, que este possui uma psicologia própria, um comportamento *sui generis*, que se expressam, muito particularmente, em relação ao tempo e ao espaço e que precisa considerá-los caso deseje avançar na aquisição de conhecimentos.

Isto já dá conta de apresentar o fenômeno da aprendizagem como algo complexo e que está muito além de absorção de conteúdos sistemáticos e sua armazenagem na memória; faz-se necessário que, uma vez que atravesse o filtro individual, possa ser mobilizado em condições de aplicabilidade na solução de problemas e criação de oportunidades e inovação. Da forma como se tem tratado as questões didáticas, em especial, nas escolas controladas pelo Estado, o que se vê é apenas apreciação do poder de repetição de velhas fórmulas criadas por figuras decrépitas elevadas à condição de ídolos.

Nietzsche (2008) já argumentou neste sentido, dizendo que a sociedade moderna adotou os valores epistêmicos de homens de índole duvidosa e que, ao se analisar os seus escritos, em nada contribuem para a ampliação do pensamento crítico-científico. A maioria se acostumou a tomar grandes bufões como homens de grande sabedoria e suas ideologias patéticas como grandes ensinamentos a serem seguidos de modo *incontesti*. Isto gera o problema da não-divergência de pensamento, que pode ser interpretado como convencionalismo, em que um grupo se convence de que aquilo que acreditam é a mais autêntica verdade e todo o resto deve acatá-la como tal, sem dirigir qualquer tipo de questionamento em relação a ela.

Isto leva a outro problema antigo e que persiste no Século XXI, o de que a educação, depois dos gregos, se tornou um sacerdócio, uma profissão de fé e que, ao fim de anos de dedicação à aprendizagem doutrinadora, tem-se um novo sacerdote, um vigário e não um cientista, porque a postura adotada pelo recém-ordenado é a da obediência cega aos preceitos da Academia, jamais os tomando como parâmetros capazes de auxiliá-lo na produção de conhecimento, na construção de situações criativas e na inovação técnico-científica.

A educação brasileira apostou em milagres apresentados pelos teóricos que a UNESCO ofereceu, sob o pseudônimo de teorias e, com isto, a única coisa que conseguiu de fato, foi distanciar, ainda mais, os estudantes da experiência, levando-os a crer que através da leitura de autores com forte presença midiática ou de vídeos curtos disponíveis na rede mundial de computadores eles podem auto intitular-se intelectuais e eruditos. Este adoecimento didático da educação a levou a criar espaços particulares fundamentados em uma intelectualidade que só consegue convencer a si mesma de que *está muito bem, obrigada!*

Nietzsche (2007, s.p.) argumenta que, “o homem doente vive a falta de sentido, [e que, por esta razão] não tem a capacidade de afirmar-se, não pode suportar a dor e [como consequência última] cria mundos e planos, onde procura descansar e se esconder.” Este é o local onde se situa a educação brasileira, que devido ao modelo de Estado Federativo, acaba contaminando todo o sistema, sem que um estado ou município possa escapar da patologia, começando que o currículo é elaborado a partir das diretrizes nacionais, ou seja, muito pouco se tem a fazer em direção a uma condição de aprendizagem eficiente e que possa auferir autonomia aos estudantes. Terminam que, após muitos anos de escolaridade, em que lhes prometeram a tão sonhada liberdade para serem mais, descobrem que estiveram presos dentro de uma gaiola e que, se quiserem sobreviver fora dela terão que adotar um novo senhor e, para suas angústias particulares, descobrem que tudo o que lhes falaram sobre o mundo, enquanto estavam sendo aprisionados, tem-se revelado verdades *incontesti*, ou seja, seus professores estavam certos.

O estudante fracassa não porque não se esforçou o suficiente para superar as dificuldades inerentes ao sistema; apenas porque este é excludente e se não houver indivíduos para lutar contra ele não haverá futuro. É tudo uma construção disparatada em que o Estado passou a cultivar sentimentos de aversão a si mesmo, através de

profissionais pagos por ele e, por mais que se tente demonstrar qualquer intenção de mudar as coisas, o esforço empreendido, neste sentido, desmente tal intento.

A todo instante, alguém cria uma nova proposta metodológica com a intenção de solucionar o problema da educação; mas que, quando se questiona qual é este problema de que tanto se fala, ninguém sabe dizer; exatamente, porque ele não existe, na íntegra. O agravo está no desiderato de querer romper com uma norma da natureza que é imutável: todos são diferentes, com potenciais e interesses distintos e o formato de construção epistêmica padronizada que se adotou, tendo como grande centro de modelação a escola, não consegue despertar o interesse de todos da mesma forma; alguns até nem mesmo se interessam por ela e, surgem aqueles que afirmam que isto não pode acontecer; considerando uma aberração que exista, ainda, em pleno século XXI indivíduos que se negam a ir para a escola para serem educados [*quando na verdade são adestrados de acordo com a ideologia dominante*], serem algo mais na vida, serem alguém, serem alguma coisa, destacando todo o preconceito contra aqueles que não estudam nos centros de formação doutrinária de sacerdotes. Alegam que estes não possuem visão de mundo, pensam pequeno, não pensam no futuro e ainda desorientam quem sonha em crescer na vida.

A única coisa que a educação consegue, com muita eficácia, é tornar o indivíduo ordenado por ela, em um ser obediente e mutilado cognitivamente [*um eunuco intelectual*], aprendendo a adorar ídolos, enaltecendo todo tipo de traste intelectual que não consegue criar nada de relevante para a sociedade; cuidando sempre para que permaneça infantilizada e os encarem como grandes sábios e eruditos. Desta forma, nem o ensino se mostra interessante e a aprendizagem deixa de acontecer, porque o desafio intelectual desaparece do ambiente escolar e, por extensão, do ambiente social.

A aprendizagem humana é uma resposta aos desafios constantes apresentados pela sociedade que exige dos indivíduos uma solução plausível e coerente com os recursos de que dispõe os envolvidos; a isto, pode-se denominar criatividade e inovação, esta última acontecendo quando o produto surge como algo que não existia antes, como uma peça inédita, capaz não só de resolver problemas antigos, como de proporcionar avanços nos processos de desenvolvimento intelectual em diversas áreas, porque atua em cadeia.

Depois que a Academia se transformou em conventos medievais que, qualquer inovação e criatividade podem apenas serem desenvolvidas por quem tenha sido

ordenado em suas águas sagradas, o indivíduo passa quase duas décadas recebendo as luzes dos sacerdotes que foram iluminados, sem *direito* a produzir nada de útil à sociedade, na expectativa de que algum dia, ao ser iluminado, também fará uma revolução e, para garantir a manutenção deste sonho idílico, o Estado promete um sem fim de coisas que ajudem a este sonhador a alcançar o seu intento, que não é o de mudar o mundo; apenas de conseguir ser ordenado e, quando termina sua jornada sacerdotal e não se realiza, a culpa é pelo fato de que não alcançou a luz; logo, não pode operar o milagre da transformação com o qual tanto sonhou desperto.

Isto faz com que se crie uma geração de profissionais que não conseguem ir além da discussão rasa e superficial sobre assuntos os quais deveria apresentar nível elevado de conhecimento. Isto não é visto como fracasso pelo Estado, porque o indivíduo conseguiu levar o seu curso até o fim e receber a sua licença para atuar como um técnico em sua área. Por fim, o que se tem é o próprio Estado, através de suas paróquias, disfarçadas de escolas, transformando a todos em objetos de fracasso do sistema, representando o que se tem como de melhor a oferecer: nada! Mas, como afirma Nietzsche (1844-1900), o homem prefere o nada a nada preferir! E assim se constrói uma nação de fracassados que, para a gestão, trata-se de um processo humanizado de inclusão, o que faz aqueles de coração mole [*para não dizer que possuem o cérebro na mesma condição*] exaltarem o plano de ação em favor de quem não consegue superar um sistema cruel e desumano que exclui e humilha a maioria.

Há sempre que esclarecer que, a superação tem um custo elevado, que é o esforço incessante em atingir os objetivos e alcançar as metas colocadas pelo próprio indivíduo e não pela sociedade, considerando que estas são de livre adesão; ninguém está obrigado a agradar a quem quer que seja, a não ser que se dedique a isto e invista seu tempo e sua disposição para tanto. No caso dos professores, que são profissionais contratados pelo Estado, os seus desejos particulares não podem se sobrepor aos de seu empregador e, neste conflito, terminam por ceder e se comprometem com o fracasso do estudante, crendo que estão investindo no sucesso destes. Quem não se esforça para aprender algo jamais aprenderá qualquer coisa; aprendizagem não se dá por osmose ou por retórica; é produto direto e determinado pela experiência e somente através dela.

O PROJETO DE FRACASSO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A educação pública brasileira fracassa, junto com os estudantes, porque deseja não apenas mudar a natureza das coisas, como também deseja mudar a cultura de um povo através do ensino. Obrigam os professores a ministrarem conteúdos que nada tem a ver com a didática e a exigência do mercado, o que conduz à negação dos estudantes em aprender (sic), o que é óbvio, porque aquilo que está sendo ensinado não agrega nada e ainda censura todo tipo de diversão comum à fase adolescente e, quando todo o projeto naufraga, a culpa é do professor, que não soube cativar os seus alunos para uma visão humanística da vida.

Para piorar, o professor acata esta inversão sobre si e sua capacidade e se mostra disposto a empenhar-se mais na transformação de seus alunos em verdadeiros humanos, esquecendo-se de que sua função como técnico é a de ensinar e de fomentar o desejo de aprendizagem e domínio de alguma técnica, seja ela a Biologia, a Física, a Matemática, as Letras e a Literatura, a Arte e suas variadas expressões. Qualquer coisa que se posicione fora deste escopo é determinante de insucesso, porque todo esforço dirigido em favor de quem não se interessa pela transformação individual é vão.

Criaram uma série de propostas em que se presume que a construção de um ideal de vida, um projeto de visão de futuro profissional, teórico é a solução para se ter um jovem engajado na busca por uma existência superior. Lógico que a ideia nasce da cabeça de burocrata que, além de não serem pedagogos, não possuem a mínima experiência com processos educativos ou com psicologia. Os anseios de desenvolvimento pessoal e de formação superior estão, diretamente, vinculados ao convívio com determinado campo do saber e da experiência. Geralmente, os jovens seguem as carreiras de seus pais quando vêem estes realizados, afetiva e intelectualmente, nelas e não exclusivamente pelo poder aquisitivo ou *status quo*.

Para que alguém sonhe uma profissão e uma ocupação futura precisa que se envolva afetivamente com ela, encontrando traços imperfeitos na forma como é conduzida e a partir daí passa a sonhar que ele está destinado a tornar-se perito naquele campo e poderá corrigir aquela deficiência que sua intuição permitiu perceber. O ser humano, em sua essência, é um ser pragmático; procura, de alguma forma, mostrar-se útil a alguém ou a alguma coisa. Quando percebe que sua existência é marcada pelo vazio e pela impossibilidade de fazer algo que transforme a realidade à

sua volta, todo seu entusiasmo se esvai e o que resta é o estudante cumprindo uma agenda, uma formalidade.

No caso brasileiro, em que todo o processo educativo é pensado e coordenado a partir de burocratas que se situam cada vez mais distante da realidade de sala de aula, do ensino e da aprendizagem, é natural que tomem suas incapacidades pessoais como professores para determinar qual é o ponto de inflexão do fracasso da educação nacional. Revelam a todo instante que o Estado tal e qual estão despontando nos exames externos de larga escala; mas, não revelam qual é a metodologia utilizada e nem qual a didática aplicada no processo. Se, por acaso, aventar de acompanhar um grupo de estudantes para tentar compreender os resultados, isto soa como ofensa pessoal; logo, não pode fazê-lo; afinal, os resultados falam por si só; são fatos científicos e, contra fatos não há argumentos. No entanto, para todo fato, que seja considerado como científico, há uma explicação [*plausível*], sendo este objeto pacífico de submissão ao princípio da refutabilidade e da repetibilidade empírica.

A primeira tarefa de um sistema fracassado é criar uma narrativa de sucesso e torná-la intocável, não permitindo mesmo qualquer tipo de questionamento sobre si e seu funcionamento e, sendo ela e todo o mecanismo, objetos de infinita perfectibilidade, toda e qualquer coisa que, eventualmente, venha a dar errado, tem como culpado o aplicador, nunca o objeto-alvo ou a técnica. Ao se obrigar aos professores a que adotem isto como verdade inquestionável, todo o processo educativo já foi corrompido e tudo o que produza é passível de julgamento duvidoso quanto ao seu valor humanístico e formativo.

A CONSUMAÇÃO DE FRACASSO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A educação brasileira dá os seus primeiros sintomas de decadência quando se recusa a admitir a necessidade de uma avaliação de seus princípios e mecanismos de atendimento pedagógico e didáticos. Utiliza comparações com resultados numéricos absolutos apresentados por países que são ilhas quando comparados com as dimensões continentais do Brasil e, na tentativa de se aproximar dos mesmos dados estatísticos começam a divulgar mecanismos de ação na forma de palestras e oficinas, através das quais o tempo disponível mal possibilita a explanação da proposta.

Como forma de solucionar os índices vergonhosos de repetência, a saída é baixar a nota necessária para aprovação e, se ainda assim o estudante não alcançar a famigerada média, cabe ao professor ajustar a situação até que o aluno seja aprovado e, se por acaso, o docente se recuse a praticar tal vigarice acadêmica, a Escola detém este poder, através de um mecanismo, devidamente articulado, que se convencionou chamar de *Colegiado*. Geralmente, este é um grupo que não estuda os problemas técnicos relacionados à educação, adotando uma visão patética da existência na tentativa de ajustar o mundo aos indivíduos e não o contrário.

Os fracassos nas escolhidas metodológicas não param; por último, decidiram que os resultados pedagógicos seriam definidos por competências e, o mais estranho disto é que pretendem gerar condições de competências nos estudantes a partir de estudos teóricos, memorísticos e, completamente, desvinculados da realidade objetiva. Esta ausência de participação no campo da objetividade induz o indivíduo a criar uma estrutura psíquica onde produz uma realidade subjetiva e, a partir dela modela o mundo a sua imagem e semelhança. Como isto não funciona, rebela-se não contra a escola e seus métodos falidos de ensino e técnicas retrógradas de aprendizagem; sua ira se vai contra o sistema financeiro.

A escola é um dos poucos departamentos humanos que pode manter-se o mais distante possível da influência capitalista e sua mediocridade intelectual, exatamente, porque ela propõe o pensar, a análise profunda das coisas e as situações, estando de posse de material que representa a sua base de estudos e experimentações. Uma das mais intrigantes posições da escola é a sua necessidade de manter-se sobre bases pedagógicas e didáticas tradicionais, porque o pensamento humano não tem seu desenvolvimento fundamentado no evolucionismo darwiniano; cada ser humano necessita ser ensinado desde os primeiros contatos com a mãe e a família até a aprendizagem dos símbolos sociais, a língua de sua nação, os costumes, a tradição e a participação social e coletiva. Ainda que nasça já em um mundo tecnificado, os seus processos filogenéticos não sofrem alterações por causa deste avanço tecnológico no qual o homem contemporâneo está imerso.

Os ideólogos da educação e do desenvolvimentismo tecnológico tomam a impressionante tecnologia disponível montando-a sobre as bases de um pensamento desprovido de qualquer nexos causal com a condição *sui generis* da espécie humana. Isto apenas demonstra que de antropologia não entendem nada e, não raro soltam algumas pérolas fantásticas, como que tentando convencer aos ouvintes incautos de

que os humanos da atualidade já nascem mais preparados do ponto de vista gnosiológico que seus antepassados. Alegam que, em épocas recentes, os bebês nasciam com os olhos fechados e que agora já nascem com os olhos abertos... e isto leva a platéia ao delírio! Eis a questão desafiadora: os bebês recém-nascidos contemporâneos já nascem dotados da capacidade de enxergar?

O que sofreu mudanças drásticas não foi o campo filogenético e sim o campo sociológico. O ser humano é uma espécie única em todo o globo, com muito pouca diferenciação genética sendo responsável por toda a diferença que se revela aos olhos. Os aspectos sociais e climatológicos de cada nação exercem pressão muito mais intensa sobre os comportamentos e expressão genética que os genes em si; destacando, assim que o homem é uma expressão de sua sociedade. Assim sendo, a escola e seu currículo são expressões da ideologia política que determina o comportamento da comunidade na qual está inserida.

Ao se negar a compreender a educação formal como produto e/ou consequência deste paradigma fenomenológico político, tem-se a *causa prima* da decadência do pensamento e de todo o empreendimento pedagógico e didático que é aplicado aos estudantes, porque passam a atuar em uma direção do conflito que não se mostra produtiva e nem inferencial sobre o problema; apenas oferece oportunidade para a promoção de aulas vazias de conteúdos recheadas com discurso rebelde promovido pela ignorância total das condicionantes sociológicas.

Todos, indistintamente, foram induzidos a acreditar que a escola e sua metodologia patética de ensino representa a mola mestra da sociedade, o grande fenômeno que se revelou capaz de auferir ao ser humano contemporâneo a capacidade de resolver os problemas existenciais que acometem a sociedade. Basta dar a todos os estudantes um pouco de cada coisa e, *voilà*, a natureza cuida de manifestar o restante da capacidade inata que o homem já traz em si como herança divina. Na contramão disto, a natureza exige experiência antes de poder conceder competência, tendo o indivíduo que desenvolver alguma habilidade que se mostre útil a si e ao seu coletivo.

Ancorados neste pensamento, completamente desprovido de nexos causal, criou-se a fórmula mágica para o fracasso iminente na educação, que se revela nos resultados observáveis na sociedade como um todo; não nos exames e testes padronizados, para os quais se desenvolveram cursos especializados, de tão previsíveis que se tornaram. Ocorre que a existência é imprevisível e, o máximo que

se pode conseguir é estar preparado tecnicamente para se confrontar os desafios com coragem, sabedoria e perseverança e saber, ainda, ajustar-se às exigências epistêmicas que eles revelam. Isto se refere a resolver o problema obedecendo aos preceitos da psicologia do objeto e não aos interesses particulares do pesquisador.

Este tem se mostrado como um desafio intrigante, porque tem-se buscado resultados que agradem a todos, quando, em uma democracia, qualquer política pública tem o objetivo de atender ao máximo possível de indivíduos, não significando nem mesmo que este máximo corresponda à maioria; o que se discute é seu efeito pragmático para o bem-estar da sociedade, como um todo. Este pensamento tem se tornado complexo, porque os processos políticos de desenvolvimento social estão se afastando dos locais onde mais se precisa da presença efetiva do Estado, efeito expandido pelos supostos intelectuais que vêm no ente referido como um estorvo e que se mostra a serviço exclusivo da elite. Na contramão, a população se sente abandonada por quem, de direito, deveria salvaguardar a sua existência, proporcionando-lhe uma vida digna e segura. Mas, estes cidadãos são silenciados e, em seu lugar, alguns ideólogos falam por eles, deixando a impressão de que o povo é quem não deseja a presença do Estado em seus espaços existenciais.

Esta ausência efetiva do Estado, não compreendida como um jogo político perverso, orquestrado contra ele e contra o povo, criando a discórdia entre ambos, na mais nítida projeção de dividir para conquistar, em que a escola, e todo seu séquito de supostos pensadores, tem se tornado o principal instrumento de divulgação em massa, em favor da efetivação desta ideologia. Isto reflete diretamente, na qualidade da educação, porque a cada novo ensino, tudo o que é ofertado é entendido e interpretado como mecanismos de manobra do Estado em desfavor do bem-estar do cidadão, o que já gera, de imediato, resistência àquele conteúdo apresentado didaticamente. O estudante, nem ao menos, procura compreender o conteúdo que lhe está disposto, já classificando-o, aprioristicamente, de ideológico, sem nem ao menos saber o sentido semântico e sociológico do preceito que envolve uma ideologia.

A atual geração de pseudo pensadores e supostos eruditos tem se achado no direito e até mesmo no dever de ressemantizar o léxico linguístico, crenes de que com isto, atribuem valor aos indivíduos. O problema é que, neste processo de ressemantização do aspecto linguístico do presente, toda a semântica do passado passa a ser vista, interpretada e compreendida como mero objeto de reificação da espécie humana, a serviço de uma elite que deseja conservar o seu *modus operandis*.

Ou seja, não existe um projeto significativo de desenvolvimento do pensamento crítico; há, nada mais que uma síntese mal projetada e mal conduzida de uma ideia que pode resultar em algo, algum dia! Isto é uma ideologia *ex nihilo*, em que para estes indivíduos nada nasce do nada, e suas propostas advêm da necessidade de dar equilíbrio a uma situação que consideram insustentável; no entanto, acabam produzindo uma nova situação sociológica, esta sim, insustentável, porque dentro dos muros subjetivos da escola tudo é maravilhoso e perfeito; mas, no mundo objetivo da sociedade, tudo deve ser conquistado e as leis pensadas como ideais não aplicam a ela.

O conflito gerado pela realidade subjetiva *versus* a realidade objetiva e sua incapacidade de adaptá-la a si e ele a ela conduz ao estado de depressão e alienação dos jovens através dos mais diversos tipos de drogas (lícitas e ilícitas), culminando no suicídio. Este representa o ponto final de decadência da educação brasileira, em que não mais consegue oferecer aos seus estudantes uma visão de futuro que os permita sonhar com ela e através dela construir uma carreira.

CONCLUSÃO

O que se procurou abordar, neste ensaio, foi a condição de fracasso do ensino educacional brasileiro que, durante a fase de formação fundamental, entendida desde os 4 anos de idade até os 17 anos, não consegue construir um indivíduo com capacidade crítica, entendendo por isto, condições mínimas e eficientes de elaborar perguntas e formular dúvidas pertinentes aos assuntos que estuda, além de não apresentar domínio sobre as ciências básicas, a leitura, a interpretação textual e a matemática e seus ramos científicos e o raciocínio lógico.

Pode-se deduzir que tudo seja culpa do modelo metodológico adotado, em que se passou a considerar o estudante como alguém mais bem informado que seu professor, como se o simples acúmulo de informações pudesse ser interpretado como conhecimento erudito. Esta situação conduziu a um descrédito com relação aos professores, como se estes estivessem à margem do desenvolvimento epistemológico da sociedade.

Este é um pensamento bizarro, porque quem produz avanços no sistema epistêmico de uma sociedade são os professores que, coletam dados nas atuações humanas cotidianas e propõem argumentações que possam aprofundar as

discussões sobre os processos de desenvolvimento social. O discurso supracitado fez com que os professores tomassem tal ideologia como verdade absoluta, deixando aos estudantes a obrigação de desenvolverem seus componentes didáticos, sem qualquer orientação docente, o que leva à produção de uma quimera, não ao avanço científico esperado em comparação com o esforço implementado.

O sistema, já caduco em meio ao seu fracasso metodológico, resolveu buscar um culpado para a decadência que se abateu sobre toda a educação e não poderia ser outro senão o professor, que não se encontra preparado e até mesmo resistente às mudanças que se operaram no mundo pós-moderno. Estava pronto o meio e o fim da decadência do sistema educacional e a receita para o fracasso na aprendizagem dos estudantes, porque não havia mais incentivo e cobranças para seu desenvolvimento em busca de experiências e análises sociais, uma vez que, tudo já está explicado através de um clique em seu computador pessoal e que, agora, evoluiu para o seu celular.

Ausente os desafios inerentes à construção da personalidade intelectual do estudante, a tendência é que a média de conhecimentos e avanços intelectuais vão sendo reduzidos a cada ano, o que dá a pseudo impressão de que a geração atual possui coeficiente intelectual menor que o das gerações que a precederam na história. Não se pode desconsiderar tal questão como sendo uma verdade; a diferença entre elas é que o acesso às informações, em épocas anteriores à atual, era mais complexo e moroso, o que exigia que a função mnemônica dos humanos fosse mais aguçada e mais efetiva, mostrando-se mais eficiente empiricamente.

A fim de encontrar uma solução, a saída foi baixar o nível da nota mínima para aprovação; com isto, que tinha a intenção de reduzir os índices de reprovação, teve o efeito reverso, levando a um aumento exorbitante em estudantes que não atingem esta média e, mais uma vez, o Estado dobra a aposta neste sentido, culpando o professor pelos resultados pífios dos alunos e, ainda não satisfeito, obrigam a estes a se comprometerem com o fracasso dos estudantes.

Mais uma vez, não compreenderam a psicologia do objeto e os resultados se tornam mais pífios ainda, demonstrado pelos exames internacionais, como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), em que neste ano (2024), o Brasil ficou 10 pontos abaixo da média da OCDE, destacando que desde 2014 a média dos estudantes brasileiros, nas três áreas avaliadas pelo PISA, caiu substancialmente. A solução plausível para este problema é a intervenção direta na

promoção de desafios aos estudantes, através de situações de experiência, tendo a teoria como resultado da experiência e não como a realidade objetiva a ser adotada como verdade absoluta.

REFERÊNCIAS

BACON, F. *Novum Organum*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. [Obra publicada, originalmente, el 1620].

NIETZSCHE, Friedrich. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Escala, 2007.



ISBN 978-658339200-8



9 786583 392008